

Jolanda Lourenço Leite

*Gênero, família e
representação social da velhice*



B I B L I O T E C A U N I V E R S I T Á R I A

Gênero, família e
representação social da velhice



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

Reitora *Nádina Aparecida Moreno*

Vice-Reitor *Berenice Quinzani Jordão*



eduel EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

Diretora *Maria Helena de Moura Arias*

Conselho Editorial *Abdallah Achour Junior
Edison Archela
Efraim Rodrigues
José Fernando Mangili Júnior
Marcia Regina Gabardo Camara
Marcos Hirata Soares
Maria Helena de Moura Arias (Presidente)
Otávio Goes de Andrade
Renata Grossi
Rosane Fonseca de Freitas Martins*

Iolanda Lourenço Leite

Gênero, família e
representação social da velhice



Londrina
2013

Catologação na publicação elaborada pela Divisão de Processos
Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L533g Leite, Iolanda Lourenço.

Gênero, família e representação social da velhice /
Iolanda Lourenço Leite. – Londrina : Eduel, 2013.
1 Livro digital. – (Biblioteca universitária)

Inclui bibliografia.

Disponível em : [http://www.uel.br/editora/portal/
pages/livros-digitais-gratuitos.php](http://www.uel.br/editora/portal/pages/livros-digitais-gratuitos.php)

ISBN 978-85-7216-683-6

1. Velhice – Aspectos sociais. 2. Idosos – Condições
sociais. 3. Representações sociais. I. Título.

CDU 362.6

Direitos reservados à

Editora da Universidade Estadual de Londrina

Campus Universitário

Caixa Postal 6001

Fone/Fax: (43) 3371-4674

86051-990 Londrina – PR

E-mail: eduel@uel.br

www.uel.br/editora

Impresso no Brasil / Printed in Brazil
Depósito Legal na Biblioteca Nacional

2013

*A minha mãe, Luísa Varollo, que teve a sabedoria de ensinar-me a encontrar forças para
vencer os obstáculos, e trilhar com firmeza
o meu caminho – minha eterna gratidão
Ao meu pai Manoel Lourenço Leite, pela presença espiritual
constante que me acompanha, mesmo que, longe deste espaço.*

SUMÁRIO

PREFÁCIO	ix
INTRODUÇÃO.....	1
1 MULHERES AVÓS E NETAS.....	11
Duas gerações ligadas ao mesmo contexto da cidade de Londrina, em épocas diferentes.....	11
2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER-AVÓ NA FAMÍLIA	33
A cultura revelando a construção do papel de avós na família.....	33
Ser avó é “ser mãe duas vezes”: o imaginário de mulheres idosas no papel de avó	41
Avó-mediadora nas relações entre seus filhos e seus netos: aceitação e conflito na família	54
3 O PODER E A AUTORIDADE DE MULHERES-AVÓS NO MUN- DO DA CASA	73
A trajetória de vida das mulheres-avós e o controle do mundo da casa ..	73
As estratégias das mulheres-avós e o convívio em família: amor e respeito	85
O conselho como estratégia do poder.....	100

A aliança com as mulheres da família	108
Aliança com deus e a segurança dos projetos de vida da mulher-avó	111
Mandar – pedindo: Ambigüidade na maneira de exercer o poder	116
Mulheres e homens-avós e o poder no mundo da casa.....	122
A casa da avó: um espaço de jogo político nas relações cotidianas	129
4 A TRANSMISSÃO DE EXPERIÊNCIAS ENTRE DUAS	
GERAÇÕES – AVÓS E NETAS	149
O aprendizado da experiência de vida da avó pelas netas.....	149
A manutenção do mundo da casa: experiências aprendidas com as avós.....	162
O que leva as avós passarem suas experiências para as netas	169
Encontro entre gerações: conflito e aceitação de valores.....	179
Projeto de vida dos netos: o desejo de serem avós.....	193
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	213
BIBLIOGRAFIA.....	223

PREFÁCIO

O trabalho de Iolanda Lourenço Leite discute a questão geracional, privilegiando o papel das mulheres-avós na família, em que imprimem forte marca na vida das netas.

As avós pesquisadas são descendentes de famílias migrantes italianas da zona rural paulista que se deslocaram para a região norte do Paraná, atraídas pelas terras férteis e o progresso acenado na década de trinta do século XX. Residem em Londrina, Paraná e pertencem ao segmento das camadas médias da sociedade.

A autora analisa como as avós pesquisadas exemplificam com sua vitalidade, autoridade e disposição para o trabalho, a luta pela vida, o que Zuleika M. F. Martins caracteriza como a cultura dos imigrantes italianos, no seu livro: “Brava Gente”.

Este trabalho lembra, ainda, o que o último censo demonstra: aumento progressivo da longevidade de homens e mulheres

brasileiros, fato que já está ocorrendo há mais tempo na Europa e Estados Unidos, tendo em conta que a Organização Mundial da Saúde considera a pessoa idosa a partir dos sessenta anos.

A autora penetra na vida das famílias pesquisadas e vai nos mostrando a realidade da avó que permanece na família com dignidade e responsabilidade, deixando no seu rastro normas, valores e idéias que permanecem vivas na lembrança das netas, que almejam ser como suas avós.

Longe está, na realidade dessas mulheres, o estereótipo do velho “imprestável” pois a avó permanece parceira das netas, confidente e “modelo” a se pautar na vida.

Lembramos que as práticas sociais se constróem coletivamente. A vida dessas mulheres, pertencentes à camada média da sociedade difere frontalmente daquelas outras desprovidas de condições sócio-econômicas, cujo destino é o recurso asilar, sem possibilidade de desfrute do ambiente familiar, sem perspectiva de mudança, embora tenham construído vidas ricas de significados. Tal fato, nos lembra a autora, incita-nos a pensar e lutar seriamente por políticas sociais direcionadas para esse segmento da sociedade brasileira, com a criatividade que o caso merece.

Dilséa A. Bonetti

INTRODUÇÃO

Atendendo a um número significativo de pessoas, que ao me ouvirem, nas palestras, mesas redondas, conferências, no meio acadêmico e mesmo nas conversas informais, desejaram conhecer mais sobre os resultados da minha tese de mestrado, defendida em fevereiro de 1990, no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Essas solicitações incentivaram-me a transformar em livro os meus estudos, somando com a preocupação em perceber que os estudos de gerontologia não vêm dando conta de explicar as relações sociais no grupo familiar, que ao meu ver é um caminho importante para atender o idoso de forma mais ampla.

O presente estudo traz considerações da velhice na família, a partir das concepções de mulheres no papel de avós. Através da interpretação das histórias de vida de um determinado grupo de mulheres idosas, descendentes de italianos – num contexto sócio

cultural específico, na cidade de Londrina. A preocupação foi de refletir sobre esse segmento etário da sociedade brasileira, por intermédio de uma outra leitura. Assim, voltamos nossa atenção para as mulheres idosas com o papel de avó, no mundo familiar, com objetivo de compreender e analisar as suas representações e a maneira como conduzem as suas práticas no cotidiano.

Em termos gerais, o que se evidencia nas sociedades modernas é a representação da velhice associada aos chamados “traços estigmatizadores”, que refletem valores depreciativos, tais como: a feiúra, a tristeza, a falta de consciência de si e do mundo, o antigo, o improdutivo, o estágio final, a morte. Esses traços contrapõem-se àqueles caracterizadores dos valores positivos que essas mesmas sociedades atribuem à juventude, associando-a ao belo, ao novo, ao funcional, ao produtivo. Assim, de um lado existe a percepção que reflete um *continuum* como: do simples ao complexo, do antigo ao moderno, que tem acompanhado algumas reflexões científicas. De outro, esta concepção permeia o pensamento e reflete o imaginário da juventude e da velhice, presente em nossa sociedade, resultando em simplificações como estas.

Cabe considerar, também, que as instituições de assistência, muitas vezes, estão embuídas dessas análises demonstrando-as tanto nas práticas de cuidados aos idosos, quanto nos programas orientados para o que se denomina de “terceira idade”. Desse modo, é comum nos depararmos com procedimentos de ordem imediata, sem contudo, propor um trabalho sistemático, aliando-se políticas de ação à pesquisa, o que permitiria entender a velhice na sociedade, em suas diferentes dimensões, lançando-se novas perspectivas de atuação.

Em que pese a seriedade de muitos trabalhos nas perspectivas de estudar somente o lado biológico do processo de envelhe-

cimento, acreditamos que, mesmo assim, deixam de relativizar a velhice, pois, ao questionarmos sobre o seu significado é fundamental evidenciar o contexto sócio-cultural e sua heterogeneidade, isto é, entendê-la tomando-se por base como as pessoas pensam e vivem a velhice em diferentes contextos e situações.

A proposta que apresentamos, é suscitar uma nova leitura sobre o processo de envelhecimento. Trata-se de dissolver a aparência monolítica de velhice para percebê-la em diferentes significados, demonstrando como criam-se espaços de arbítrio a partir do vivido concreto, e como ela é reinterpretada.

Encaminhamos nossa discussão na perspectiva que concebe a vida social ordenada através de símbolos organizados em sistemas, sistemas estes, constantemente utilizados como instrumentos de ordenação da conduta coletiva, porém, absorvidos e recriados nas práticas sociais. Desse modo, procuramos refletir ainda, que a ação e a significação é a unidade básica na conduta socialmente construída.

A cultura constitui um processo pelo qual os homens orientam-se e dão significados às ações, através da manipulação simbólica, que é atributo fundamental de toda a prática humana. Toda a análise dos fenômenos culturais é, propriamente, a análise da dinâmica cultural, isto é, do processo permanente de reorganização das representações na prática social, representações estas que são, simultaneamente, condição e produção dessa prática.¹

Assim, a perspectiva da cultura permite apreender o modo pelo qual o conceito de velhice é produzido pelos grupos sociais.

Portanto, entendemos que a velhice é uma construção social, um fenômeno cultural que implica uma dinâmica e elabora-se tanto nos valores da cultura oficial, como encontra-se, também,

¹ Durham, E. R. *A dinâmica cultural na sociedade moderna*, p.13, 1977.

associada à maneira como é vivenciada. O que se percebe é que há um referencial simbólico específico de cada grupo, os quais constroem uma identidade coletiva, marcando as suas diferenças em relação uns aos outros. Por esse motivo é que a velhice é representada de maneiras diversas em diferentes sociedades.

A proposta de análise não se prende a uma perspectiva economicista, mas preocupa-se em estudar e interpretar as representações e valores no que diz respeito ao desempenho de mulheres idosas no papel de avós, em relação às mais novas, suas netas. Essas avós constroem uma identidade à medida em que emergem como atores políticos na dinâmica da unidade familiar. Lançamo-nos às idéias de Durham quando comenta semelhante abordagem faz uma análise de “dentro” dos grupos, e não pressupõe a questão do enfrentamento das classes fundamentais, nem julga a relevância ou legitimidade dos fenômenos em termos de suas implicações a reprodução do sistema capitalista.²

Trata-se, portanto, de uma análise dos grupos ou categorias que atravessam as relações de classes, ou seja, pressupõe as tensões e os conflitos que possuem relações indiretas com as lutas de classes.

Assim sendo, os objetivos deste estudo, consiste em compreender e analisar a velhice na família, e revelar a construção do papel de avó por mulheres pertencentes a famílias de descendência italiana, na cidade de Londrina, PR, com idade a partir de 65 anos de idade. Ao mesmo tempo, entender como a mulher, ao ficar avó, cria e recria o seu espaço político na unidade familiar, assegurando o seu espaço na velhice, através da transmissão da experiência de vida. Evidenciamos, assim, o “vivido concreto”

² Durham, E. R. *Cultura e ideologia*, p.18, 1984.

na família, em que se insinuam diferentes práticas sociais, as quais revelam um espaço “lúdico” de criatividade.

Da mesma maneira, nossa perspectiva não se restringe em constatar se o discurso é falso ou verdadeiro, mas antes, se é capaz de parecer-se frente à representação que as avós têm da realidade.³ Em outras palavras, discurso e prática não são realidades que se opõem. Ao contrário, são indicativos diferentes e complementares para a compreensão do significado.⁴

Encarando a velhice dentro dessa perspectiva, arriscamos um ponto de vista que considera a coexistência das gerações de avós e netas. É a sugestão de uma “leitura” que procura entender a lógica presente nessa relação, a partir do espaço conquistado pelas avós, que através do acúmulo de experiências se mantém no jogo da troca social com suas netas e seus familiares. Dessa maneira, procuramos ressaltar a importância do idoso na família e entre os jovens.

Ao analisarmos as falas das avós e netas, procuramos não impor valores que na época não eram vigentes em nossa sociedade. Não queremos dizer com isso que não existam valores diferentes dos tradicionais. Não interpretamos as representações das avós e netas, comparando com os valores atuais, por entender que tiraríamos a riqueza que aparece, no discurso delas. As ações e significados dessas duas gerações estavam impregnadas dos valores e das características daquelas épocas. Além disso, perderíamos a dimensão histórica do estudo, caso fizéssemos o contrário.

Assim é que procuramos analisar a fala das avós e das netas, dentro dos conceitos que permeavam o relacionamento, ressaltando exatamente o valor dos significados de vida desse

³ Magnani, J. G. C. *Festa no pedaço*, p. 55, 1984.

⁴ Durham, E. R. *Cultura e ideologia*, p.73, 1984.

grupo. Portanto, as categorias: Familiar, Trabalho, Amor, Mulher, Casamento têm para essas avós e netas, a dimensão tradicional de uma sociedade constituída nas décadas de 1930 a 1960. Contudo, a modernidade trouxe para essas categorias novos significados, os quais direcionam as pessoas de outras formas, mas nem por isso a visão tradicional deixa de estar presente na sociedade.

Optamos por colocar as falas das avós e netas na íntegra, por entendermos que a riqueza dos depoimentos tornaria mais vivos os relatos de vida de cada uma. Respeitamos ainda, a não identificação das nossas entrevistadas, preservando os significados que elas representam aos seus familiares e a grandiosidade dos valores familiares que elas souberam passar para os seus descendentes de origem italiana. Desse modo utilizamos nomes fictícios tanto para avós quanto para netas.

O presente estudo está organizado da seguinte maneira no primeiro capítulo procuramos demonstrar um pouco da história das mulheres avós e netas, mostrando como elas viveram as diferentes fases de suas vidas. A ligação desses dados com algumas considerações sobre a realidade histórica de Londrina, salientando em primeiro lugar a trajetória de vida das avós, desde o período de colonização da cidade, e, em segundo, a trajetória de vida das netas, associada às transformações ocorridas na cidade. Essas transformações fizeram parte tanto da vida das netas como da vida das avós.

Com isso, procuramos mostrar a importante contribuição que a cultura italiana, representada por esse grupo de mulheres, deu para construção do perfil dos londrinenses, como por exemplo, garra para o trabalho.

No segundo capítulo, procuramos apresentar questões que envolvem a natureza e a cultura – construção do papel de avó, por

essas mulheres, construção esta, que se inicia e permeia todo o relacionamento da avó com os netos e familiares, baseando-se no imaginário de “ser avó é ser mãe duas vezes”. Nessa parte ainda, procuramos demonstrar como as mulheres-avós, internalizando o modelo de mulher que a sociedade maior passa para elas, direcionam suas vidas em família, sendo mães e avós. E, nesse papel de avó, como elas, sentindo-se “mãe duas vezes”, continuam mantendo seu espaço político no mundo da família, conseguem ser mediadoras nas relações entre seus filhos e netas, ora criando climas favoráveis, ora criando tensões na família.

O terceiro capítulo está todo centrado no “Poder e a Autoridade” das mulheres-avós⁵ no mundo da casa. Pertencendo a um dos segmentos da camada média da nossa sociedade, conseguem manejar os fatores extrínsecos – a cultura, os padrões culturais; internalizam símbolos atribuídos à mulher, aprendem como ser mães e avós, juntamente com os símbolos da tradição das famílias italianas. Todas essas questões inerentes à trajetória de vida das mulheres-avós, e ainda a auto-representação de ser “mãe duas vezes”, faz com que essas mulheres idosas continuem a influenciar nas decisões da família e manter seu espaço na mesma. Neste capítulo, fica evidente o que elas aprenderam com seus pais e avós, sobre o mundo dos negócios. Nesse mundo, a ordem precisa ser cumprida, o amor não tem espaço nas relações de lucro.

Na realidade concreta da família, elas colocam em prática o mandar, e o controle do mundo da casa, com isso, o respeito pelas avós fundamenta-se na determinação, da condução da família. As avós, estabelecendo estratégias como: utilizar do amor e respeito; do conselho; da aliança com as mulheres da família;

⁵ Quando denominamos “mulheres-avós”, estamos chamando atenção para a relação da mulher-avó com seus netos e familiares.

recorrer a Deus para alcançar seus projetos de vida; ou ainda, “mandar-pedindo”, diferenciam-se da figura do avô, no mundo da casa. Nesse momento, também apresentamos os comentários feitos pelas netas das lembranças da “Casa da Avó”. Espaço que se constitui no local do jogo político nas relações, e das manobras do cotidiano dessas famílias.

No quarto e último capítulo procuramos apresentar, como as avós, com o espaço garantido na família, passam para suas netas seus significados e suas experiências práticas, através de uma pedagogia diferenciada: ensinar-fazendo; conversando, demonstrando como se faz; alertando, elas tornam-se educadoras no mundo da casa, destacando-se da forma de educar dos pais das crianças, quanto ao mundo da casa. Envolvendo, assim, as netas num aprendizado para a vida. Assim as estruturas do mundo da casa, vão sendo mantidas pelas netas para os bens de consumo, dos familiares, pelas netas. E a continuidade na classe média fica garantida. Os valores das avós são passados para as netas, a ponto de desejarem ser avós como suas avós.

Nas considerações finais, procuramos sintetizar nossas conclusões sobre o estudo, ressaltando a importância das questões que apareceram.

Estudando as relações desse grupo de avós e netas, descendentes de italianos, pudemos perceber que as categorias: Idoso, Envelhecimento, Família, Mulher e o grau de parentesco Avó, sempre estarão presentes em qualquer objeto de estudo que se relacione com a sociedade de modo geral, e também em diferentes contextos históricos.

A instituição família pode sofrer críticas com as mudanças nas sociedades, porém os valores, tão comentados pelas avós e netas, também estarão sempre presentes nas famílias, pois eles

são os sustentáculos para o homem desfrutar do que a vida lhe deu: **Ser humano.**

DUAS GERAÇÕES LIGADAS AO MESMO CONTEXTO DA CIDADE DE LONDRINA, EM ÉPOCAS DIFERENTES

O aspecto que mais nos chamava a atenção, como profissional, assistente social e docente do curso de Serviço Social, na Universidade Estadual de Londrina, era a “Experiência de Vida” da pessoa idosa e a passagem dessa experiência na família.

Através do convívio com os idosos, observamos que muitos deles estão vivenciando a velhice na família, arriscamos a dizer, ocupando um espaço significativo nas relações familiares. Suas atitudes e visão de mundo mostram-se diferentes das de outros

idosos – cujo cotidiano é vivenciado em instituições de assistência à velhice – por esse motivo, instigou-nos a aventura de desvendar esse modo de viver a velhice.

De posse dessas reflexões do mundo mais amplo, passamos a observar o nosso mundo familiar e a perceber o controle exercido pela mulher idosa nesse espaço por ela vivido. Notamos também, como a sua influência era significativamente destacada nas relações da família. Dessa maneira, as nossas experiências profissional e pessoal serviram de ponto de referência para uma investigação mais aprofundada do nosso objeto de estudo.

Com as observações acima, passamos a refletir sobre questões relativas a mulheres com idade acima de 65 anos, muitas vezes, viúvas, que não se casaram novamente por acharem que “o marido é um só”. Notamos que para essas mulheres as questões de velhice não têm o significado de doença, tristeza ou algo semelhante. Gostam de passear, viajar, comer bem e receber presentes pessoais. Mantém a memória e efetuam o controle do dinheiro que possuem. Selecionam as pessoas para conversar. Querem estar sempre com os filhos, netos e participar do mundo que as cercam. Assim, começamos a nos perguntar: Como estariam essas pessoas idosas passando suas experiências de vida para seus descendentes e, com isso se mantendo na relação familiar, uma vez que nem todos os idosos vão para os asilos ou para outro lugar fora da família?

Esse questionamento levou-nos a uma observação mais sistemática, buscando entender a maneira como se davam as relações de um grupo de mulheres idosas na família de descendência italiana, estas de nossa rede de amizade em Londrina. Os dados permitiram que desenvolvêssemos um trabalho de compreensão e

análise de suas interpretações a respeito dos conceitos de mulher, velhice e outras questões relacionadas ao papel de avós, na família. Dessa forma, pudemos ampliar as reflexões iniciais, saindo do universo da análise preliminar, para apreender o cotidiano da velhice através de um determinado segmento de mulheres idosas e avós.

A partir dessa perspectiva fomos percebendo que as mulheres idosas no papel de avós, na família de descendência italiana – da mesma descendência que a nossa – tinham o controle da família. Mesmo com idade avançada, participavam, controlando, de uma forma ou de outra, as decisões e a condução do mundo familiar, sendo lembradas por seus descendentes em quase todas as conversas.

Procurando aprofundamento, pudemos perceber que Londrina, uma cidade de colonização recente, apresenta transformações rápidas, mantém certas tradições e que a influência de grupos de origem italiana foi significativa no processo de colonização, influenciando no aspecto cultural da cidade. Cancian (1970), em seus estudos, faz referência à participação de diferentes etnias no processo de ocupação de Londrina:

Em menos de quarenta anos uma área de aproximadamente 71.637 quilômetros quadrados, ou seja, cerca de 36% do território paranaense transforma-se, de densa mata, absolutamente despovoada, em região que, em 1960, contava com cerca de 1.843 mil habitantes (34% da população do Estado) distribuídos em 172 cidades, algumas de porte considerável. [...] Londrina, tendo sido fundada em 1930 – e elevada à categoria de cidade em 1934 – tornou-se um verdadeiro centro de irradiação, tendo à sua volta, uma década e meia depois, mais de duas dezenas de núcleos urbanos. Consta que, por volta de 1945, já existiam na região pessoas de trinta nacionalidades

diferentes sendo, 12,5% italianos, 7% japoneses, 6% alemães, além de 42% entre paulistas e mineiros.¹

De posse desses dados e da necessidade de restringirmos o campo de nossa pesquisa, consideramos significativo estudar as questões que envolvem a *velhice e passagens das experiências da mulher idosa para outras gerações*, assim como estudar as questões ligadas ao *poder e autoridade* de mulheres com uma idade avançada na família, permitindo que elas se mantenham nesse espaço, tendo como informantes as mulheres idosas, avós nas famílias de descendência italiana que residem em Londrina, pertencentes a um segmento da camada média.²

O nosso interesse por este grupo de avós, originou-se pela experiência por nós vivenciada, com mulheres idosas da nossa família, descendentes de italianos, estendendo-se às mulheres idosas avós da rede de nossa amizade, que a nosso ver, poderiam estar contribuindo para o estudo da questão da *velhice na família* e

¹ Padis *apud* Cesário, p.35

² Ao nos referirmos às camadas médias, de Londrina, por um lado, estamos percebendo nossas entrevistadas, as avós, como pertencentes às famílias dos pais (a família de orientação), bem como dos maridos (sua própria família nuclear), como pequenos proprietários rurais e pequenos industriais, e as netas, como profissionais liberais do meio urbano, constituindo-se como uma camada intermediária, na sociedade mais ampla. Nesse sentido, ver Wright MILLS “A Nova Classe Média”, 1979. O qual nos chama a atenção, que para compreender a classe média é necessário traçar pelo menos um esboço da estrutura social de que ela faz parte. E, ainda compreender, as suas relações com as camadas superiores e inferiores. Assim, estamos evidenciando a autorepresentação de nossas entrevistadas. Nesse sentido, ver Pierre BOURDIEU, 1979, “Condição de Classe e Posição de Classe”, in: Neuma Aguiar (org.) Hierarquias em Classes p.51, 1974, que define classe social não apenas a partir da posição e da situação na estrutura social, mas leva em conta também o aspecto simbólico das relações entre as classes. O aspecto simbólico diz respeito às representações que as classes fazem de sua posição e situação relativa. Ver também, Tania SALEM “O Velho e o Novo” – Um Estudo de Papéis e Conflitos Familiares, 1980.

falando de coisas interessantes que atenderiam as nossas expectativas. Querer entender essa relação avós e netas da descendência italiana, nos fez remeter a Berger, quando fala:

Meu conhecimento de vida cotidiana estrutura-se em termos de conveniências. Meus interesses pragmáticos imediatos determinam algumas destas, enquanto outras são determinadas por minha situação geral na sociedade [...]. Contudo, minhas estruturadas de conveniências cruzam as estruturas de conveniências de outros em muitos pontos, dando em resultado termos coisas ‘interessantes’ a dizermos uns aos outros.³

Todavia, procuramos manter, de alguma maneira, uma atitude de “estranhamento”⁴ em relação às famílias estudadas. O familiar para nós deveria tornar-se distante para não corrermos o risco de valorizar as questões que supúnhamos serem as mais importantes por já serem de nosso conhecimento.

A escolha do grupo de avós pertencentes ao segmento de camadas médias, para o estudo se deu por diferentes motivos: o primeiro, porque a presença e participação da mulher idosa na família de camadas médias são ainda pouco estudadas pelo Serviço Social; o segundo, pela facilidade da realização das entrevistas com as avós, pertencentes à rede de nossa amizade. O terceiro motivo é a própria trajetória de vida dessas mulheres, com a participação nas primeiras famílias pioneiras de Londrina, trazendo com elas as informações que poderiam ser estudadas não só na perspectiva da velhice, mas também relacionando os fatos passados com o presente, pois essas mulheres idosas encontram-se numa posição diferenciada das idosas de outras camadas sociais.

³ Berger, p. 66-67, 1974

⁴ Da Mata, R. *Relativizando: uma Introdução à Antropologia Social*, p.157, 1987.

Fundamentando-nos ainda, nas colocações de Durham, que:

[...] devemos partir, por conseguinte, da constatação da existência, em nossa sociedade, de uma heterogeneidade cultural produzida por uma diferenciação das condições de existência que se prende à estrutura de classe e resulta da reprodução de um modo de produção. Mas, deve-se considerar, também, que esta diversidade está permeada, por sua vez, por disfunções regionais associadas a peculiaridades de recursos naturais e as condições demográficas e históricas particulares, que lhes dão conteúdos e formas específicas.⁵

Assim, o estudo daria condição não só de conhecer as questões que envolvem a passagem de experiências e valores da mulher idosa para as gerações mais novas, como também de conhecer, na perspectiva mais ampla, a trajetória de vida desse grupo de idosas na cidade de Londrina.

Entrevistamos doze mulheres avós na faixa de 65 a 89 anos e dez netas pertencentes às mesmas famílias com idade mínima estipulada por nós para o estudo, acima de 15 anos, por entender que acima dessa idade, as netas poderão transmitir dados do relacionamento com suas avós com maior clareza.

De junho de 1987 a março de 1988 foram realizadas as entrevistas. O horário de preferências das avós foi o período da tarde, uma vez que no período da manhã quase todas estavam ocupadas, com os serviços caseiros. Apenas uma optou pelo período da manhã no primeiro dia e depois passou para a tarde. Contrariando a disponibilidade de horário das avós, os horários para as entrevistas com as netas tiveram que ser adaptados às suas

⁵ Durham, p. 14, 1977.

disponibilidades, uma vez que todas trabalhavam no mundo público e algumas estudavam também. Diante disso, as entrevistas foram realizadas no período noturno, após o jantar ou no final de semana.

As avós apresentaram determinadas peculiaridades das práticas das famílias de origem, nas quais os pais trabalhavam como colonos e com o contrato de trabalho que, naquele período histórico, havia entre fazendeiros e colonos, favorecia a acumulação de uma certa riqueza. Esses colonos eram auxiliados pela cultura trazida da Itália pelos seus pais por ocasião da imigração para o Brasil e também utilizavam-se da família, como um todo, para o trabalho. A peculiaridade das práticas rurais favoreceu a passagem da condição de colonos para a de pequenos proprietários de terras, ou pequenos fabricantes de queijo, sabão, moinho de fubá e olaria. Como nos apresenta Alvim, em *Brava Gente – Os italianos em São Paulo*:

A conjugação do esforço de todos os membros da família era a chance de juntarem alguma poupança, sustentando os sonhos de montar um pequeno negócio, comprar um lote de terra, ou mesmo voltar à pátria. Era sua única maneira para manterem autonomia enquanto camponeses e afastarem o fantasma da proletarização. Isso porém exigia um esforço hercúleo de toda a família.⁶

As famílias demonstraram ter uma certa homogeneidade quanto à descendência italiana por parte de mãe ou de pai; estes, vindos de várias cidades da Itália: Treviso, Caserta, Turino, Vene-

⁶ Alvim, p. 100, 1986.

za, Nápole, Forlan, Padera, sendo filhas da primeira geração de imigrantes italianos no Brasil.

As mães das avós entrevistadas, além de trabalharem no lar, ainda ajudavam o marido na roça, passando para as filhas as mesmas atividades. Duas avós entrevistadas aprenderam com suas mães a costurar e, além do trabalho do lar e da roça durante o dia, ainda costuravam para fora, à noite.

As avós depois de casadas, ao constituírem famílias nucleares, vêem a história de seus pais se repetir em suas vidas, pois seus maridos também eram lavradores e, acumulando um pequeno capital, passaram a ser pequenos sítiantes ou pequenos proprietários de olaria, indústria de sabão, farinha, fubá e padaria, porém já em terras do Paraná. Oito das avós vieram para Londrina nas décadas de 1930 e 1940, duas na década de 1960 e duas na década de 1970. Assim, a maioria delas pode ser chamada de pioneiras, pois nas décadas de 1930 e 1940 Londrina estava começando a sua colonização. Essas famílias foram induzidas pelo interesse do governo do Paraná no plantio do café. Assim como, pelas Companhias Inglesas, no plantio do algodão. A preponderância da procedência das avós é do interior de São Paulo, de onde vieram com as famílias das cidades de: Jaú, Santa Cruz de Palmeira, Presidente Prudente, Engenheiro Schimts, Cravinho, Itapira, Mogi-Guaçu e Agudos. Duas vieram do estado de Minas Gerais, uma delas não souber dizer a cidade e a outra de Conquista – Bahia. Apenas uma nasceu na Itália – Caserta. Esse deslocamento do interior de São Paulo para o Paraná se deu pela facilidade de locomoção, naquela época sendo que uma das preocupações da Companhia de Terras que

vendia os lotes na região Norte do Paraná era com a construção de vias de penetração que levassem até às áreas loteadas:

A rodovia que liga São Paulo à região foi construída em vários trechos pela companhia loteadora. A estrada de ferro que liga Ourinhos ao Norte do Paraná foi estendida de Cambará a Apucarana pela empresa colonizadora, que contratou uma firma inglesa “Mac Donald Sibes & Co.” de Londres.⁷

Assim, a mobilidade desse grupo de avós atraídas pelas terras férteis e o progresso prometido pela região Norte do Paraná com o plantio do café, para cá vieram com seus maridos à procura de melhoria de vida, uns com o interesse na compra de terras e outros para o trabalho na lavoura.

A respeito desse fato histórico, encontramos nas pesquisas:

A cafeicultura paranaense é continuação da ‘marcha para o Oeste’ dos paulistas que sempre à procura de perspectivas de lucros adentraram o Paraná quando suas terras já estavam se tornando escassas ou super-valorizadas pelo desenvolvimento da agricultura comercial com base na produção de café.⁸

Contrariando a política econômica do café no país nas décadas de 1920 e 1930, quando a persistente baixa de preços, o aumento no volume da produção e a proibição do plantio de todo território nacional fizeram com que o estado de São Paulo reduzisse sua produção logo após o convênio cafeeiro de 1935, o estado do Paraná, utilizando-se da permissão para ampliar o plantio de café, desenvolve a pequena e média propriedade, na qual

⁷ Cesário, p. 34, 1981.

⁸ Cancian, p. 13, 1981.

o lavrador e sua família eram parte da mão-de-obra da lavoura, diminuindo o custo da produção e deixando margem de lucro satisfatório para a nova categoria de proprietários emergentes.⁹

Toda essa política econômica na agricultura, somava-se ao favorecimento de contratos de trabalho que existiam na época, em que o colono poderia optar por seis anos, como o mais vantajoso, porém, mais arriscado, pois exigia alguma reserva acumulada para enfrentar as despesas por sua conta, com a terra em mata, e sem qualquer benefício. Ficava ele, ainda, com as colheitas de café até o último ano, tendo oportunidade do plantio das lavouras intercalares para o sustento da família e a venda das sobras. Podia, ainda, optar pelo contrato de quatro anos, no qual os lucros e perdas eram divididos.¹⁰

De uma maneira ou de outra, os contratos de trabalho possibilitavam o acúmulo de pequeno capital para aquisição das terras, que era facilitada:

Portanto, não parece persistir dúvidas Quanto ao tipo de frente que atingiu a área estudada, ou seja, um empreendimento econômico. A orientação seguida pela 'Paraná Plantations' e depois levada em frente pela Cia. de Terras Norte do Paraná – a partir de 1944, quando a empresa passa totalmente para as mãos de empresários paulistas, visava, principalmente, a venda de lotes que dessem origem a pequenas e médias propriedades rurais.¹¹

Dessa maneira, as avós trouxeram consigo os valores adquiridos através de um estilo de vida rural que configurou esse

⁹ Cancian, N. A. *Cafecultura Paranaense*. p.33, 1900/1970.

¹⁰ *Ibid*, p.33.

¹¹ Cesário, p. 34, 1981.

grupo, uma herança dos pais passada para os filhos, possibilitando que seus descendentes também se mantivessem nesse mesmo segmento da camada média. Porém, é importante precisar que os descendentes estão hoje voltados às práticas urbanas e inseridos em profissões, tais como: médicos, professores, advogados, empregados do governo e outros.

Apresentando condições de existência semelhantes e refletindo o segmento do qual fazem parte, as condições de moradia das avós entrevistadas demonstram sua situação e condição de vida: apenas duas moram sozinhas, por opção, mas, mesmo assim, estão sempre em contato com os filhos e netos; sete moram no centro da cidade e cinco nos bairros e jardins da cidade, próximos ao centro. Todas moram em residências próprias – e suas casas são marcadas – pelo padrão médio de construção, representando a condição econômica desse segmento médio da cidade londrinense. O estilo de construção das casas era o tradicional para Londrina dentro da época em que foram construídas, a saber: a área na entrada da frente conserva os costumes da zona rural, onde se utilizava a porta da cozinha como entrada da casa, reservando um espaço para a garagem, onde eram guardadas as carroças, jipes e os instrumentos de trabalhos, o que mostra a ligação com as atividades rurais. São, em sua maioria, casas de alvenaria com amplos cômodos e com jardins na frente da casa. Somente uma das avós mora em casa de madeira, e uma outra, por morar sozinha, preferiu apartamento pela questão de segurança, mas, também, contando com cômodos espaçosos.

Pertencendo ao segmento da camada média,¹² as avós têm como fonte de renda, além da aposentadoria, uma certa quantia, não muito grande, na caderneta de poupança, uma vez que a maioria já dividiu os bens econômicos da família entre os filhos. Duas têm também alugueis de casas, para completar a renda. Uma tem ainda algum auxílio financeiro que provém do sítio.

A mudança do domicílio dessas famílias no município de Londrina mostra a mudança da zona periférica da cidade, considerada rural na época, para a urbana. Quando a mudança se dava dentro da própria cidade, era de locais de residências de um padrão inferior de construção para outros locais de zona de residências de maior valor imobiliário, como as atuais, com casas mais confortáveis, conservando o padrão de vida das camadas médias.

No momento em que foram entrevistadas as avós, além do trabalho doméstico, realizavam outras atividades. Algumas faziam crochê para fora, obtendo com isso alguma ajuda financeira e uma participava dos grupos do SESC – Serviço Social do Comércio, outra participava das promoções da igreja do bairro, uma benzedeira, atendendo de vinte a trinta pessoas diariamente em sua casa. De uma maneira ou de outra, as avós auxiliam as filhas ou netas nos serviços da casa. Das doze avós entrevistadas, cinco contam com o auxílio de empregadas domésticas. Das quatro casadas, duas não tinham empregadas, fazendo todo o serviço, lavando e

¹²Nestes estudos, nossas idéias confirmam a postura de Tilman EVERS quando explicita que, para as camadas médias modernas, ao contrário das camadas médias tradicionais, a qualificação é decisiva para sua colocação social, predominando aí, portanto, formas ideológicas baseadas no rendimento e na racionalidade. Aos interesses materiais desses quadros técnicos e intelectuais ligam-se em acesso livre as possibilidades de qualificação como escola e informação, assim como possibilidades de ascensão social, baseadas em critérios de qualificação e rendimento. Editado em 1982 pela Cortez Editora.

cozinhando para elas e seus maridos. Isso demonstra que as avós, até hoje, trabalham exercendo a atividade para a qual foram criadas e que o trabalho faz parte de suas vidas.

Temos, então, condição de afirmar que a velhice para essas avós é como uma “velhice com que nos deparamos no cotidiano, sem nos darmos conta dela”.¹³ É uma velhice que não deixa essas mulheres serem chamadas de “velhas”, como aquelas que estão assistidas pelas instituições como asilo, albergue, ou entidades que cuidam de pessoas idosas, ou ainda aquela velhice que é desprezada pela família, pois essas mulheres estão tão atentas à cotidianidade da família e do mundo da casa, e ainda na relação com a sociedade mais ampla a ponto de não perceberem que estão envelhecendo.

Com relação ao aspecto físico, todas as mulheres com idade entre 65 a 89 anos apresentam condições de saúde consideradas normais para a idade. Com o corpo aparentando certa robustez, acostumadas a se alimentar de massas desde crianças, continuam preparando alimentos em casa, como o pão, macarrão, lasanha, e, até hoje, são lembradas e cobradas pelos netos, que pedem às avós que continuem fazendo esses alimentos para eles.

Quando mais jovens as avós entrevistadas, além de trabalharem no lar, após casadas, também ajudavam o marido no trabalho da roça – tal como suas mães o fizeram. Apenas três delas não trabalharam na roça, porque a ocupação de dois dos maridos era industrial e uma, porque o marido tocava o trabalho do sítio de sua propriedade.

Na época do estudo, das doze avós entrevistadas, quatro

¹³ Barros, p. 13, 1981.

eram casadas e oito viúvas. Destas, duas ficaram viúvas com idade variando entre 29 e 31 anos, e as seis outras com idade entre 51 a 68 anos. Dentre as que ficaram viúvas, muitas explicaram que não se casaram novamente por receio de ocorrer uma desarticulação da família.

São, na maioria, mães de um número elevado de filhos, apenas uma teve três filhos e duas, quadro, sendo que as demais tiveram acima de cinco, chegando até o número de onze filhos. O número de netos varia de 6 a 32, e o número de bisnetos de 3 a 25 para cada avó, sendo uma delas tataravó.

Foram criadas para auxiliar os pais na casa e na roça, quando solteiras, e depois quando casadas, para serem mães e ajudar os respectivos maridos, por isso os estudos não tiveram lugar em suas vidas. Trazendo com elas o sentimento de não terem tido oportunidade de estudar, lembram que a vida foi bastante difícil naquele tempo quando o trabalho ocupava o primeiro lugar em suas vidas.

Das três que sabem ler e escrever, uma não tem o primário completo, a outra conseguiu concluir o primário e a terceira chegou até a primeira série do ginásio, sendo que as demais não tiveram oportunidade de estudar, como aparece no testemunho:

Prá falar a verdade, nós não tivemos infância, sempre trabalhando, ajudando minha mãe. Nós não fomos à escola, porque a gente morava longe da cidade, na fazenda, sabe como é fazenda, todas longe. E a gente não ia na escola, nós fomos criadas só para trabalhar em casa, e quando uma pessoa precisava a gente ia, quando o patrão vinha nós trabalhava na fazenda. Nossa vida foi essa, na cidade meu pai não deixava ir... Eu, na idade de 7 anos, já lavava roupa para minha mãe, que ia prá roça e, cada ano e meio ela tinha um filho. Com 10, 12 anos eu ia

na roça também. Nós tínhamos cada um uma semana prá trabalhar, prá fazer um serviço, levantar cedo, fazer o café, uma semana cada um, nós quatro. ...era sempre presa. Não tinha liberdade de sair, aprender. E na escola nunca fui. Queria ir, mas meu pai não me deixou, disse que mulher não precisa estudar. É trabalhar, só. (Carolina, 74 anos)

Como mulheres, eram limitadas, e o seu mundo direcionado para o trabalho na roça e para os cuidados da casa e da família. A escola ficou no sonho dessas mulheres.

O valor relacionado ao trabalho para esse grupo de mulheres, é fundamental para a garantia do progresso econômico e manutenção do estilo de vida com qualidade para a família.

Apresentando uma homogeneidade em relação à religião, todas são católicas por herança cultural dos pais, e da qual se orgulham, procurando passar isso para os filhos e para os netos, ainda que com algumas dificuldades.

Ainda no aspecto da religião, verifica-se que a relação das avós com Deus é vivida como um relacionamento pessoal individual. Apenas uma avó, por morar perto de uma Igreja Católica, vai à missa todos os dias e participa das atividades da igreja. As demais não freqüentam com assiduidade a igreja. Nesse ponto, aparece a continuidade dos costumes, pois na zona rural a igreja era distante, fazendo com que a maioria dessas mulheres, cultuasse a religião de uma forma mais diretamente relacionada com Deus. A igreja, como instituição, passa a não fazer parte de suas vidas.

Dentro desse quadro é que pudemos visualizar as características do universo das mulheres-avós entrevistadas. Com seus hábitos e costumes, elas permanecem na família passando seus

valores, convivendo com seus parentes e recordando suas histórias de vida.

A condição de pertencerem à camada média na estrutura social, como pequenos produtores e como industriais, também possibilitou a essas avós, aprenderem não só como produzir bens materiais, mas também como internalizar significados implícitos nesse modo de vida.

Assim, os símbolos que direcionam as relações de seus familiares estão intimamente ligados aos sistemas de símbolos que norteiam a camada média na sociedade maior. Com relação às netas dessas avós, as características seguem as mesmas tendências da origem italiana, porém apresentando agora, um novo contexto da realidade de Londrina.

Enquanto as famílias das avós eram de colonos e depois de pequenos sítiantes, a segunda geração, seus filhos, e a terceira geração, seus netos, já se diferenciavam quanto às práticas profissionais.

O mesmo local, com realidades diferentes – Londrina, nos anos 1950 e 1960 – começa a transformar-se de região com práticas essencialmente agrícolas para as práticas secundárias e terciárias. Nos estudos sobre “Industrialização e pequenos empresários em Londrina”, é demonstrado essa transformação:

Enquanto, no fim da década de 40, Londrina contava com 46,34% de sua população na zona urbana contra 53,66% na zona rural, no fim da década de 50 vai apresentar uma maior concentração populacional na área urbana, 54,96% contra 45,04% respectivamente. Em decorrência da crescente urbanização de Londrina, acompanhada do crescimento

populacional da região, intensifica-se a demanda de bens industrializados no mercado consumidor.”¹⁴

A autora mostra ainda que na década de 1960 ocorre o maior número de implantações de indústrias na região, voltadas não somente para um mercado regional, mas também para o mercado nacional e externo, resultando o crescimento tanto quantitativo como qualitativo.¹⁵

Esse crescimento pode ser explicado, pelos efeitos do “boom” cafeeiro pelo qual passou a região no início desse período. Os lucros gerados pela economia cafeeira, somados à instabilidade que marca esta mesma atividade sujeita à ocorrência de fatores não controláveis (geadas, oscilações de preços, etc.), transferiram os capitais para a área urbana e, em alguns casos, para a indústria.¹⁶

Essas mudanças econômicas na região levaram, certamente, as famílias das avós à preocuparem-se com a profissionalização de seus filhos, portanto, tornaram-se médicos, professores e pequenos comerciantes.

Com relação às netas, as mesmas práticas urbanas exercidas pelos seus pais vão se repetir, para atender uma realidade atual, como ressalta Cesário:

Londrina, que desde o início desempenhou a função de centro do processo de colonização de uma área de 60.000 Km², continua a manter a posição de pólo e a desempenhar o papel para o qual foi predestinada. Polarizando, atualmente, uma

¹⁴ Cesário, p. 39-40, 1981.

¹⁵ Cesário, A. C. C. *Industrialização e Pequenos Empresários em Londrina*, p.40, 1981.

¹⁶ *Ibid.*, p.40.

economia regional, cujo suporte principal, até o momento, vem sendo o café (só agora cedendo lugar à soja e ao trigo), gerou um setor terciário bastante desenvolvido para atender toda a área”.¹⁷

Mesmo com o dinamismo e rentabilidade apresentados pelo setor primário, Londrina apresentava o setor terciário como o mais desenvolvido do município. Esse fato é explicado porque, antes de apresentar um desenvolvimento econômico voltado dentro dos próprios limites do município, a economia londrinense crescia na razão do crescimento da própria região. Assim, seu setor terciário desenvolveu-se para atender toda a área.¹⁸

Com essas características, Londrina apresentava um setor terciário construído com base numa estrutura agrícola. O comércio apresentava uma configuração bastante heterogênea. Possuía faixas constituídas de pequenos e médios empreendimentos, voltados para as camadas assalariadas dos bairros periféricos da cidade. Outras faixas mais diferenciadas se voltam para os proprietários rurais, setores da classe média localizados na cidade ou em cidades vizinhas e, ainda, os empresários do setor terciário. O setor de serviços direcionava-se para o atendimento do mercado regional, principalmente nas áreas de saúde e educação, de maneira mais intensa que o próprio comércio.¹⁹

Frente a esse quadro e com uma estrutura econômica regional, na época, houve em Londrina um processo de industrialização incipiente.

¹⁷ Cesário p. 42, 1981.

¹⁸ Ibid., p.42.

¹⁹ Ibid., p.42.

Assim, as netas das mesmas famílias das avós continuam a pertencer ao mesmo segmento de camadas médias, na cidade de Londrina, porém com características econômicas diferenciadas, nos moldes da sociedade moderna, possuem qualificação profissional: quatro são assistentes sociais, uma médica e professora, uma economista, uma administradora de empresas e professora, outra formada em Educação Física, duas trabalham em duas grandes firmas de Londrina, uma como analista de sistemas e outra como secretária, ainda uma outra trabalha como enfermeira num hospital de Londrina.

Variando de idade entre 20 e 34 anos, sendo duas com 20 anos, uma com 22 e as sete restantes entre 30 e 34 anos, apresentaram um quadro diferente da vida das avós, no que diz respeito aos aspectos de trabalho, estudo, e até da vida de casada, conservando porém os trabalhos aprendidos na primeira socialização, mesmo nessa realidade moderna.

Se as avós foram criadas para trabalhar e para serem donas de casa, ajudando seus pais quando crianças e adultas, e, depois de casadas, ajudando seus respectivos maridos; as netas também trouxeram essa característica, só que, com o exercício profissional qualificado, suas vidas foram divididas entre o mundo público e o privado. Assim com as netas permaneceram a mesma força de vontade e a iniciativa.

Dessa maneira, diferenciando de suas avós nas práticas sociais quando aquelas trabalhavam no mundo da casa, e ainda na roça (podendo ser caracterizado como no mundo público – restrito), agora, as netas, podem dividir o mundo da casa com as

empregadas. Seis netas que são casadas e têm empregadas que as ajudam a tomar conta de seus filhos e das suas casas.

Duas dessas seis netas contam com o auxílio das avós nos serviços de casa. As outras quatro netas são solteiras, e moram com os pais, dessas somente uma tem empregada doméstica.

Diferenciando-se ainda de suas avós que foram mães de elevado número de filhos, as netas, quando casadas, são mães de 1 a 4 filhos em comparação com 3 a 11 filhos para as avós, sendo que apenas uma avó teve três filhos, e todas as demais tiveram acima de quatro.

Quanto à posição ocupada na estrutura de parentesco, as netas se localizam nas famílias da seguinte maneira: cinco são as primeiras, por parte de avós maternos, ficando as demais na posição entre a segunda e a décima terceira netas na família.

Com relação à religião, verificamos que, enquanto a totalidade das avós é católica, duas netas seguem outra religião.

Quanto à habitação, sete das netas moram em casa própria, uma casada mora na casa da tia, não pagando aluguel, pois cuida da avó que mora com ela e somente uma paga aluguel. Todas as casas apresentam o mesmo padrão de construção habitadas pelas avós, sendo de alvenaria e cômodos grandes. As outras três moram em apartamentos espaçosos, refletindo a situação econômica desse segmento das camadas médias de Londrina.

As netas trazem consigo alguns conjuntos de símbolos que dão ao grupo uma certa homogeneidade quanto aos valores de trabalho, responsabilidades e iniciativa. Lembram sempre que esses valores foram herdados dos pais, que por sua vez também

aprenderam com seus avós. Todos são descendentes de italianos por parte de mãe. Por parte de pai três são descendentes de portugueses, e uma descendente de espanhol.

Todas se lembram do tempo em que eram mais novas e do relacionamento com suas avós como algo distante que lhes traz saudades pelos momentos bons que aconteceram, conservam o respeito e a admiração pelas avós. Vão passando para as filhas o que aprenderam e aprendem com as avós diretamente, ou através de suas mães. Esperam um dia realizar um sonho de serem avós e passarem para suas netas o que mais significou dessa relação avós e netas, na família de origem italiana.

Assim, as histórias de vida das avós e das netas, em diferentes contextos de uma mesma cidade, Londrina, estão ligadas pela cultura do trabalho; da garra pelos objetivos de vida, voltados para o progresso e bem-estar das famílias, que se transmitem na participação ativa na comunidade.

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER-AVÓ NA FAMÍLIA 2

A CULTURA REVELANDO A CONSTRUÇÃO DO PAPEL DE AVÓS NA FAMÍLIA

Revelar a construção e o desempenho do papel de mulheres -avós na família supõe realçar o processo de legitimação dessas ações entrelaçadas aos códigos da sociedade em que elas vivem, e demonstrar o espaço de criatividade construído por essas personagens.

A discussão a que nos propusemos, neste momento, considera, por um lado, o comportamento coletivo dependente da existência de um conjunto de regras construídas socialmente, isto é, toda a atividade humana está sujeita ao hábito. Uma ação repetida várias vezes será moldada, servindo como padrão para futuras ações, podendo ser passada para outras pessoas no decorrer do

tempo. Além disso, essas ações, tornadas habituais, conservam um caráter significativo para o indivíduo. Assim, as origens dos papéis encontram-se no mesmo processo fundamental de formação de hábitos e objetivação.

Contudo, para que aconteça a institucionalização da atividade humana, é necessária a tipificação de ações habituais por diferentes tipos de atores.¹ Em todas as relações sociais, estão presentes regras socialmente construídas e o modo pelo qual essas regras são executadas. Assim

regras culturais certamente modelam o comportamento, mas nunca o determinam de modo absoluto. Uma coisa é a regra; outra sua aplicação a casos específicos, que nunca se enquadram completamente no modelo.²

O estudo das relações dessas mulheres-avós na família, evidencia as formas alternativas de organização, na qual se identificam tanto concepções da estrutura social como arranjos e combinações emergidas de situações concretas, em contexto sócio-cultural específicos, ou seja, famílias de descendência italiana. Daí porque a construção do papel de avó, nesse caso, pode ser entendida mais pelo processo do que pelo modelo.

Apesar do modelo oficial estar presente nas interações das avós e seus respectivos familiares, expressando as relações sociais impostas pela sociedade mais ampla, é nas práticas sociais cotidianas que o papel de avó, das mulheres analisadas se constrói.

O hábito de cuidar de crianças, através de condutas padronizadas pelas características recíprocas de mãe e filhos, na família,

¹ Berger, P.; Luckmann, T. *A Construção Social da Realidade*, p. 77 a 80, 1974.

² Durham, p. 31, 1983.

levaram essas mulheres, quando no papel de avó, a viverem uma experiência nessa tarefa. Porém, tornar-se avó, para elas, implicou também aprender novos hábitos que, somados aos de mãe, possibilitaram a institucionalização do novo papel, o de avó, uma vez que a família exigiu-lhe semelhante desempenho.

As expectativas de desempenho no papel de avó, são esperadas na família pelo fato de aparecer uma nova posição social para ela no meio familiar. Essas expectativas geram características de padrões emocionais, em virtude da relação particular que os filhos e netos passaram a ter com as avós. Essas expectativas configuram-se em novos significados para elas; agora não só como mãe mas também como avós.

É, pois, na dinâmica das relações das famílias que percebemos a construção, o desempenho e as estratégias do papel de mulheres-avós, que mantém vínculos duradouros na rede de parentesco, através da trama de relações sociais constituídas no dia-a-dia. Em nível do conhecimento comum, essa relação de parentesco parece se dar naturalmente entre os membros da unidade familiar. Contudo, quando procuramos estranhar esse fato, isto é, nos aprofundarmos nas questões que envolvem a dinâmica interna da família, percebemos que as relações que envolvem os membros desta são controladas por um sistema.

As representações – idéias, sistemas e símbolos, incorporados nas noções de parentesco, são os elementos que estabelecem os vínculos sociais entre os filhos, a mãe, o pai, os avós e outros membros da família.

A ligação entre os membros da família, portanto, se dá através desse sistema de parentesco que advém da combinação dos

diferentes papéis representados pelos seus membros, formando a dinâmica familiar. Sem essa combinação a família não se estrutura internamente e nem se mantém na sociedade. Esse sistema é, então, o condutor das ações e reações dos membros do grupo na sociedade.

Assim, as regras contidas nos sistemas de parentesco vão garantir a combinação entre os membros na unidade interna da família, proporcionando a união e o controle entre eles. Tais regras também são responsáveis pela manutenção de um certo equilíbrio interno no grupo, atenuando as tensões advindas dos problemas do cotidiano, na relação indivíduo e sociedade.

Os sistemas de parentesco são concebidos como estruturas formais, consistindo em arranjos e combinações de três relações básicas: as de descendências (entre pai/filhos e ou mãe/filhos), de consangüinidade (entre irmãos) e de afinidade (criadas pelo casamento).³

Outro fator importante na questão do sistema de parentesco é entender a relação de família com a sociedade mais ampla, quando as estruturas de parentesco vão além da família, isto é, do grupo doméstico, elas passam a ser o principal elemento da própria estrutura social mais ampla.

A família, sendo a fonte de lealdade e dos compromissos com os quais o agrupamento de descendência deve contar, faz com que os direitos e deveres de cada membro sejam estabelecidos

³ Durham, R. *A Reconstrução da Realidade, um estudo sobre a obra etnográfica de Bronislaw Malinowski*. p.22, 1978.

por um conjunto de regras determinadas. E quando um membro da família precisa resolver um problema ligado à sociedade maior, geralmente, ele recorre aos seus parentes.

Assim, as principais funções da família, a qual se organiza em termos de parentesco, são importantes, tanto para ela própria como para a sociedade em que está inserida, por ser ela o vínculo intermediário entre o indivíduo e a sociedade.

Portanto, a família, visto do prisma de parentesco, se constitui em laços de compromissos e lealdade entre os seus membros, tanto na linha de descendência como na de ascendência.

Entretanto, é também no espaço familiar que se recriam os códigos, produzindo-se uma teia de relações sociais significativa para os seus membros. Assim, o sistema de parentesco cria vínculos sociais e supõe uma ligação afetiva entre os membros da família, conforme o grau de parentesco. Essa ligação é concebida de modo mais intenso ou mais diluído. E isso constitui também um motivo que justifica como a família consegue manter unidos os seus membros, uma vez que laços de afetividade são definidos pelas regras que permeiam as relações sociais na família.

Constatamos que as avós, além de representarem a ligação entre o passado e o presente da família, representam, ainda através dos netos, a ligação do presente com o futuro. Assim, com as avós estão todas as preocupações no que diz respeito à reprodução das condições de vida familiar para seus netos, e ainda com o desenvolvimento dos mesmos na sociedade. Essas preocupações fazem parte da sua vida, pois elas vão garantir, de certa forma, a continuidade do sistema de parentesco e da família como um todo.

Tal sistema sendo afirmado pelos laços afetivos que elas conseguem estruturar em suas ações, envolvendo todos os familiares.

Através das histórias de vida das avós e das netas, observamos como as avós, desde criança, já na sua socialização primária, aprenderam coisas que serviriam, mais tarde, para o desempenho do papel de avó. E, por outro lado, na efetivação desse papel, estabeleceram estratégias, criando e recriando formas que auxiliaram-nas na afirmação do seu espaço social, entre os demais parentes.

Cumpre ressaltar que o desempenho de um papel, numa determinada situação social, implica na consideração de certas regras que lhe são subjacentes. A aplicação dessas regras, em situações diversas, assume formas diferentes. Nesse sentido, nos arriscamos a dizer que os atores sociais encenam e criam espaços de manobra, indicando, assim, a recriação no desempenho de um papel.

Detectamos que as mulheres-avós tanto percebem a importância dos hábitos adquiridos na trajetória de vida de suas famílias no que diz respeito ao desempenho dos papéis, como se dizem diferentes de suas avós em épocas passadas em que a situação se configurava de modo diverso:

A minha avó era muito exigente, ela era muito grã-fina, muito brava e muito religiosa. Então, naquele tempo, a gente não usava roupinha de manga curta, não usava roupa decotada, então a gente cumprimentava ela assim: Bom dia nona. Ai, ela falava: você chegou, você tá aqui! E ela falava tudo em italiano. Ai, minha avó veio da Itália, como a gente diz, de família nobre, sou de uma família nobre. Um pedacinho. Ela vinha passar a mão no braço (porque ela era míope e não usava óculos) prá ver se tinha manga. Muito brava e exigente. Então se ela visse que tinha manguinha ela ficava contente, se ela visse o braço pelado ficava brava. Eu era mocinha, eu tinha 3 filhos quando ela morreu. Quando

ela morreu, a mãozinha dela parecia de luva e a caminha dela, minha filha, ninguém dormia não! Ela dizia: não anda com a cabeça alta prá não olhar os moços. Ela dava conselho, ela daí falava de namoro. Então, aí eu comecei com o namorinho e aí ela mandou a minha mãe ir me buscar. A vó era muito brava e muito delicada. (Francelina, 85 anos)

A maneira como elas foram criadas: com respeito pelos mais velhos, imperando a autoridade deles nas relações entre diferentes gerações, refletindo a rigidez da educação que essas mulheres tiveram.

A construção do papel de avó demonstrada pelas avós , revela uma trajetória ligada à história de vida dessas mulheres e das famílias as quais pertencem, sendo de descendência italiana, indicam práticas no papel de avó que, certamente, diferenciam-se das avós de outras descendências. Por essa razão, procuramos na análise ressaltar tais características. Com isso, não queremos separá-las de outras famílias brasileiras, pois elas estão relacionadas à estrutura da nossa sociedade. Entretanto, podemos afirmar que essa é uma, entre outras maneiras existentes, de mulheres-avós viverem em família, na sociedade.

Ao analisarmos a representação do papel de avó, pelas mulheres por nós estudadas, não ressaltamos os deveres do papel de avó, apenas como funções de auxiliar nos serviços de casa, ou ainda, de cuidados referentes à reprodução da força de trabalho, isto é, os cuidados com os netos, mas ressaltamos, também, os aspectos simbólicos das relações com a família e com o neto. Procuramos evidenciar o significado de ser avó para essas mulheres.

A chegada de um filho anuncia uma nova dinâmica na rede de relações familiares; podemos nos referir a uma trama entre avós, pais e filhos.

As avós e os pais garantem a sua própria continuidade na criança que chegou. Porém, as avós terão a função de mediadoras entre a criança, a família e a sociedade, à medida que transmitem e reforçam aos netos as tradições e os costumes da família. Com isso, ela conquista um espaço que lhe garantirá um papel importante na família:

Fiquei contente. Era o filho do meu filho que nascia. Eu acho que é igual, porque os filhos são da gente, a gente é mãe e os netos são filhos dos filhos da gente. Significa que a gente já foi mãe, já é avó e a vida continua, depois bisavó. Ficar avó significa a continuidade da vida da gente. (Rosalina, 75 anos)

O nascimento de uma criança na família, talvez mais do que o próprio casamento, põe em evidência dispositivos típicos do código de aliança. A criança, ao nascer, além de estabelecer elos entre grupos, garante e sela a continuidade, não só dos pais, mas também das avós, perpetuando em suma, a história familiar.

Sendo portadora da história da família, ela tenta atingir seus objetivos de passar o que ela tem como significado, para os novos membros da família. O que ela não conseguiu passar com muito sucesso, para seus filhos, é fortalecido agora na produção simbólica do papel de avó para unificar os familiares. O que se percebe nesse estudo, é que, mesmo que os antepassados, bisavós e os tataravós não estejam mais presentes nas famílias, de alguma maneira eles estão nas lembranças da família, por uma foto, ou ainda nos comentários de como eles agiam, como diziam, ou o que pensavam. Suas histórias, seus significados estão presentes, ainda nas relações das famílias.

A continuidade da produção simbólica do grupo, para a avó

é fundamental, pois, além de representar a sua própria continuidade através dos netos, ainda vai possibilitar a sua permanência na família uma vez que com ela está a história, a cultura da família.

SER AVÓ É “SER MÃE DUAS VEZES”: O IMAGINÁRIO DE MULHERES IDOSAS NO PAPEL DE AVÓ

Nas colocações anteriores, chamamos a atenção para a construção do papel de avós, relacionada ao sistema de parentesco que unem os membros da família. Neste momento, nossas reflexões se dirige ao imaginário.

Nesse sentido, as interpretações a respeito da construção e o desempenho do papel de avó na família de descendência italiana, desse grupo de avós, estão baseadas em algumas idéias sobre a relação natureza *versus* cultura. Trata-se de considerarmos não só os pressupostos biológicos necessários à produção da ordem social, mas, principalmente, de colocarmos em evidência o fato de que a natureza humana molda-se por intermédio de diferentes formações sócio-culturais. Dessa forma, lançamo-nos na perspectiva de Geertz quando lembra,

[...] ser humano certamente não é ser Qualquer Homem; é ser uma espécie particular de homem, e sem dúvida os homens diferem [...].⁴

⁴ Geertz, C. *A interpretação das culturas*, p. 65, 1978.

As questões que envolvem a relação natureza e cultura demonstram o homem como um ser biológico e, ao mesmo tempo, como um ser social. Entre as respostas que lhe proporcionam estímulos exteriores ou interiores, algumas dependem de sua natureza biológica, outras de sua condição social, porém, não de forma dissociada. Na verdade, as causas não são distintas e a resposta do sujeito constitui-se como verdadeira integração das fontes biológicas e das fontes sociais de seu comportamento.⁵

O homem, por ser diferente de outros animais, não possui um ambiente específico, firmemente estruturado. Já com relação ao animal, o ambiente estruturado é que vai proporcionar a ele uma relação fixa com seu ambiente, determinando a sua especificidade. Essa relação diz respeito mais ao caráter biologicamente fixo de sua relação com o ambiente.

Por essa razão é que todos os animais não humanos vivem em mundos fechados, nos quais os equipamentos biológicos determinam as estruturas do ambiente.

Ao contrário desses animais, a relação do homem com seu ambiente é caracterizada pela sua abertura para o mundo. A relação com o ambiente que o cerca é muito imperfeitamente estruturada **pela sua própria constituição biológica**. Contudo, a constituição biológica do homem é que permite que ele se empenhe em diferentes atividades, tendo também suas limitações impostas pelo equipamento sensorial e motor, específico da espécie.

⁵ Levi-Strauss, C. *As Estruturas Elementares do Parentesco*, p.41, 1976.

No animal o desenvolvimento orgânico se completa no corpo da mãe; no homem, ao contrário, o período fetal estende-se por todo o primeiro ano após o nascimento.

Assim, o desenvolvimento humano ainda está se processando biologicamente, mesmo fora do corpo da mãe. Dessa maneira, o processo de se tornar homem efetua-se na correlação com o ambiente. Esse ambiente é, pois, um ambiente de duplo sentido: natural e humano, isto é, o ser humano em desenvolvimento se relaciona ao mesmo tempo com o ambiente natural particular e também com uma ordem cultural e social específica.

A sobrevivência da criança depende de certos dispositivos sociais, da mesma forma que a direção de seu desenvolvimento orgânico é socialmente determinada.

Apesar dos limites fisiológicos, o organismo do ser humano tem uma imensa plasticidade em suas respostas às forças ambientais que atuam sobre ele. Essa plasticidade é que dá condições ao homem de construir a sua própria natureza.

Contudo, como o organismo humano não possui os meios biológicos necessários para dar estabilidade à demanda humana, precisa da ordem social para direcioná-lo.

A ordem social é, assim, uma progressiva produção humana. É produzida pelo homem no curso de sua contínua exteriorização. Desse modo, a ordem social existe unicamente como produto da atividade humana.

A inerente instabilidade do organismo humano obriga o homem a fornecer a si mesmo um ambiente estável para sua con-

duta. O próprio homem tem de especializar e dirigir seus impulsos para a produção da ordem social.⁶

As determinações biológicas relativas à reprodução e às diferenças sexuais nos ajudam a compreender certos aspectos universais da premissa biológica do homem e da mulher. Com isso, é preciso que voltemos nossa atenção para a cultura, no sentido de percebê-la como um mapa, que orienta o comportamento dos indivíduos em diferentes sociedades, demonstrando os elementos constitutivos da espécie e a maneira como são moldados através de fatores extrínsecos.

É importante salientar, portanto, que o homem constrói a sua própria identidade. Em uma situação concreta, a qual elegemos para nossa análise – a mulher idosa e o papel de avó – procuramos entender essa ligação enquanto uma construção social, ou seja, de um lado, a consideração recai em processos, tais como: posição de classe, religião, grupo étnico, trajetória e história de vida, rede de parentesco, etc.; e de outro, esses elementos são percebidos em determinada realidade sócio-cultural, o que nos permite constatar a experiência feminina e de como viver a idade acima de 60 anos na família, nesse grupo de avós.

Essa análise nos faz entender a experiência não da mulher, mas de mulheres, não da identidade feminina, mas de identidades femininas. Assim, não existe a mulher idosa, mas, mulheres idosas. Não a avó, mas diferentes avós.

⁶ Berger, P.; Thomas, L., T. op.cit.

As concepções de caráter genérico, em nossa sociedade, atribuem significados à mulher de modo a entendê-la a partir da função reprodutora. Em outras palavras, a potencialidade de gerar filhos está associada a uma série de valores. Valores esses, que são justificados como próprios à sua natureza de mulher.

Dentro dessa visão, a maternidade é percebida enquanto processo natural, próprio do instinto maternal da mulher, ou ainda, a sua própria natureza de mulher a faz ser maternal, dedicada.

Assim, a crença naturalista engloba e estabelece relações de causalidade natural-lógicas, que irão direcionar todas as relações sociais da mulher, afirmando a potencialidade biológica feminina de gerar filhos que implica:

- a) o cuidado e a criação das crianças de forma praticamente exclusiva e individual por parte da mãe biológica;
- b) uma mística maternal baseada no amor incondicional aos filhos, que constitui uma gratificação suprema para a mulher (basicamente aos filhos próprios);
- c) o acesso à maternidade e as experiências emocionais provenientes desse fenômeno como fatores essenciais para a constituição da feminilidade (ser mulher é ser mãe);
- d) uma série de atributos da personalidade feminina como ternura, compreensão, tolerância, intuição, passividade, cuidado com os outros, que são esperados, primordialmente, na conduta das mulheres em todas as suas relações humanas, pelo fato de serem mães.⁷

⁷ Bonder, G. *A ilusão de naturalidade e a maternidade in Aspectos psicológicos da condição feminina*, p.38, 1982.

Esses atributos são esperados não só pelos filhos, mas em toda a relação com os homens e no desempenho de suas tarefas, principalmente aquelas baseadas em atributos subjetivos como: gratidão, amor, reconhecimento.

Nesse sentido, no âmbito da maternidade é que a negação das intermediações da cultura se torna mais persistente, depositando-se nela uma ilusão de naturalidade.

Desse modo, para desmistificar a maternidade como fato natural da mulher, bem como a determinação do seu espaço e sua função na sociedade, pressupõe distinguir-se: a potencialidade biológica feminina de gerar filhos; as experiências emocionais vinculadas à maternidade; sua relação com a feminilidade; e também, a maternidade como função social.

Porém, essa distinção encontra obstáculos de diferentes ordens: sociais, econômicas, ideológicas e emocionais.

Ainda sobre a questão da diferenciação entre natureza e cultura, pode-se verificar nos estudos de Ortner, que quanto mais os homens são definidos em relação às suas conquistas no mundo público, mais eles passam a ser participantes, por excelência, desse mundo, e a ter mais experiências humanas feitas pelos homens. Isto é, vivência no mundo da “*cultura*”, sendo que as mulheres dirigem a vida para o outro lado, para atividades que parecem ser irrelevantes. Sua posição é derivada de suas funções biológicas. E, ainda, as mulheres envolvem-se mais que os homens nos materiais “*sujos*” e perigosos da vida, dando à luz e lamentando a morte, alimentando, cozinhando, desfazendo-se das fezes e equivalentes. Essas oposições encontradas em sistemas culturais vão dar ao

homem, em última análise, o significado de “*cultura*”, uma vez que a ele é atribuído tudo que é construído, valorizado, ordenado, e à mulher, como é definida através de símbolos que reforçam suas funções sociais e biológicas, passa a significar “*natureza*” e, freqüentemente, desordem.⁸

Portanto, o papel social feminino faz com que as mulheres criem a partir de sua própria essência, enquanto o homem é livre para ou forçado a criar artificialmente, isto é, através do meios culturais e dessa maneira manter a cultura.

Por essas razões as mulheres são identificadas ou simbolicamente associadas com a natureza, em oposição aos homens que são identificados com a cultura. Conseqüentemente, elas se vêem como os outros as vêem, e reproduzem o que a sociedade quer que elas sejam. Dentro do princípio, “ser mulher é ser mãe” e “ser mulher-avó é ser mãe duas vezes”.

Assim, a condição fisiológica da mulher de procriar, muitas vezes a faz olhar esse fato como parte de sua vida: ser mãe é, conseqüentemente, ser avó, como nos fala uma entrevistada: “Senti feliz, achava que ia ficar avó um dia, isso faz parte da vida da gente.”

O nascimento da criança envolve o grupo familiar como um todo, e especialmente as avós. Sendo um acontecimento que transforma a dinâmica interna na família, a avó passará para uma nova etapa da sua vida, cheia de experiências no papel de avó.

Essa nova etapa da vida da avó é sustentada pelos sentimentos de transferência simbólica, em que ela se põe no lugar da filha

⁸ Rosaldo, M. *A mulher, a cultura e a sociedade*, p.106, 1979.

ou da nora. E é esse sentimento que irá direcioná-la nas relações do grupo familiar.

Outro fator que interfere na vida da mulher é a passagem para a fase das transformações fisiológicas provocadas pela menopausa, na qual afasta-se da mulher a condição natural de procriar, é nesse acontecimento na família, que a alegria de dar a vida, quando mãe, é lembrada quando chegam os netos.

As avós entrevistadas revelaram que o nascimento dos netos significou para elas a identificação com as filhas ou noras, acolhendo, muitas vezes, os filhos destas com maior ansiedade do que as jovens mulheres. Com isso, percebemos que as avós recuaram no tempo, tornando-se “*jovens parturientes*”, e todas as alegrias da posse e do domínio, que de há muito seus filhos não lhes davam mais, foram revividas. Todos os desejos da maternidade a que renunciaram no momento da menopausa são satisfeitos, através do imaginário.

Assim as avós, acostumadas a serem mães de um número significativo de filhos, e tendo a prática de cuidar de criança, ao receberem seus netos, são invadidas pela alegria:

Ah!, fiquei alegre! Alegre de ter uma neta! Quando nasceu a primeira neta, depois quando nasceu os outros, também, eu ficava sempre contente! Parece que eu gostava de ter netos! Sentia alegria. Eu fiquei feliz! Porque parece que me sentia mãe de novo. Eu acho, que a gente se sente mais... mais gente. É mais importante. Eu fiquei contente, a gente gostou. Foi maravilhoso! Eu gostei, para mim foi a mesma coisa, não achei que fazia diferença, por eu ser avó. Agradeço a Deus por ter alcançado ser avó. (Odília, 84 anos)

Colocar-se no lugar das filhas ou das noras no momento de receber a criança na família é para as avós, uma maneira encontrada

para recuperar o papel de “mãe”. É, portanto, esse acontecimento cheio de significado para ela como mulher-avó que vai direcioná-la em todo o relacionamento, não só com as netas, mas com a família como um todo.

Dessa maneira, o papel da avó, além dos significados de parentesco por descendência, também trouxe consigo, implícito, todo o sentimento que essas mulheres idosas têm, nessa fase da vida. O imaginário de ser mãe novamente torna-se seu guia, a representação direta do significado: ser “mãe”.

Sobre esta questão, Durham, nos lembra que:

A dimensão simbólica constitutiva da ação humana pode ser verbalizada no discurso, cristalizado no mito, no rito, no dogma ou incorporada aos objetos, aos gestos, a postura corporal, e está sempre presente em qualquer prática social.⁹

Ao mencionar “ser mais gente, mais importante”, pode-se inferir que aumenta sua confiança, em relação a família, quando chegam as crianças no grupo.

Trazendo com elas o amor de mãe em relação aos netos, não se diferenciavam das verdadeiras mães, nos aspectos afetivos. E, ao se expressarem demonstravam, de maneira espontânea, esse sentimento, como algo natural:

Como se diz a avó é ‘mãe duas vezes’. Quando vêm os netos, a gente cria aquele amor por eles. Então eu acho que não tem muita diferença do amor que a gente tem pelos filhos. (Amália, 77 anos)

⁹ Durham, p. 73, 1984.

Com o imaginário de ser mãe duas vezes, a construção do amor pelas netas é redobrado também e como o relacionamento com o neto é voltado mais para a parte afetiva, como forma de se projetar como a “segunda mãe”, ela passa este sentimento para a família e para as netas.

Eu acho que o amor de mãe é mais responsabilidade, é o filho, será que a educação do filho tá certa, tá correta, o castigo tá na hora certa, ou tem que ser agora. E a da avó é aquele amor liberal, mais tranquilo onde visa mais agradar a criança, não exigir. Então, é o que diferencia o amor da mãe e da avó. (Lourdes, neta)

Por outro lado, atribuindo ao amor de mãe uma maior responsabilidade, e ao amor de avó o objetivo de agradar, confirma-se o papel direto dos pais de educar seus filhos. A avó somente auxilia nessa educação, e, sabendo dessa regra na família, faz uso da afetividade, agradando as crianças, para conseguir desempenhar o seu papel, e também, para não provocar tensões na relação avós e netos e com a família, é o que aparece no depoimento de uma neta:

O que eu mais gosto na minha avó é esse coração dela como eu já falei, muito bom. Coração que... às vezes ela discute, ela pode até discutir, às vezes ela fica nervosa e não quer discutir, porque ela não quer inimizades. Às vezes ela prefere até concordar com uma coisa que ela nunca quis concordar, prá não criar inimizades. Essa é a lei que ela mesma fez, fez prá ela, prá viver bem, e não ter inimizades.” (Rita, neta)

Para entender as relações desse grupo de mulheres-avós no cotidiano da família, é preciso entender que muitas vezes o amor das avós que é um amor muito especial, com tipos de sentimentos às vezes confusos, e às vezes tão claros nas suas ações, tanto com os netos, como com os outros membros da família. E, nesse jogo

de ora avançar com confiança e ora recuar que ela ganha o espaço e se afirma no papel.

Com mais experiência na vida, e na vida em família, esses sentimentos são difíceis de serem decifrados. Eles estão carregados de significados, e sua representação na família é descrita com maior intensidade pelas netas, que fala do amor delas pelos netos e pela família. Por essa razão é que a avó ocupa um espaço na família, com tanto destaque.

Mesmo sem darem conta, esse grupo de mulheres-avós sabe que é pela afetividade que ela mantém a família unida e é isso que ela quer, como objetivo de vida.

Elas sabem que no mundo de casa, na família, o que é importante para ela são os sentimentos de amor, que mantém unidos os membros familiares, para enfrentar as diversidades da vida.

A projeção de ser “*mãe*” dos netos, pode ser entendida como uma criação das mulheres-avós, que, ao perderem sua condição natural de serem mães, novamente estabelecem para elas mesmas e para seus familiares um conjunto de símbolos que as direcionam nas relações entre avós, netos e outros parentes. Assim, a manifestação da cultura permite essa construção e representação do papel de avó. Isto é, ser avó pode ser entendido na relação do imaginário de “*ser mãe duas vezes*” e suas ações concretas no cotidiano. Dessa maneira, a capacidade das avós de lidar com os fatores extrínsecos, permitiu a criação do papel de avó, por elas desempenhado.

Pensando assim, elas encontraram um mecanismo para direcionarem suas vidas na família. Com isso, driblaram sua própria

condição biológica de não poderem mais ter filhos e, ao mesmo tempo, asseguraram uma posição nas relações familiares.

O que se percebe no estudo, é que as mulheres-avós, ao se sentirem “*mães*” novamente, foram buscar os conhecimentos e significados aprendidos desde criança e de suas próprias experiências de serem mães, para lidarem com seus netos. Procedendo assim, encontraram um significado para esse acontecimento na família.

Verificando as questões que envolvem a maternidade e naturalidade, pressupõe essa maternidade, vista pelas avós, como uma construção social, pois o “*filho*” (neto), não nasce dela, mas sim da filha ou nora. Assim sendo, esse papel pode ser entendido como algo construído, no processo da relação entre o imaginário e as ações concretas do cotidiano. Portanto, é a manifestação da cultura em nossa sociedade sobre as idéias do natural: ser “*muller-avó é ser mãe duas vezes*”. E, assim, pode ser entendido como um processo de biologização da própria cultura, no qual as avós, partindo de um quadro em que a natureza biológica já não lhes permite serem mães, recriaram-na imaginação para serem avós, e também “*mães*” dos netos na velhice.

Ao se projetarem como mães, estão dando significado às suas ações nas relações de família e, ao mesmo tempo, exteriorizando seus sentimentos de mãe dos netos, fornecendo a si mesmas um ambiente estável para suas condutas. Com isso foram construindo suas identidades, diferenciadas, dentro do contexto em que viviam. E, ainda foram direcionando suas vidas e vivendo as transformações ligadas à questão da velhice.

Trabalhando com esse imaginário, elas também procuraram

afirmar-se como mediadoras nas relações entre pais e filhos, pois acreditando-se mães dos netos, elas têm o direito de opinar em favor de seus *filhos*, isto é, de seus netos. Por outro lado, sentindo-se *mães novamente*, elas, em determinados momentos, ficam ao lado dos pais, por se identificarem com eles.

Nesse jogo de relações, todas as ações das avós entrevistadas têm um significado para elas, como mães, na família, e dessa maneira, elas pensam, vivem e projetam a história de seus filhos. Agindo assim, elas continuam participando ativamente nessas unidades de descendência italiana, ora sendo aceitas totalmente, ora criando tensões, pela necessidade de se adaptarem aos novos tempos da sociedade.

Em outras culturas e em outros grupos, certamente, as mulheres-avós se diferenciam do grupo de mulheres-avós entrevistadas, por atribuírem outros significados, no desempenho de seu papel na família. Muitas até não admitindo serem chamadas de avó, por não querer que esse papel seja comparado com a velhice.

Diante dessas considerações, pudemos entender, ainda, como o sistema de parentesco é um conjunto de símbolos construído socialmente. E para essas mulheres-avós, o tratamento de avó tem um significado que é representado pelo orgulho, pois indica um conjunto de significados vivenciados na prática cotidiana e valorizados pelos familiares.

Ser avó, significa também ter cumprido todas as etapas da vida de uma mulher na sociedade e na família. Eis porque o fato de ser avó não tem nenhuma ligação com os significados de velhice com valores depreciativos.

As interpretações permitiram sugerir que essas mulheres

se apropriam de padrões culturais impostos a ela, como mulher, utilizando-os como estratégias para interagir com a família, imaginando-se mãe novamente, em idade que a natureza biológica já não lhe permite ser. Dessa maneira, elas não só deram direção para a sua nova etapa de vida em família, como também driblaram no pensamento a própria condição biológica. Recriaram os seus significados e ações na família, agora, com o papel de avó.

AVÓ-MEDIADORA NAS RELAÇÕES ENTRE SEUS FILHOS E SEUS NETOS: ACEITAÇÃO E CONFLITO NA FAMÍLIA

Com a vida renovada, mais confiante no papel de avó, seguindo o modelo de “mãe” dos netos, no imaginário, ela vai usando da afetividade, e driblando nas relações, encontrando maior aceitação entre os membros da família. Porém, na situação concreta, quando as avós pretendem interferir na educação dos netos encontram impedimentos, tanto por parte dos pais que se vêem ameaçados na sua autoridade quanto por parte dos netos quando começam a participar de um outro mundo, fora da família.

Na relação entre mãe e filhos, mesmo com mais idade, comumente a mãe tem maior preocupação do que o pai, com as crianças. É como se as crianças nunca crescessem, são eternas crianças. Essa atitude, pode significar, que a mãe, ao prestar os primeiros cuidados com os filhos, psicologicamente sintase res-

ponsável por eles a vida inteira. A presença e devotamento para com o filho provoca uma relação intensa de sentimentos: alegrias, tristezas, preocupações, remorsos, e até de receio de não cumprir bem o seu papel.

Os filhos ao passarem pela fase de socialização secundária, muitas vezes não conseguem estabelecer um relacionamento sem tensões com seus pais. Geralmente, é na passagem da fase de criança para a adolescência que os filhos apresentam problemas na família. Os adolescentes começam a internalizar novos valores ao se relacionarem com outros grupos, fora da família, e os conflitos ficam estabelecidos, pois os valores aprendidos na família, muitas vezes não são iguais aos da sociedade maior.

Como a responsabilidade e a autoridade de educar é atribuída pela sociedade aos pais, é com esse grau de parentesco que os adolescentes se conflitam mais. Contudo, ficou evidenciado que as tensões, também, aparecem no relacionamento entre avós e netos, pois se representando como “mães” dos netos, e estes considerando-as como “segunda-mãe”, não aceitam interferências em suas vidas, em determinados momentos. Nesse caso, as avós reproduzem a mesma autoridade dos pais.

Esse período na família traz recordações, para as avós, do tempo “bom” em que criaram seus filhos, e da obediência dos mesmos a sua pessoa, lembrando que a realidade era outra:

Há diferença, sim, porque cada um pensa do jeito que quer e eu, quando estava criando meus filhos, falava o que tinha para falar e eles obedeciam. Já com os netos, a gente não pode falar o que falava para os filhos, que eles não deixam de responder. Sempre eles respondem mais que os filhos da gente. Começam a responder dos 9 a 10 anos para cima. Eu penso que as crianças de hoje em dia se sentem donos de si, parece

que eles se sentem mais grandão. São diferentes de antigamente!... É por causa do tempo! Está tudo mudado! A gente nota que é diferente o modo que eu criei meus filhos e o modo de criar de hoje em dia, porque vamos supor, minha filha, ela faz o possível para criar direito os filhos, mas eles entendem da maneira deles! Eles respondem para ela, porque a convivência fora está assim. As pessoas reclamam que está diferente de antigamente.... Os filhos obedeciam mais os pais, porque eu no meu viver com meus pais, meu pai era administrador de fazenda, a casa estava cheia, chegava no sábado e no domingo, e eu lembro que ia brincar, fazer barulho. Meu pai não precisava ficar bravo. Era só uma olhada e a gente já sabia que era para sair e não fazer barulho. Hoje, tudo é diferente! (Adelina, 72 anos)

No caso dos avós a preocupação vem acompanhada da comparação com os tempos passados, nos quais a educação era diferente. Apenas com um olhar, os pais transmitiam aos filhos o que queriam.

As avós criticam a desobediência dos netos e culpam a sociedade que gera esse comportamento dos netos.

Aos pais cabem as decisões de como educar os filhos e o fazem conforme a construção de seus significados simbólicos e a realidade que vivenciam. Essa forma de educar os filhos difere da forma que a avó educou seus próprios filhos e difere também, da forma que ela deseja para a criação dos netos.

Mesmo sendo questionada a atitude dos pais em baterem nos seus filhos, a função socializadora dos pais lhes confere a liberdade de bater para corrigir e educar a criança, quando esta faz coisas consideradas erradas por eles. A avó, sem a responsabilidade direta na educação dos netos, não tem a liberdade de bater. Essa falta de liberdade, que o próprio sistema de parentesco lhe confere somada à sua projeção de avó como “mãe” dos netos, levam-nas a

definir como “*falta de coragem de bater*”. A maioria dos depoimentos refletem o que uma avó diz:

É diferente num ponto: a mãe é sempre mais chegada aos filhos, tem mais liberdade, embora a avó também sejam chegada aos netos. A diferença que eu acho é que, com meus filhos, eu tinha mais liberdade prá chamar a atenção, dar uns tapas e com os netos, eu não posso fazer isto. (Mariana, 74 anos)

No momento de identificação como “*mãe*” dos netos, as avós sentem vontade de bater neles, como se fossem seus filhos. Não podendo fazer o que desejam, o descontentamento aparece e o conflito fica estabelecido na relação avós e netos, de maneira camuflada, pois as avós não demonstram para os netos o que sentem na realidade.

Não tendo a autoridade de bater e não tendo a responsabilidade direta na educação da criança, a avó faz comparação com o papel de mãe, e reconhece que seu papel de avó é mais fácil:

“Eu acho que é melhor ser a avó do que ser mãe de seu neto”. (Isabel, 68 anos)

Ser mãe, de um lado, significa ter a responsabilidade direta na educação do neto; ser avó, de outro, implica um relacionamento mais ao nível afetivo. Não criando tensões declaradas com os netos, é melhor para ela ser avó, pois esse papel a libera da responsabilidade de educá-los e lhe dá condição de se relacionar melhor com os netos. No depoimento abaixo fica evidenciado como a avó se percebe na relação entre seus filhos e seus netos na família:

Ah! Eu falo verdade, eu quero tanto bem meus netos que nem fossem meus filhos. Para mim não tem diferença de filho e neto. Eu quero

bem, eu sofro pros netos, como que pros filhos... porque muitas vezes eles merecem apanhar, elas batem. Para mim é eu que estou batendo. Parece que é eu. Eu não gosto quando ela bate nas crianças, eu sofro bastante. Parece que me dá uma coisa no coração. (Tereza, 67 anos)

Relembrando a vida que levava com seus filhos pequenos, quando não tinha paciência e nem tempo para lhes dedicar atenção e carinho, ela não percebe que o mesmo está acontecendo com as filhas e noras. Assim, o sentimento de “remorso” aparece provocando uma ambigüidade nos seus pensamentos, pois, mesmo sabendo que os netos merecem apanhar em certas ocasiões, e ela mesma querendo bater neles, a avó não quer que as mães batam nos seus netos. Simbolicamente é como se fosse ela quem estivesse batendo nos seus “filhos”. Nesse momento, a avó não consegue estabelecer a diferença entre mãe e avó, em função do que sente-se: “mãe dos netos”.

Por um lado, verifica-se que uma das regras do papel de avó “não bater”, legitima-se na medida em que a avó não quer atrito com os pais da criança e nem com seus netos. Entretanto, ela não gosta de lembrar que batia nos filhos, quando pequenos. E, bater nos netos agora representa estar batendo novamente nos filhos.

A regra “não bater” passa a ser, então, um dos regulamentos que o sistema de parentesco confere ao papel de avó, para manter o equilíbrio das relações na família. Entretanto, a avó sabe que cabe aos pais a educação de seus filhos e, a eles é dada a liberdade de bater. Estando com ela o imaginário de ser “mãe” novamente, vivendo essa representação na realidade, ela cria mecanismos para desempenhar o seu papel. Nesse caso cabe a ela dedicar aos “filhos” (netos) o carinho, a atenção que não pôde dar, nos tempos

passados, aos seus próprios filhos quando eram pequenos. Agindo assim, as avós procuram recuperar o tempo passado e agora redobram a atenção aos netos, compensando o que ficou para trás.

É na questão da educação dos netos, que fica mais claro como a avó vê o seu papel de avó, carregado de afeto:

Ab! É, ser avó é ser mãe, não sei explicar bem para você! Ab! Ser avó é ser mãe duas vezes, porque o amor que você tem por seus filhos, você vai ter pelos netos. Porque ser avó é ser duas vezes mãe, e duas vezes mãe a gente se preocupa com os netos conforme se preocupava com os filhos da gente! Nesse ponto a gente é assim duas vezes mãe. Agora na educação é diferente porque ser mãe você tem toda liberdade de corrigir, fazer o que você quiser, ser avó, não! Porque tem os pais; e os pais não admitem que os avós se enfrontem na educação, nas coisas assim. Então, a gente, para não haver um atrito entre os netos e a gente, a gente fica separado, deixa eles fazerem tudo que achar melhor. (Vicência, 65 anos)

O que se observa é que a avó se preocupa como os netos são educados. Não podendo interferir nessa educação de forma direta, ela deixa que eles façam o “que querem”. Com isso, dá aos netos a liberdade que não deu aos seus filhos, quando eram crianças.

Nesse ponto é que as tensões aparecem entre avós e pais, muitas vezes de forma camuflada, ou mesmo abertamente. Por não permitirem a interferência da avó, há o conflito.

Do lado dos netos, ajudando-os na hora que precisam, deixando-os fazer o que querem, tratando-os bem, os netos aceitam mais a interferência da avó.

Nesse jogo de relações e significados, ora com os pais, ora com os netos, as avós se vêem recuperando o tempo que não pôde dedicar aos filhos, na parte afetiva.

E, nesse jogo de representações, as avós vão buscar recursos nos atributos aprendidos no papel de mulher em nossa sociedade, para poder controlar as situações que enfrentam na família e principalmente com os netos, a avó comenta:

Avó parece que tem mais paciências que a mãe. A mãe, quando fica muito ocupada, ela ralha, bate. A avó ralha e não bate, tem mais paciência. (Julia, 72 anos)

A qualidade da mulher de ser paciente, é aprendida e construída no desempenho do seu papel feminino na sociedade.

Cotidianamente a cozinha ensina-lhe paciência e passividade; é uma alquimia; cabe-lhe obedecer ao fogo, à água; esperar que o açúcar derreta, que a pasta fermente e também que a roupa seque, que as frutas amadureçam. Os trabalhos caseiros aparentam-se a uma atividade técnica; mas são por demais rudimentares, por demais monótonos para convencer a mulher das leis da causalidade mecânica. Aliás, mesmo nesse terreno, as coisas têm seus caprichos; há tecidos que encolhem e outros que não encolhem ao serem lavados, manchas que desaparecem e outras que não, objetos que quebram sozinhos, poeiras que germinam como plantas.¹⁰

Nesse caso, a calma, a paciência que a mulher aprendeu no seu cotidiano demonstram que, ao atingir mais idade, e no papel de avó, terá que utilizar essas qualidades como mecanismos para se manter nas relações da família. Uma avó comenta:

Porque uma avó, vamos supor, eu tenbo que falar alguma coisa, eu já tenbo um pouquinho... de repreender, de falar. Já uma mãe, já chega, xinga e fala. Agora, eu chego, já vou com calma: não faça mais isso! Não fala mais assim! Não responda! Agora a mãe já grita. É diferente nessa parte, de querer bem, de reclamar alguma coisa, falar com eles com calma. (Carolina, 74 anos)

¹⁰ Beauvoir, p. 364, 1980.

A maneira de falar calmamente e mais cuidado com os netos reflete, também, um meio encontrado pelas avós para falar o que quiserem, porém, sem gritar. A avó sabe que se gritar como a mãe ela não consegue um relacionamento positivo com os netos. Na maneira da avó analisar a forma como a mãe fala com os filhos percebe-se que o conflito fica também “*camuflado*”. A avó critica a mãe dos netos por não saber educá-los e, querendo educá-los de forma diferente da que educou seus filhos, procura falar com calma, paciência. Assim, o relacionamento afetivo fica presente, e a calma passa a ser um mecanismo, por excelência, que a avó, como mulher, sabe utilizar para o convívio entre os membros da família.

Essa paciência com as crianças, que ela internalizou, agora com o tempo e a idade, a faz ser diferente da mãe do neto e também do avô no relacionamento com as mesmas. E, por ser mulher, ela vê esse relacionamento como natural da mulher, dizendo:

Eu acho que a avó tem mais paciência com os netos, agrada mais. A mulher sempre tem mais paciência que o homem. (Francelina, 85 anos)

A paciência, estando relacionada ao cuidado de crianças e dos afazeres da casa (com raras exceções o homem assume essas tarefas em nossa sociedade) é, para a mulher, um atributo que aparece com maior propriedade na velhice. As avós também precisam ter calma e paciência para se relacionar com os netos, pois elas precisam de tempo para pensar o que vão falar. E, a maneira de falar é que dá a elas o sucesso na relação com os netos.

Os netos que estão vivendo em dois mundos diferentes, o mundo da casa e o “*mundo lá fora*”, acabam trazendo no relacionamento com as avós um aprendizado diferente para elas e ainda

as fazem aproveitar todo o espaço de tempo ao lado dos netos, podendo assim, recuperar o tempo “perdido” no passado quando não puderam desfrutar desse tipo de ligação com os filhos. Nesse caso, as emoções que as avós sentem ao apreciar a companhia de seus netos, tornam-se um dos pontos que delinham a relação entre elas e os netos.

As emoções, que estão subjetivamente no relacionamento entre avós e netos, são representadas pela paciência, carinho, atenção e afeto, que as avós devotam aos netos, quando falam com eles.

O prazer de estar novamente dando orientação, conversando com a criança, a qual representa o seu filho, a faz ter calma, paciência para ela viver esse momento como “mãe” do neto. Isso, porque, muitas vezes, é no espaço de tempo do conselho, que ela, como avó, tem a oportunidade de se projetar como mãe. Sentindo a satisfação de estar perto dos netos, ela recupera o tempo que não pôde dar carinho para os filhos.

Assim, a paciência tem um significado para a avó, que é “mãe duas vezes”, isto é, a de reviver na relação com seus netos o tempo em que cuidou dos seus próprios filhos quando pequenos.

Com a idade mais avançada, tendo adquirido todos os atributos inerentes ao papel de mulher em nossa sociedade, agora no papel de avó, imaginando ser “mãe” novamente, passa a defender a idéia de que os netos precisam de avós:

É muito importante, porque as crianças que não têm avó reclamam, sentem falta. As crianças gostam tanto das avós! A gente sempre protege os netos! O que tem que falar, a gente fala, mas também protege eles! (Rosalina, 75 anos)

E, desse modo, as avós, sentindo confiança em poder ajudar os netos no que ele precisam, quando elas vêem as tensões entre os pais e filhos, sentem-se como guardiãs dos netos. Dessa maneira, criam alianças com eles e a guarda da criança é um ponto importante para deixá-la numa posição favorável na família, pois, no fundo, os pais também sentem esse desejo, o de proteger os filhos. Assim, o conflito não fica tão profundo, a ponto de romper as relações, quando a avó toma o partido dos netos. No caso estudado, o que se observa é que a proteção vem acompanhada pela atitude das avós em falarem o que precisa – com prudência – para os netos. Nesse sentido, a proteção é negociada, a avó protege, mas o neto, também, tem que ouvir o que a avó tem para falar.

A atitude de proteção aos netos é confirmada pelos depoimentos da maioria das netas:

Minha avó, na infância sempre foi assim, a que nos socorria desde pequena. Vamos supor, se minha mãe fosse bater na gente, porque eu era muito bagunceira, ela batia, mas eu merecia, tá! A gente fazia alguma arte e corria prá vó, a avó socorria tudo, socorria, sempre, protegia a gente, sempre foi muito carinhosa com a gente. Na adolescência, ela sempre apoiou a gente em tudo. A gente podia tá errada e a vó dizia: não! Tão certo! Ela sempre deu todo o apoio prá gente, até acostumou mal a gente! Era ótimo! Exatamente porque assim, a avó era mais uma pessoa que a gente tinha além dos pais e da mãe, quer dizer, a avó era mais uma que a gente podia contar, que tava acompanhando a vida da gente, protegendo, dando carinho, atenção, educação, e acho que, pela própria forma dessa vó ser. Era uma pessoa que a gente contava, precisava sempre muito dela. (Sandra, neta)

É importante notar também, que a proteção passa a ser a negociação entre avós e netos contra os pais. Assim, o relacionamento da avó com os netos pode ser chamado de cumplicidade, uma vez que ela sabe negociar com os netos sua força política e os

netos sabem do valor que essa força tem, quando dela precisam, para enfrentar os pais. É, pois, nesse momento que a avó é requisitada mais pelos netos do que por outros membros da família.

Dessa maneira as avós entrevistadas, utilizando-se de sua força política, através da afetividade, negociam com os membros da família estando, ora do lado dos netos ora do lado dos pais. Com essa prática as avós se colocavam como mediadoras nas relações pais-netos. Com o significado de “mãe” dos netos, ela têm o compromisso de defendê-los quando precisam, uma neta lembra bem disso:

[...] o relacionamento meu com a minha avó era diferente do relacionamento com meu pai e minha mãe, porque, às vezes, eu falava assim: – Não quero ir na escola, não quero e não vou. Isso, nos primeiros dias, como eu já falei. Até fugi da escola, no pré. Então, eu ligava pra ela, e falava pra ela mandar um dos meus tios mais novos que ainda não estava casado, pra vim me buscar, por favor. – Por favor, manda alguém vim me buscar, que eu não quero ir pra escola. Minha vó pegava e mandava. Aí, aquilo era!... quando minha mãe via um dos irmãos dela, um dos meus tios estava lá para me pegar, ela ficava brava, brava ó. Onde já se viu. Ela precisa ir pra escola. Aí a minha vó falava, não mas ela é novinha, não quer ir hoje, não força a menina e tal, então era diferente, assim, bajula um pouco! (Talita, neta)

Identificando-se com a mãe dos netos, a avó tem a responsabilidade de cuidar deles, por essa razão ela também acaba ficando do lado daquela em determinados momentos:

Às vezes, claro, não vai ser assim bom, positivo, às vezes ela fala: “Ah, mas a sua mãe dessa vez tá certa”. Quer dizer, dessa vez, se ela tá falando dessa vez, é porque muitas mais não estava, não que minha mãe não esteja, minha mãe é certa; você vê. É que minha avó, às vezes, fala: “Ah, mas também não é assim, o perigo existe. Não tem essa, tem que tomar cuidado. O perigo existe. Vocês querem sair, ficar até mais tarde na rua, a gente fica preocupada, não dorme. Não, nesse

ponto ela tem razão!. Ela dá razão prá minha mãe em tudo, mas não deixa de falar que nós, jovens, devemos nos divertir, aproveitar a vida, e aproveitar mesmo. (Cristina, neta)

Nesse caso, percebe-se que a avó faz a mediação política entre os interesses dos netos e dos pais, pois, com ela também está a preocupação que os pais têm (quanto aos perigos que os seus filhos possam encontrar no cotidiano). Por essa razão, ela fica do lado dos pais, quando os netos não os obedecem.

Para conseguir seus objetivos e afirmarem-se como mediadoras, geralmente, elas recorrem à prática de aconselhar. Nesse momento, o conselho¹¹ vem caracterizado mais para o lado da afetividade com os netos, isto é, tendo a prática de ser mãe e sabendo que agora precisa ter calma com os netos, elas se utilizam dessa experiência para falar o que querem para os netos, porque, na realidade, elas falam a mesma coisa que os pais querem falar, contudo, essa fala assume um outro tom, isto é, menos impositivo que a dos pais.

O conselho “*camuflado*” de afetividade, é o veículo que possibilita à avó se afirmar na relação difícil entre pais e netos. E, é através da linguagem que ela reproduz os seus significados. Com relação a essa questão, Berger lembra: “*A vida cotidiana é sobretudo a vida com linguagem, é por meio dela, que participo com meus semelhantes*”¹²

¹¹ Queremos chamar a atenção que, nesse momento, a prática de aconselhar é analisada por nós, como uma estratégia para a avó expressar a afetividade, isto é, paciência e jeito especial para falar com os netos de forma afetiva, diferente de como ela falava com os filhos pequenos, recuperando e compensando o que não fez para os filhos. Diferenciando, assim, da forma de aconselhar como forma de poder – passando suas experiências de vida, e querendo que os netos façam como ela, conforme demonstraremos no Capítulo 3.

¹² Berger, p. 57, 1974.

A experiência que as avós vivenciaram na família, expressa um significado subjetivo. Elas guardam na lembrança as coisas que gravaram no subconsciente, e quando eles têm oportunidade de passar esses significados para as gerações mais novas, elas o fazem em diferentes formas, e uma é o conselho. Assim, o conselho é visto pelas avós como uma maneira de auxiliar os membros a resolverem os problemas que surgem:

Eu acho que a avó sempre gosta de ver as coisas certas e ajudar de um jeito ou de outro, a gente faz o impossível para ver tudo em paz. Se tem confusão com um, a gente vai apaziguar; se tem um apurado, a gente dá um conselho. Dá um jeito de colocar certo, de ajudar certo. Meu pensar é esse é, graças a Deus, a gente é feliz com a família. (Idília, 89 anos)

Assim a avó, com a experiência de vida e com os atributos de sua condição feminina: paciência, calma, saber agradecer, ajuda os netos através da palavra. Ainda sobre a questão do conselho, Barros buscando em Kuper, nos diz:

Dizem que os avós ensinam os jovens a respeitar seus pais. Os avós castigam pela boca, os pais, o mais das vezes, com o pau.¹³

É importante notar que para aconselhar alguém é preciso de tempo para persuadir a outra pessoa. Nesse caso, a calma e certa habilidade, chegadas para o lado afetivo da conversa, trazem maiores resultados do que a fala agressiva. Podemos sugerir, então, que o conselho é próprio de pessoas que já com certa experiência de vida adquiriram outra visão da vida e assim podem ouvir e falar. Assim, este é um mecanismo a seu favor nessa relação de mediação entre duas ou mais pessoas.

¹³ Kuper apud Barros., *autoridade e afeto*. p.114, 1987.

Essa relação, geralmente, cria um vínculo afetivo entre quem dá conselho e quem o recebe, principalmente no ambiente da família, local privilegiado para expressar esses sentimentos, lembrando que é a família o espaço de intimidade, no qual as relações afetivas se dão com maior descontração.

Contudo, nem sempre as avós conseguem resultados positivos com seus conselhos, mesmo com paciência e afetividade, uma vez que os netos também já estão crescendo e, então, a interferência da avó pode tornar-se menor como explica uma avó:

Hoje eu não posso mais influenciar, porque os pais não consentem... Eu queria sempre. Às vezes, eu queria falar o que eu sentia, o que eu fiz, o que eu sabia, o que eu sei, mas não dá. Agora, não dá, desde que começou a entender, porque, quando são crianças, é uma coisa, depois que entendem, é outra coisa. (Amália, 77 anos)

Nesse contexto é que as avós também aprendem que existem momentos adequados para suas interferências. Assim, percebem que é preciso ter cautela ao dar conselhos, pois em certas ocasiões, ele também pode gerar tensões no relacionamento da família. Ao falar, principalmente, com os netos, é necessário pensar no que vai dizer. Esta é a preocupação das avós para saber como negociar nas relações com a família. É uma aprendizagem que requer um certo cuidado, pois o que vai dizer pode ser motivo para ela provocar desequilíbrio na família. Nesse momento, as avós sentem que já não podem impor seus valores, suas vontades aos netos, como faziam quando eles eram ainda crianças. Se, antes, o conflito era mais com os pais dos netos, agora, os netos também já possuem seus próprios valores e, por esse motivo, é necessário ter cuidado com o que se diz.

Nesse período é que a avó passa a ter mais cautela, paciência e os conselhos bem pensados passam a fazer parte de seu relacionamento com os netos. Até em certos momentos ela aprende que é melhor ficar com seus valores do que insistir com os netos. Sobre isso uma avó comenta:

A gente aprende um pouco de tudo, a gente sente como fala... tá na dele e a gente tem que ficar na da gente e, com isso, a gente aprende um pouco. (Ivani, 66 anos)

Até mesmo com as situações que levam a avó a ficar num plano secundário nas relações, ela aprende que, muitas vezes, recuar é melhor do que enfrentar a situação de tensão, e passa a ficar “na dela”. E nesse aprendizado é com a geração mais nova que ela vai obter, pois, os valores novos, que eles estão aprendendo fora do mundo da casa, vão se distanciando dos valores tradicionais das avós.

O que se percebe em nossos estudos é que, para ocupar a posição de mediadora, as avós demonstram que aprenderam como discutir e como “concordar”, mesmo que disfarçadamente, não estejam de acordo com as atitudes e pensamentos dos netos, quando estes diferenciam-se dos seus quadros de referências. Da mesma forma, souberam, ainda, interferir e concordar, com os seus filhos, principalmente filhas e noras, na educação de seus netos. Na verdade, as avós têm astúcia e se utilizam das estratégias afetivas, para manter um relacionamento amistoso no mundo da casa.

Assim, no cotidiano, as avós provocam um jogo entre o imaginário e o vivido concreto, isto é, ora se imaginando como mãe e ora efetivando o seu papel de avó. Com isso, vão fortale-

cendo sua posição de mediadoras, aliando-se em determinados momentos com os netos e em outros com os pais destes.

A experiência e as sutilezas em lidar com relações que se estabelecem no mundo da casa, permitem, por um lado, às avós de se perceberem e perceberem o mundo como “*mães outra vez*”, por outro lado, permitem às netas conceberem as avós como aliadas e uma “*segunda mãe*”. Em outros momentos são importantes para seus próprios filhos, pois como aliadas destes, auxiliam-nos na educação dos netos.

Dessa maneira, a prática social de ser avó é para essas mulheres um processo no qual elas, como mulheres, ao chegarem à velhice, souberam manejar e impor regras desse papel. Com isso, elas desempenham o papel de avó, ora como mãe ora como avó, sem que disso elas se apercebam. Nesse jogo, continuam influenciando na educação dos netos e na vida de seus filhos na família. E, ainda, vendo os netos como continuidade de suas vidas, vão tentando direcionar a vida deles também como se fosse um retorno de suas próprias vidas.

Na representação de avó e, ao mesmo tempo, de “*mãe duas vezes*” é que a transferência simbólica é utilizada pela mulher-avó, como compensação de todas as recordações do seu papel de mãe. Nesse processo, as regras do seu novo papel vão sendo construídas com a finalidade de dar carinho e atenção aos netos, com se estes fossem seus próprios filhos.

Assim, no jogo de ser avó e “*mãe duas vezes*”, ela se coloca como mediadora, entre seus filhos e netos, podendo suprir, de certo modo, a falta de não ter mais os seus próprios filhos para

continuar criando e ser considerada sempre a primeira no lar. A esse respeito, os depoimentos demonstram na sua maioria, como as avós se sentem:

Ah! eu me sinto assim... de ser sempre a primeira! Eu queria ser sempre a primeira, mas já não é, não pode, né!. (Adelina, 72 anos)

Como no mundo da casa a figura da mãe é tida como a “rainha do lar”, e as atenções, no que se referem ao lado afetivo, são a ela direcionadas; com a chegada dos netos, de certa maneira as atenções que os filhos lhe dedicavam recaem, agora, para os filhos destes. Imaginando ser “mãe novamente”, ela tenta recuperar também esse espaço não só com os netos, mas também com seus filhos, procurando ser sempre a primeira do lar. No caso das mulheres-avós entrevistadas, o que se percebe é que lutando com diferentes armas, elas conseguiram uma posição significativa de mediadora, através do exercício do papel de avó, nas famílias de descendência italiana e, de certa maneira, também, ocupam a atenção não só dos netos como de outros membros da família, como veremos nas análises dos depoimentos das avós e netas entrevistadas, na terceira parte deste estudo.

É importante notar que, para essas mulheres-avós, o mundo da casa foi o seu projeto de vida, assumindo-o e administrando-o. Nesse sentido, construíram o seu papel de avós, associando-o ao papel de mãe e vivenciando o dia-a-dia nesse espaço, também redefiniram os seus significados. Procedendo assim, na família, estão ensinando as netas e conseqüentemente a sociedade como um todo, a humanização nas relações sociais.

Sem a figura da avó, na família, os conflitos acabam se cristalizando nas relações entre pais e filhos, e a tendência é passar esse tipo de relação para outras relações em sociedade.

O PODER E A AUTORIDADE DE MULHERES-AVÓS NO 3 MUNDO DA CASA

A TRAJETÓRIA DE VIDA DAS MULHERES -AVÓS E O CONTROLE DO MUNDO DA CASA

A concepção de que a mulher é submissa permeia o imaginário presente na sociedade, e leva a crer que a mulher sempre foi inferior ao homem. Essa visão de submissão da mulher ao homem é construída pela ênfase dada ao papel da mulher de reprodução biológica, contribuindo significativamente para uma oposição universal entre os papéis “doméstico” e “público”, os quais têm diferentes características.

A separação das atividades entre sexos cria, para cada um, uma área de autonomia e independência. Essa divisão de tarefas,

pode produzir concepções completamente diversas sobre o papel e a posição da mulher na sociedade.¹

Estudos demonstram ainda que a aceitação da dominância masculina em certos setores da esfera pública não significa, necessariamente, a submissão à vontade masculina em outras ou na esfera privada, e homens submissos às mulheres parecem existir em todas as sociedades, mesmo nas mais machistas.

A mulher vivendo mais no mundo doméstico, nas décadas passadas, não tinha, geralmente, acesso à autoridade e ao prestígio, prerrogativas que, via de regra, eram atribuídas ao homem.

O domínio “privado”, por um lado, refere-se àquelas instituições e modos mínimos de atividades que são organizados em torno da unidade doméstica, e o domínio “público”, por outro lado, refere-se às atividades, instituições e formas de associação que ligam, classificam, organizam ou incluem grupos mais amplos que a família. A oposição entre tais domínios, é que, então, proporciona uma estrutura genérica para conceituação das atividades dos homens na sociedade.²

Em todas as sociedades humanas conhecidas, há uma diferenciação entre papéis femininos e masculinos. E é na família que essa manifestação ocorre com maior densidade. Porém, as formas dessa divisão sexual são extremamente variadas, assim como, também, variam a extensão e rigidez da separação entre tarefas que se dizem dos homens e aquelas atribuídas às mulheres.³

¹ Durham, p. 15, 1983.

² Rosaldo, M. et al, op. cit., p. 33, 1979.

³ Durham, E. R. *Família e Reprodução Humana*, p. 16, 1981.

Na época em que as avós citadas viveram maior parte de suas vidas, a mulher ocupava uma posição de submissão ao marido.

Uma das avós, em seus comentários sobre o poder de decisão na família, retrata o costume da época:

Na minha família, sempre era o meu marido que ficava na frente; a gente acostumava assim, Hoje é diferente, mas antigamente sempre era o marido. (Mariana, 74 anos)

Fazendo a comparação, a avó já vê que os tempos mudaram, e a mulher ganhou espaço de poder com a sociedade moderna. As mulheres vêm participando dos dois mundos, o doméstico e o público.

Uma das netas, ao falar de sua avó, reproduz o contexto da sociedade, na época em que a avó viveu:

Como mulher, na sua época ela viveu realmente as dificuldades e limitações na relação com o marido. Essa relação de machismo, da autoridade do marido sobre a mulher e foi assim que ela viveu sempre, e foi dessa forma que ela também se ocupou do papel de avó. Mulher 'dependente', uma mulher dona de casa, uma mulher que tinha que 'Segurar as pontas' e administrar todos os aspectos da casa, inclusive, os negócios do marido. (Mary, neta)

Segurar as pontas e administrar todos os aspectos da casa, inclusive, os negócios do marido, demonstrava a capacidade de, mesmo vivendo num período difícil para a mulher, também conseguir penetrar no mundo do marido, ou seja, dos negócios.

Essa faceta das mulheres-avós é confirmada pelo discurso de uma das avós, que confere ao homem o poder de decisão:

Era meu marido que tomava conta de tudo. O que ele falava estava falado e pronto.

O poder e a autoridade de mulheres-avós no mundo da casa

Quando eu morava no sítio, na Vila Regina, a maior parte das vezes, era eu que vinha na cidade para comprar coisas. Eu que tomava conhecimento das coisas, porque eu costurava, eu ia á comprar material para costurar e já fazia as coisas, os negócios que tinha que fazer, então ele, meu marido, só fazia os negócios, assim como na colheita de café, ele que vinha vender. Essas coisas era ele, mas nas outras coisas era eu quem resolvia. Em casa, geralmente eram os dois. Eu falava, ele concordava, quando ele falava, eu concordava. (Isabel, 68 anos)

Ao mesmo tempo, que a avó fala que o poder estava com o marido aponta para um clima de entendimento pois a mulher se insinuava, intervindo concretamente nas questões, tanto do mundo doméstico quanto do público, sem se impor diretamente. Essa forma de estratégia, utilizada pelas avós, não feria a submissão esperada pelo marido e exigida pela sociedade das mulheres.

A interferência dessas mulheres evidenciava-se num espaço de manobra da conversa. Se, de modo geral, as mulheres sempre tiveram a posição de subordinação ao homem na sociedade, as avós entrevistadas, na maioria, desde os tempos passados, já interferiam nos assuntos dos homens.

Importante observar que, mesmo as avós não percebendo a própria influência nas decisões da família, isso acontecia comumente no cotidiano, ainda que continuassem afirmando que ao homem cabiam as coisas do mundo público.

Sobre esse assunto, Lamphere nos mostra que muitos sistemas geralmente possuem poder indeterminado, isto é, um indivíduo ou grupo, sem autoridade, pode em algumas circunstâncias tomar decisões e ganhar aquiescência dos que a possuem. Nesse caso, nos grupos domésticos, os homens mantêm posições de autoridade e têm o direito legitimado de tomar decisões e manter

o poder.⁴ No caso das avós, tais questões ficam evidenciadas nas palavras:

Meu marido tomava decisões fora da casa, dentro de casa era eu. Quando acontecia alguma coisa, a gente conversava. (Tereza, 67 anos)

Foi por intermédio do recurso de conversar que a mulher-avó estabeleceu estratégias, criou o espaço de arbítrio, negociou com o homem, seu marido, e barganhou para atingir seus objetivos, mesmo que disso ela não tivesse percepção clara, ou até tivesse, mas era a sua maneira de ser e tratar dentro dos valores vigentes. A aceitação da determinação de que a mulher era responsável só pelo mundo da casa era também uma espécie de manobra, de convívio e de respeito na família.

Como a família era para ela um espaço repleto de significados, a maioria das avós entrevistadas relembram a sua participação nas decisões, no rumo da família:

O marido, quando fazia os negócios que pertencia a ele, ele fazia, só que falava comigo antes, prá ver se devia, e se eu fazia alguma coisa, eu também falava prá ele, porque nós éramos juntos. A gente era assim, pois ele que me dava dinheiro quando ia comprar alguma coisa. Toda vida foi assim. Eu e meu marido sempre tomamos decisões juntos, de acordo. Nunca deixei meus filhos discutirem com o pai. Nos negócios, também, sempre conversamos, decidindo juntos. (Vicência, 65 anos)

Levadas pelo sentimento de pertencer ao grupo da família, afirmavam os valores tradicionais de respeito ao pai que tinha a autoridade e assim, selavam o pacto de conduzir os negócios com firmeza, mesmo que deixassem de lado os filhos. Estes teriam de aprender, como elas aprenderam, com os seus pais.

⁴ Rosaldo, M.; Lamphere, L. op. cit. p. 123, 1979.

A experiência cotidiana dava às avós a confiança de decidir o destino da família, apoiando o marido quando ele precisava. Assim, os maridos dependiam das mulheres para fazer os negócios do mundo público. As opiniões das mulheres tinham peso nas suas decisões quanto ao rumo a ser tomado pela família.

As mulheres-avós trazendo da casa dos pais essa habilidade, depois de casadas passaram a ser importantes para seus maridos, que ao começarem a vida, também não tinham experiência nos negócios. Portanto, sua contribuição foi sempre requisitada por eles.

Sabendo administrar a casa, elas também sabiam opinar e decidir, pois além do aprendizado na casa materna, desenvolveram essa sabedoria na experiência cotidiana.

A ênfase que as avós deram nos comentários sobre a participação nos negócios junto com o marido e na condução da família nos levaram a indagar onde estaria o significado dessa representação, tão comentada por elas. Verificamos que essas mulheres, desde a infância trabalharam com seus pais:

Daí quando já peguei 10 a 12 anos eu ia na roça também. Nós íamos todos pra roça trabalhar. A Inês era mais pequenininha e meu pai dava 'meia rua' prá ela trabalhar, e fomos crescendo assim. (Julia, 72 anos)

Os pais das mulheres-avós entrevistadas utilizavam-se do trabalho das crianças, seus filhos, para plantar, cuidar e colher o cultivo da roça de sua propriedade. Nesse sentido, percebe-se a necessidade de desenvolver o trabalho envolvendo todos os membros da família. Aqui podemos nos remeter a Tilman Evers (1982) quando lembra que a pequena burguesia tradicional abarca

o setor dos pequenos produtores de mercadorias nas cidades e no campo.⁵

Assim, a responsabilidade de cuidar da “meia rua”⁶ na roça, já fazia com que as avós, desde criança, trabalhassem e cedo aprendessem com seus pais a decidir as coisas do mundo público restrito. Por terem que decidir o que plantar, onde plantar, a época do plantio, os cuidados, os assuntos de colheita, armazenagem e preços de venda, as mulheres-avós foram levadas a internalizar pensamentos, idéias, ações e decisões do mundo público também.

A história de vida de uma das avós demonstra a participação das mesmas no mundo do trabalho:

Sempre trabalhei em casa, mas aí, quando nós viemos prá cá, vim com uma molecada [...] a cada dois anos eu tinha um filho, até inteirar oito e teve um fora de tempo. Era eu quem criava, não tinha empregada. Trabalhava, lidava com camarada, com criação, ia na invernada tocar vaca, vinha em casa. Tinha tanto serviço prá mim fazer que eu não sabia nem onde eu pegava. Ah! Resolvia tudo, o que eu não resolvia de dia, resolvia de noite. Ia deitar lá prá uma hora, meia noite, prá costurar um pouco, remendar. Tudo isso eu precisei fazer. Ainda cuidava dos camaradas, bastante, lavava, passava, remendava prá esses camaradas, fazia esses panelões de comida. Quando os filhos ficavam doentes era eu que levava para o médico na cidade. (Carolina, 74 anos)

Verificamos que o aprendizado da coordenação e supervisão dos trabalhos caminharam num processo cumulativo de conhecimentos e habilidades dos dois mundos, o doméstico e o

⁵ Verificar em Tilman EVERS “Sobre o comportamento político das classes médias no Brasil” in: Paulo J. Krischeke, Brasil: do “Milagre a Abertura”, p. 87, 1982.

⁶ O termo “meia rua” refere-se a uma parte de terra plantada em fileira, geralmente de café, onde os pais davam como responsabilidade para as crianças cuidarem, conforme informação das avós.

público restrito (roça e pequenos negócios), e foi importante na vida das mulheres-avós entrevistadas. Dessa prática, na relação direta com o trabalho, dependia toda a questão da economia e da própria subsistência da família.

A supervisão e o controle eram fundamentais para o processo de produção material, para subsistência e para a troca; e as mulheres-avós contribuíram substancialmente para isso.

Sem a administração e supervisão dos trabalhos realizados pelos familiares das avós, nem aqueles poderiam coordenar o processo de produção material, quando as avós ainda eram crianças nem as próprias avós, depois de casadas, poderiam dar conta das tarefas dos dois mundos em que participavam: o doméstico e o público restrito, a roça.

Mesmo aquelas que não trabalharam na roça, com seus pais ou com os seus maridos, participaram nos negócios da família:

Eu quase não tive infância porque a minha mãe com todos aqueles filhos, todo mundo lutando, então eu era aquela que ajudava ela; não tinha hora para brincar. Com oito anos eu servicinho e tudo, ajudando sempre minha mãe. Com 13, 14 anos aprendi a costurar. Eu casei, dona de casa, poucos móveis tinha, uma casa, um guarda roupa e então, eu ia lá, minha sogra costurava também. Acabei aprendendo a costurar roupa de homem, calça, camisa, até vestido de noiva eu fiz. Logo vieram os filhos [...] aqui eu tinha a padaria, lutando, porque você vê, com essa filharada, tinha empregada, sempre tive, mas eu ajudava muito na padaria... (Francelina, 85 anos)

A atividade de costurar era uma constante na vida dessas mulheres e servia como forma de auxiliar confeccionando roupas para a família, para os empregados ‘camaradas’ da roça e para estranhos, servindo também como acréscimo no orçamento da família.

Cuidar da casa e dos filhos, trabalhar na roça e ainda costurar para fora fazia com que as mulheres-avós entrevistadas tivessem seu tempo todo ocupado e ficassem atentas a tudo o que acontecia ao seu redor, supervisionando e coordenando todo esse acúmulo de trabalho.

A vida austera dessas mulheres, o trabalho diurno e noturno levou-as a um processo de aprendizagem de dirigir não só os serviços, mas, também a família, tanto na sociedade tradicional, quanto na moderna, dando a elas a condição de serem donas de seu espaço.

A cultura específica dessas descendentes de italianos, imigrantes e a luta para sobreviver num país estranho, dão-lhes garras para o trabalho num clima de respeito. Permeando tudo isso, encontra-se nas mulheres, o desejo de proteção à família, que, apesar do afeto, transparece como autoridade, poder e manobra.

Diante disso, ou por tudo isso, construiu-se uma representação de mulher que contraria o estipulado pela sociedade, naquela época: à mulher caberia somente o domínio doméstico, privado. Essas mulheres entrevistadas extrapolam tais valores culturais. Recriam a cultura e acabam interferindo nos padrões da sociedade. Não há divisão para elas, na prática cotidiana, entre o público e o privado. A submissão é aparente. Na realidade, elas são o alicerce, a fortaleza da família. Mantém o controle e o poder, passando de modo seguro esses valores para a família. As netas sentem o poder de suas avós. Internalizaram seus valores e os levam pela vida afora.

Essas mulheres de quem estamos tratando, tendo de decidir e resolver problemas objetivos, como negócios, aprenderam a fa-

lar diretamente com as pessoas para resolver questões imediatas. Precisando dar ordem para os empregados, tratar de assuntos de produção e cuidar da casa e dos filhos, as avós foram levadas a se relacionar com os familiares, com esse comportamento.

Uma das netas sabe demonstrar bem como sua avó se relaciona com os familiares:

Ah, elas falam sempre diretamente, nunca mandava recado. Às vezes ela falava 'fulano' vem cá que eu quero conversar com você sobre isso, tal e tal, mas não era assim de falar por detrás, falar mal de um por detrás. Ela sempre foi clara nesse ponto, se ela tinha que dar bronca, ela dava bronca na frente de todo mundo. Então, se ela tinha que falar alguma coisa pra minha mãe, mesmo com o meu pai perto, com a gente perto, ela não deixava de falar, ela não deixava prá depois, não. As coisas boas e as coisas ruins também, sempre assim, sempre deixando a família em conjunto. A família toda participava daquilo, não era só aquele que tinha que ganhar elogios, todo mundo. (Mary, neta)

Falar sem rodeios, diretamente para outras pessoas o que ela pensava, significava uma forma de facilitar o seu relacionamento com o mundo público e com a família. Assim, ela tornava-se o agente direto nas negociações com a família, pois os seus familiares simbolizavam também os seus “empregados” tidos sob seu controle. Dessa maneira, as repreensões e os elogios eram ditos para as próprias pessoas que os mereciam.

Para que os negócios prosperassem ou se mantivessem, era importante para as avós a coordenação de tudo. Contudo, a vigilância constante dos pais pode provocar a falta de liberdade dos filhos. Sobre essa questão, Mills nos apresenta o seguinte:

Simultaneamente proprietário, gerente e trabalhador [...] sempre utiliza a família como ajuda na loja, na fazenda ou

na oficina. Assim, a vida econômica ajusta-se perfeitamente à vida familiar. Na lojinha da família, os pais podem estar sempre juntos e manter uma vigilância constante sobre os filhos. A liberdade econômica que pode desfrutar a empresa familiar tem como preço a falta de liberdade dentro da própria família.⁷

Dessa maneira, as tensões também aparecem na família, conforme verificamos nos comentários da neta sobre a autoridade da avó:

Eu sempre a vi como uma pessoa respeitada pelos genros, pelos netos, família, temida por todo mundo. Hoje não, eu acho que a idade avançou mais, ela até acabou perdendo esse espaço dela dentro da família. Antes a vovó era uma pessoa que até determinava coisas, almoço de família. Dizia: vamos esperar todo mundo chegar, não tá na hora ainda de servir e acabava todo mundo respeitando. Então, às vezes, o interesse da maioria era um, mas o interesse da vovó quando comunicado era respeitado, ou, entre aspas, temido, não sei, eu sempre vi isso. (Eduarda, neta)

Assim, as avós, pela sua própria história de vida, coordenando e administrando, trabalhando e lutando, passam a controlar as ações de grupo familiar no qual as ordens eram respeitadas, mesmo que contrariassem os interesses dos familiares.

É, pois, de posse da pequena propriedade e do controle do processo de produção, que se estendia aos empregados e à família, que vamos encontrar a legitimação do seu poder e autoridade, os quais se afirmaram na família, em todos os aspectos. A habilidade de coordenar o que a própria vida delas exigia, isto é, que soubessem utilizar o poder e a autoridade em administrar e participar nos dois mundos, o da casa e o do público restrito – trabalhar na

⁷ Mills, p. 51, 1979.

roça, costurar para fora, auxiliar o marido na padaria ou na olaria – tornou-as mulheres com um estilo de vida específico.

O fato de ter que internalizar os dois papéis – o de trabalhadora no mundo da casa e o de administradora dos bens no mundo público restrito – fez com que as mulheres-avós adquirissem a habilidade de controlar e mandar, participando em todas as decisões da família. Contudo, não deixaram de lado seus objetivos femininos, que sempre foram representados pelo amor e laços afetivos para com seus filhos e netos.

Diante deste quadro, esse grupo de mulheres, demonstrou que mesmo sendo socializadas para desempenhar um papel de mulher – na época em que esta era fortemente vista como submissa – recriou esses padrões, insinuando-se nas decisões e na condução da família e colocando-se em posições de realce. Assim, elas têm seus espaços conquistados e sentem-se realizadas em seus projetos de vida como mulheres e avós.

AS ESTRATÉGIAS DAS MULHERES-AVÓS E O CONVÍVIO EM FAMÍLIA: AMOR E RESPEITO

Estudos demonstram que a mulher aprende a ser mãe, uma vez que as atitudes maternas, muitas vezes, são oriundas dos comportamentos instintivos, e as outras são adquiridas a partir da aprendizagem.⁸

A mãe, ao ganhar o filho, passa um tempo considerável de sua nova vida cuidando da criança. Amamentando, vigiando, dando banho, vestindo, levando para passear, cuidando de sua saúde e proteção. Ela fica atenta ao comportamento da criança: aos sinais que emite, a mãe responde conduzindo-a através das regras explícitas no meio social.

Desse modo, desde o primeiro momento de vida, o desenvolvimento da criança é afetado diretamente pela relação mãe e filho e vice-versa, à medida que o homem é um animal que depende de cuidados para sobreviver, internalizando os códigos de uma socialização.

A aprendizagem de ser mãe ocorre durante duas fases da vida. A primeira verifica-se a partir da sua experiência com a própria mãe e da sua relação com os outros; a segunda tem início com a gravidez, o parto e a presença do recém-nascido e a relação estabelecida entre eles.

⁸ Kitzinger, S. *Mães; um estudo antropológico da maternidade*. Portugal, Presença, 1978.

Chodorow (1979) comenta que na medida em que uma jovem possui uma mãe para seguir, ela também tem a opção de tornar-se uma “pequena mãe” e, conseqüentemente, ser assimilada na vida adulta sem esforço. As maneiras e as atividades femininas são adquiridas de uma forma que parece fácil e natural. A família da jovem lhe proporciona um quadro compreensível e adequado de muitas das possibilidades e relações importantes que a definirão através da vida.⁹

Assim as meninas estabelecendo um vínculo com as mães, podem se identificar com elas e seu desenvolvimento precoce como mulher pode se processar sem conflito, num grupo que, em geral, nunca questiona seus membros, onde sua idade tanto quanto sua habilidade ou suas realizações, quase sempre, definem seu *status*.

Ao mesmo tempo que poderão crescer com uma auto-imagem depreciada, também podem desfrutar de uma sensação de bem-estar, amor e aceitação durante o processo de se tornarem adultas, desenvolvendo uma psicologia “feminina”.

Quando se tornam mães, a relação mãe e filhos estrutura-se nos componentes afetivos, resultando um tipo de amor diferenciado de outros amores: namorados, marido-mulher, irmãos e irmãs, tios e sobrinhos.

Encaminhando-nos nessa linha de pensamento, verificamos que os objetivos femininos são definidos pela posição da mulher na sociedade como um todo, na família, pelo lugar que ela ocupa, e pela estrutura de poder da família, concomitantemente.¹⁰

⁹ Chodorow, N. *Estrutura familiar e personalidade feminina*. In: Rosaldo, M. Z. et al (org.) *A mulher, a cultura, a sociedade*, p. 41, 1979.

¹⁰ Lamphere, L.; Rosaldo, M. Z. *A mulher, a cultura e a sociedade*, p. 59, 1979.

As mulheres avós, neste estudo, na sua trajetória de vida, apesar de participarem também do mundo público-restrito, foram absorvidas mais em atividades domésticas, devido ao aprendizado do seu papel de mãe. Com isso, existiu certa restrição na sua participação em outras atividades pela responsabilidade nos cuidados com os filhos. Dessa maneira, o enfoque de suas emoções e atenções foi particularmente dirigido aos filhos. Assim, quando casadas, sua posição continua relativa às coisas do mundo doméstico.

As avós aprenderam com suas mães a cuidar da casa e a tomar conta de seus irmãos, o que lhes proporcionou um aprendizado para depois de casadas:

Eu, na idade de 7 anos já lavava roupa prá minha mãe, que minha mãe ia prá roça, e cada ano e meio ela tinha um filho, teve onze filhos. Eu só cuidava dos filhos dela, eu lavava a roupa e eu cuidava das crianças, os filhos dela, os irmãos todos. (Rosalina, 75 anos)

Se através do trabalho no mundo público restrito, as avós, quando crianças, aprenderam com seus pais do sexo masculino as regras para ter autoridade e controle da família, com as mães elas aprenderam as coisas do mundo do lar. Sendo estas baseadas nas regras do amor e da afetividade, pois desde criança aprendera como se cuida de criança.

As mulheres-avós entrevistadas demonstram que seus objetivos sempre foram voltados para a família, para mundo doméstico e familiar.¹¹ O controle da prole, e agora dos netos, é a sua maior preocupação:

¹¹ Barros, M. L. *Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice*, onde a autora mostra a constatação da não preocupação com o mundo da casa em mulheres idosas que, na maioria, eram solteiras, participavam ainda do mundo público, 1981, p. 35.

Eu gosto de ver sempre meus filhos, meus netos na minha casa; se fico um dia sem ver, já acho falta. (Odília, 89 anos)

As avós, desobrigadas de alguns afazeres anteriormente assumidos, já com outra situação financeira, voltam-se, na velhice, predominantemente, para a família, procurando manter o controle que sempre tiveram. A coesão familiar que sempre foi um dos seus objetivos traduz-se em estar sempre reunida com a família, para ter controle da mesma e isto torna-se a sua grande preocupação:

O que eu gosto é reunir, família reunida. Eu gosto de reunir todos! Alegria, amor um com os outros, eles se dão bem, não têm assim desvantagem um com o outro, com ninguém; para mim é a maior alegria.

É a reunião deles, de tudo, os oito. Eu gosto disso. Ah, se eu gosto, de ver minha família unida. É um prazer de ver a minha família unida. (Amália, 77 anos)

Estar sempre em contato com os membros da família é, para as avós, uma forma de se sentirem bem, e com os netos representando seus “filhos”, estar perto deles também é gratificante.

A questão da preocupação acentuada das avós com os filhos e netos, está também presente nos comentários de Chodorow (1979). Para ela a vida cotidiana da mãe da camada média não é envolvida fundamentalmente em relação com outras mulheres. A vida dela é isolada com seus filhos na maior parte de seu trabalho diário. Assim, não é de se estranhar que ela possa despender muita energia e culpa na sua preocupação com os filhos e no cuidado deles para sua própria auto-afirmação. A situação de vida, de per-

tencer ao segmento médio da sociedade, leva-a a supor envolver-se nas vidas dos seus filhos.¹²

A vida toda dessas mulheres-avós, como já vimos, pautou-se no respeito, no afeto e no trabalho. O respeito aparece como uma característica fundamental na relação entre os cônjuges. A preocupação em manter os laços familiares dentro desse clima é de suma importância para elas. Desse modo, os valores dessas famílias italianas persistem na tradição dos filhos serem mantidos dentro do lar paterno. O depoimento de uma avó, demonstra:

Sempre tem alguma coisa, às vezes na parte do matrimônio tem alguma coisa, uns são menos chegados, por causa da convivência fora. Algum neto vai morar sozinho, isso não está certo, só se o pai e a mãe forem ruins. (Ivaní, 66 anos)

O mundo dessas mulheres é construído para cuidar da família e tê-la sob sua proteção. Portanto, passam, na velhice, a querer todos os filhos e netos perto de si. Admitindo a saída do neto somente quando os pais não são bons para os filhos.

A afetividade sendo o seu ponto de apoio, representa para elas a união da família e é com esse objetivo que lutam individualmente contra todas as adversidades que surgem.

Assim, a paz e a harmonia na família são para essas avós, suas aspirações de vida. E, quando isso não acontece elas ficam desgostosas e tristes:

Não gosto quando tem algum atrito, não suporte, fico triste.

¹² Chodorow, N. op. cit., p. 87, 1979.

discussão, malquerência, tudo que não é bom, que enfeia, tudo isso eu não gosto... Discussão eu não gosto.

Não gosto de ver ninguém brigando com os maridos... nenhuma das minhas filhas... nem as filhas com os genros e nem os genros com as filhas... eu não gosto. (Adelina, 72 anos)

A preocupação com a estabilidade refere-se tanto ao relacionamento interno, da sua casa, como a dos seus filhos e a dos netos. Nota-se que a preocupação prioritária relaciona-se aos seus objetivos políticos de controle e não à preocupação com os serviços da casa. Portanto, a intenção é com a continuidade da família como um todo harmonioso. A união da família passa a ser a sua própria vida, com alegria e satisfação de ver todos unidos.

Os objetivos da vida dessas avós são diferenciados, uma vez que, os valores que internalizavam, tanto da família de origem, como os que constituíram na sua própria família, deram uma estrutura para assegurar sua trajetória na mesma. E quando chegam à velhice, seus objetivos se acentuam mais na direção do controle dos membros da família.¹³

A segurança que as avós sentem em falar das tomadas de decisões em relação à continuidade de seus objetivos na família, agora com os netos, é observada no exercício da influência sobre o que deve ser feito, exercício no qual ela se vale até mesmo de sua condição de velhice:

¹³ Quanto ao poder da mulher quando envelhece, LAMPHERE nos coloca: "... todo relacionamento individual feminino muda em relação à obtenção do poder e da autoridade, à medida que a mulher envelhece e seus filhos amadurecem."(LAMPHERE, 1974, p. 124).

Uma neta minha deixou minha filha pousar sozinha, com três filhas casadas que tem lá; eu falei prá elas, não podiam ficar uma noite sem marido? Porque vai deixar a velha pousar sozinha numa casa? Eu não fico sem falar não. O que é prá mim falar eu falo. O que não é da minha banda eu também não incomodo não, viu? Mas agora, vai ver se ela deixa mais a mãe dormir sozinha. Eu mesmo que vou lá puxar os cabelos dela, eu falei que puxo tudo os cabelos dela! (Mariana, 74 anos)

É, pois, nesse sentido do amor na família que a avó procura controlar seus familiares, exigindo que as netas sejam seus exemplos. Esta maneira direta de falar que já foi demonstrada em falas anteriores, quando os netos eram pequenos, é a sua forma de se expressar, mesmo com a idade avançada.

Percebemos que a avó não quer que as netas deixem a sua mãe, a “velha sozinha”, o que indica que elas estão passando para as netas o significado do cuidado com sua filha, que já é mais idosa do que as netas. E essa tarefa de ensinar a cuidar dos mais idosos é, dela, e para que esse costume seja mantido ela “fala mesmo”. Porém, outras questões que não são relacionadas ao papel de avó, e que de certa maneira não envolvem a afetividade, ela “não incomoda”, pois tem certeza que acaba conseguindo o que quer, já que, caso precise, até de ameaças utiliza-se. O que significa, também, é que os maridos das netas, sendo homens, poderiam ficar sozinhos, porém, a mãe das netas, sendo mulher, e já com mais idade, no seu entender, não poderia. Puxar os cabelos da neta é outra evidência de como a avó ainda pensa que as netas são suas “filhas”, e com isso pode puxar os cabelos delas mesmo que já estejam grandes.

O marido da neta poderia ser deixado uma noite, a mãe da neta não. A mãe é parte do sistema de parentesco consangüíneo e

o marido não. A filha dela já faz, assim ela garante para sua filha o espaço na nova família dela, exigindo que a neta tome conta da mãe.

A gerontologia vem demonstrando que os cuidadores de idosos, na família, geralmente são do sexo feminino. Essa habilidade, pode ser relacionada aos cuidados que a mulher mãe aprende quando ganha o seu filho, somando ainda, com o afeto e carinho que ela dedica aos familiares. As avós pensando e agindo assim, estão criando a responsabilidade dos membros mais novos do sexo feminino, de se tornarem cuidadores de idosos familiar. Mesmo que tenham que repreendê-las. Assim, a cultura transmite-se de geração para geração.

Fica evidenciado que as avós encontrando-se numa posição hierárquica da idade, na família, possuem um *status* que lhes atribui o poder que as fazem ser respeitadas.

Esse lugar de destaque na família foi construído concomitantemente com a construção de um conjunto de símbolos: da autoridade e do amor, da afetividade e do respeito, que os seus familiares lhes foram atribuindo, no cotidiano, fazendo com que essas avós sejam respeitadas pelos familiares. A neta comenta:

O fato dela estar pedindo prá gente é porque ela sabe que vai ter um retorno, e que ela pode pedir que a gente vai fazer. Mesmo que ela pedisse sem todo esse cuidado, ela sabe que vai obter. E, também, como eu já coloquei, eu recebi muito dela, em termos afetivos, materiais, todas as formas de atenção. E, agora, se eu posso fazer e ela está precisando, então, é hora de retribuir tudo que posso. (Vera, neta)

Ter dado carinho e atenção, ter tido paciência com os netos, ter sabido trabalhar esse lado afetivo com as crianças, fez com que as netas, hoje, retribuam da mesma forma, agora que as avós

estão com idade avançada. Assim a retribuição é tida como um dever pelas netas, como um retorno de tudo que as avós fizeram por elas, desde que eram crianças.

A condição de ter-se esforçado para controlar bem a família, é o motivo de estar recebendo agora, em troca, o respeito pelo merecimento da construção do seu papel de avó, e pela construção da história na família:

Olha, eu acho que foi o fato dela ter conquistado todo mundo; acho assim, é que ela realmente cativou as pessoas, quer dizer, os filhos, os netos, os genros, as noras. Então é muito assim, geralmente todo mundo procura fazer a vontade da vó, por dó? por pena? porque ela é de idade? De jeito nenhum. Eu acho assim que essa vontade é porque a gente respeita muito, a gente acredita, ela é uma pessoa muito segura e merecedora mesmo. Pela luta dela, a vida toda de atenção. (Isabella, neta)

O papel de mulher dessas avós se impõe, agora, nas suas relações familiares, que elas continuam influenciando através do merecimento e do respeito recebido tanto dos netos, como da família como um todo. Assim, as avós se fazem representar, tanto na sua família como nas relações conjugais dos filhos, e até dos netos quando casados. Nesse aspecto, concordamos com Barros quando tece comentários a esse respeito:

[...] nessas circunstâncias cruzam-se duas facetas no momento de vida dessas pessoas: a velhice e o papel de avós. A sensação de que controlam suas vidas na velhice, quando os filhos já estão adultos e criados, leva as avós a se sentirem capazes de expandir esse controle para toda a família.¹⁴

¹⁴ Barros, p. 132, 1987.

Nesse sentido, o que as avós pedem, os seus familiares acabam atendendo pelo respeito à pessoa já com idade avançada. Assim a autoridade das avós também é exercida pelo sentimento de “respeito aos mais velhos”, como nos fala uma neta:

Eu acho que é porque a gente respeita muito, ela sabe que a gente aceita, porque nunca vai saber dizer não para uma pessoa assim, tá? Então eu acho que ela se sente meio respeitada, então ela sabe que pode chegar e contar com a gente. (Luciana, neta)

Nunca saber dizer “não” para as pessoas de idade avançada foi a forma que a avó soube manipular para que a sua vontade sempre fosse respeitada junto aos seus familiares, e agora, também tem esse fator a seu favor, a avó confirma:

Porque a avó é a pessoa que eles mais respeitam, tanto os filhos da gente, como os netos, as crianças, sempre respeitam mais. Porque somos mais velhos. Por educação também, tem que respeitar! (Lourdes, neta)

A habilidade que teve como mãe em tratar com os filhos e no controle da família, somado ao período de vida familiar anterior faz com que receba de volta tudo o que fez por merecer, não como um membro que só recebe, porém, como uma pessoa que está sempre lutando. Como a necessidade de lutar pela própria vida:

Eu acho que a vontade de conseguir alguma coisa, vamos supor que, ... eu não sei lhe explicar o que, mas a vida toda, acho que a experiência que ela tinha, o próprio jeito de pedir, por ela mais idosa, a gente atende, Com mais facilidade, por respeito.

Bom, a minha avó, ela sempre impôs muito respeito, eu acho, porque os filhos assim a consideram muito. Ela não é uma pessoa assim que eles esqueceram no tempo. Todo mundo respeita. Eu acho que ela sempre foi assim, desde que eu me lembro. Os filhos sempre foram educados,

sempre, não deixavam de ir lá ver como é que ela estava e tal, e ela também interferia, acho que um pouco na vida de cada um. Não é assim aquela matriarca, mas ela sempre ajudando todo mundo. (Rita, neta)

Saber se impor também é uma forma da avó estar conseguindo se manter nas relações da família, recebendo a atenção e carinho dos familiares, após ter contribuído para a criação dos filhos, recebe dos familiares um respeito como o retorno, a recompensa pela sua dedicação aos familiares:

Tem autoridade... eu acho que por todo o trajeto da sua vida. Na verdade, ela é o que eu disse, ela plantou isso. Eu acho que ela plantou, com isso, ela cativou, quer dizer ela podia ter plantado e ter proposto, vamos dizer assim, uma relação desse tipo, no sentido, assim de centralizar, de ser o centro de atenção. Ela podia ter recebido um série de bloqueios, uma série de não, mas na verdade, não foi isso que aconteceu. Eu acho que a vida dela, hoje é um exemplo de vida; a coerência, quer dizer, ela é uma pessoa muito coerente, então isso foi cativando. Então, hoje, realmente ela desfruta desse papel, assim de ser respeitada, de ser a mãe de todos realmente. (Sandra, neta)

Pelo fato de saber dedicar afetividade e amor não só para seus descendentes mas também para seus genros e noras, parentes e afins, passa a ser vista pela neta, na família como:

Olba, ela é muito querida, muito respeitada. Aquilo que eu já disse, acho que pelos filhos, a própria relação que existe entre eles, já demonstra isso. Uma relação de muita afinidade e um amor muito grande e isso se estende e vai se reproduzindo a cada geração, com todos os gens. São 8 filhos, são todos casados. Isso acaba sendo passado para os genros, as noras, os maridos então, as esposas dos netos, a cada neto que nasce, então a gente vê bem isso, é uma reprodução desse amor. (Cristina, neta)

Mas, para se colocar como centro das atenções, é preciso mobilizar a família, mesmo que traga reclamações por parte,

O poder e a autoridade de mulheres-avós no mundo da casa

principalmente, das noras, contanto que sua pessoa seja alvo das atenções dos familiares:

A avó é o centro das atenções, ah, vira e mexe o assunto é só avó. Houve reclamações das noras, alguma coisa e outra, mas a avó é o centro das atenções. Ah, volta e meia todo mundo tá perguntando da avó. (Eduarda, neta)

Ser o centro das atenções, com uma certa idade, requer das avós, muitas vezes, recorrer a atitudes que contrariam seus familiares, como por exemplo, a *chantagem emocional*.¹⁵

A avó é um pouco 'chantagista'. Então, eu vejo assim. Com as filhas ela chantageia. Os filhos vêem isso, ela vai mais pela chantagem, porque com os filhos ela exerce uma autoridade camuflada, um comando meio camuflado, você entendeu? Meio pela chantagem. (Vera, neta)

Conseguir tudo, muitas vezes não é fácil e ainda, quando a condição da idade não permite que se controle todas as situações, a mulher-avó se apropria de estratégias que estão relacionadas a essas condições de vida, sua saúde, sua idade, o fato de ser mãe. Usar da sua própria condição de velhice é a maneira encontrada pelas avós para conseguirem o que querem, com os familiares:

A minha avó, o problema que mais atrapalha o relacionamento em casa, é a auto-piedade, é aquele tipo de pessoa que você tem que sempre estar com peninha, com dó, paparicando. Então, aí ela vive bem. Nós temos que chegar prá ela e perguntar como que ela passou a noite, se ela dormiu bem a noite e ela reclama que não nada, embora você saiba que ela dormiu, porque você passa pelo quarto e você vê que dormiu, mas

¹⁵ O termo chantagem, aqui, não é utilizado no sentido de extorquir dinheiro ou favores de alguém, sob ameaça de revelações escandalosas, mas sim, no sentido de se utilizar da sua condição de velhice enferma, ou de velhice como uma etapa final da vida, em que seus desejos devam ser satisfeitos.

prá ela , não dormiu. Então ela quer que você fique ali paparicando, aquela coisa; e onde há divergências entre nós é aí, porque o meu gênio não é de ficar paparicando, não é de ficar perguntando dói aqui, dói ali, se esta com dor. Então, tem que ficar deitada, não tem que ficar mexendo nas coisas, trabalhando, fazendo. É onde que nós não combinamos, nós implicamos nesse ponto. (Isabella, neta)

As tramas elaboradas pelas avós nas relações da família, muitas vezes, se voltam desfavoravelmente para elas mesmas, fazendo-as passarem por situações conflitantes, mesmo com a idade que têm:

A minha avó, na família é uma pessoa que aceita até demais as coisas prá estar bem com todos. Às vezes você tem um atrito, você imagina: mãe de 7 filhos, com nora, parentes, netos, netas mais jovens, netos já adultos, então, a família está grande. Então, ela... eu acho que ela engole tanta coisa que tá machucando prá estar bem com a família. Ela, às vezes, aguenta um desaforo, coisa que ela não merece. Eu não sou puxa saco dela, mas ela não merecia, às vezes, ouvir desaforo. Ela ouve, aceita, engole, chora, fica machucada, mas leva prá frente, prá família ficar cada vez mais unida. É interessantíssimo. Não querer ninguém afastado da casa dela, a casa dela está sempre de portas abertas, até prá um que vai pedir água à meia-noite, ela abre a porta e vai dar o copo de água, sempre a porta aberta. (Mary, neta)

O relacionamento pessoal das avós na família é melhor visualizado quando se verificam as estratégias utilizadas por elas para atingir seus próprios objetivos.

Receber desaforo, sem merecer, chorar e ficar quieta, deixar passar; ela ganha com isso, pois seus objetivos de manter a família unida estão sendo atingidos.

Outro aspecto observado no relacionamento das avós entrevistadas de descendência italiana, é o poder da negociação, por intermédio da conversa.

O poder e a autoridade de mulheres-avós no mundo da casa

Na família como um todo, há uma negociação muito grande; às vezes, quando acontece alguma coisa, ela é muito política. É incrível a capacidade de negociação, de discernimento que ela tem das coisas que acontece. Então, por exemplo, se há alguma coisa de um filho pro outro, ela chama um filho e conversa, chama o outro e conversa e volta a conversar. Então, assim ela sempre administra muito bem essas coisas. (Luciana, neta)

Ter aprendido as regras do jogo político, no mundo público restrito, no qual também participaram desde crianças, trabalhando, primeiro com seus pais e depois com seus maridos, trouxe para essas avós a segurança e a determinação para chamar os familiares para conversar.

Assim jogando com os conhecimentos adquiridos no mundo público, em que a ordem e a disciplina eram as regras, somando às regras aprendidas com suas mães no mundo da casa, que tinha o amor, a harmonia, a paz como objetivos, agora na velhice, as mulheres-avós sabem como manejar as relações da família e estabelecer estratégias. Utilizam do afeto com amor e autoridade, para assegurar a coesão familiar e ao mesmo tempo estar cuidando da sua segurança na velhice. Fazendo com que esse costume torne-se tradição na família:

Porque, Deus me livre e guarde, se amanhã ou depois for uma mulher doente, que eu não posso fazer mais nada eu acho que tenho meus netos que socorrem por mim,. Tem que ter amor neles, porque o filho, a gente tem adoração pelos filhos mas eu acho que o neto se torna ainda mais filho prá gente.

É, porque é o amor. Tem velhinhas aí que ficaram jogadas, e por quê? Porque elas não souberam como agir. Muita coisa a gente tem que suportar e fazer para ter a convivência. (Vicência, 65 anos)

A preocupação de, na velhice, não contar com a atenção e os cuidados de seus familiares e ficarem “jogadas”, faz com que as avós utilizem-se de todos os mecanismos que aprenderam. Principalmente os que se referem às questões de carinho, atenção, afeição que são comportamentos próprios da condição feminina; os quais elas internalizaram como códigos da sociedade em relação ao papel da mulher, e agora os utilizam para conquistar o amor e respeito de seus descendentes. Com isso, mantém-se no mundo da família, criando e recriando estratégias no jogo da troca social: de um lado, as netas e a família, de outro, as avós com sua idade e papel social de avó.

O receio de que aconteça com elas, o que muitas vezes aconteceu com algumas mulheres avós, que após terem criado seus filhos e auxiliado a criar seus netos, foram levadas para o asilo, ou abandonadas por eles, faz com que as avós entrevistadas utilizem-se do amor e do respeito aos mais velhos. Estabelecendo, assim, um compromisso com os familiares. Afinal, esses dois conjuntos de símbolos foram trabalhados por elas, em toda sua trajetória de vida. E, hoje pensar que na velhice possam ficar sozinhas, é um fato inaceitável, que elas nem querem cogitar.

Ao estudarmos as estratégias que envolvem o poder das mulheres-avós, tentamos penetrar nas questões que esclarecem os padrões culturais, e que dão direcionamento ao comportamento humano, encontramos as formas de como as avós buscam os significados da sua própria condição de mulheres e reinterpretam tais regras na prática cotidiana, com seus familiares.

O CONSELHO COMO ESTRATÉGIA DO PODER

De posse do poder de controlar as coisas e com as estratégias para manter sua autoridade, mesmo que seja de maneira indireta, as avós procuram induzir os familiares a agir do modo que elas acham correto, pois já passaram pelas experiências que eles estão passando. E, agora, pensando muito mais nos filhos e nos netos do que nelas mesmas, querem o melhor para eles. Mesmo porque elas já conquistaram seu espaço.

Agindo assim, as avós se vêem como agentes do movimento socializador da maternidade, papel este que foi adquirido pela idade e principalmente pela experiência de vida:

Eu tive muito acesso sobre minha primeira neta, porque foi a primeira. Eu falava para minha filha assim: você dá tal coisa para ela, então ela dava. Sabe como é que é... ela achava que eu tinha experiência, porque eu tinha mesmo. Sabe como é que é criar quatro filhos, dá prá ter experiência. Quando foi a outra filha que casou, também, a menina (neta) ficou três meses comigo. É a da Segunda filha. Depois, a outra filha veio de Cambará para cá; eu vim junto. Eu fiquei com o menino de dois anos e meio. Ele vivia comigo; eu dava banho, dava mamadeira, dava tudo. (Izabel, 68 anos)

Desse modo, com a experiência de mãe e agora sendo avó, com experiência de vida e por saber relacionar-se na família, ela demonstra ter esse poder, mesmo não percebendo:

Dou opinião pra fazerem tudo certo, pra que dê certo. Quando os netos não estão fazendo alguma coisa certa, eu falo que não deviam fazer desse jeito, não, não devia fazer assim, eu dou opinião. (Tereza, 67 anos)

Criando novas regras e recriando as já estabelecidas pela sociedade para o papel de avó, através do conselho, elas conseguem passar com segurança o que acham melhor para a vida dos filhos e dos netos, como elas mesmas falam:

Orientava as filhas, sempre ajudava corrigir os netos, quando precisava ajudava a criar os netos, queria que eles fizessem iguais eu. Eu já tinha a experiência dos meus filhos, então eu queria que elas fizessem igual com os filhos delas.

Influenciava. Porque tem coisa que a gente acha que não é assim. Então, a gente fala, aconselha. A gente já criou os filho da gente, então o que a gente acha que não está certo, corrige. Já tem mais idade, sabe mais do mundo. A gente dá conselho pra eles seguirem o bem, é mais vivida. (julia, 72 anos)

Auxiliar os filhos a criarem os filhos deles, passa a ser, para as avós, a continuidade da educação que deu para seus filhos. Percebe-se, assim, que na prática, existe a influência por parte da avó na vida não só dos netos, como na dos filhos também.

Se a idade, por um lado traz consigo condições de doença e transformações fisiológicas do corpo, por outro lado, traz também o acúmulo de experiências vivenciadas, as quais o idoso sabe como utilizar, porque elas estão na sua memória.

Nas lembranças das pessoas idosas é possível verificar uma história social bem resolvida. Elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis. Enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta que, de algum modo, ainda está

absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade.¹⁶

Fazendo uso do conselho, a avó procura passar o que está na sua memória, afirmando a sua autoridade e passando suas experiências, mesmo que, para ela, a autoridade não deva existir entre avós e netos:

É como eu estou dizendo para você: não é autoridade. Essa palavra, entre avó e neto não pode existir, porque autoridade que eu entendo, não sei se estou certa, autoridade é você chegar perto de um filho seu e dizer: você não vai a tal lugar, e ele não tem que ir porque é uma autoridade. Agora amor é diferente, amor a gente chega e fala: meu filho, meu neto não fica ruim para você, então a gente dá esses conselhos. Os meus aceitam esses conselhos em todos os tipos de vida. Porque eu já tenho filha moça, neta casada e netos solteiros, rapazes, então, quer dizer: eles são muito bons para mim, eu sinto que eles têm um amor grande para mim, e eu tenho amor grande por eles. Então a única coisa que eu faço é isso, é aconselhar quando eles pedem um conselho, vem contar ma coisa para mim, vem: ah! Vovó, aconteceu tal coisa assim, assim, o que a senhora acha? Então, é aí que eu entro no meio, aí que eu entro, em todos os aspectos. (Rosalina, 75 anos)

Com a habilidade de manejar as coisas que dizem respeito aos sentimentos e aos afetos, e aliando isso à experiência de serem mães, as avós recriam seus comportamentos para com os netos. E a sua influência tem mais força aparecendo em forma de conselhos, no que elas têm certeza e confiança:

Porque, às vezes, a gente tem mais experiência que a própria mãe em muitas coisas. (Vicência, 65 anos)

¹⁶ Bosí, E. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*, p. 22, 1979.

A experiência de ter sido mãe é fundamental para a avó, uma vez que, ao nascerem seus primeiros netos, ela emerge como ator político no auxílio dos cuidados aos recém-nascidos. Com a vinda dos netos, o que se observa é que a influência das avós se intensifica, pois cabe a elas auxiliar os pais dos netos na criação dos seus primeiros filhos.

Em certos casos, quando a avó já com uma certa idade, a influência dela sobre as netas casadas, no que se refere aos cuidados da criança, pode sofrer uma separação de idéias e valores. Mesmo que a avó já tenha sido mãe, os conselhos nem sempre são aceitos:

Eu acho assim, avó, a gente tem experiência, porque todas as avós têm experiência, mas acontece que o mundo de hoje, o modernismo não aceita mais o que a avó ensina, não aceita. Por exemplo, a minha neta tem uma criança, e ela só segue o médico; se a gente fala: 'minha filha faça isso...' 'Ah! não vou, mas o médico mandou fazer daquele jeito'. Então, se faz daquele jeito. Então, quer dizer que isto a gente sente na família. Tem que ser bondosa, boa para todos, compreensiva, e acompanhar também a evolução. A avó não pode, por exemplo, eu não posso querer que os netos façam o que eu fazia, é diferente completamente, eu não posso querer que eles se vistam como eu me vestia, eles se vestem diferentes, a criação é diferente. Então, a gente que acompanha e, é, fazer o quê? Que a gente vai fazer nada. Não vai brigar com os filhos, não, porque essa roupa está feia, porque você não vai fazer isso, porque você deve namorar desse jeito; não adianta, então, a gente se sente que deve acompanhar os netos. Acompanhar a educação. Ela tem que acompanhar os netos. É a época; os meus filhos nenhum tiveram dor de ouvido. Por quê? Eu colocava touca. Agora, os bisnetos, todos eles tiveram dor de ouvido, porque as mães não colocaram toucas. Eu falo, mas elas não querem saber disso. (Julia, 72 anos)

Com as mudanças na sociedade, surgem novos valores e comportamentos, os quais as avós não aceitam, mas procuram se

O poder e a autoridade de mulheres-avós no mundo da casa

conformar e “acompanhar” os netos. Assim, muitos dos conselhos das avós já não são mais aceitos pelas netas. E no que diz respeito ao tratamento da criança recém-nascida, geralmente hoje em dia o que prevalece é a orientação médica.

Desse modo, encarar as mudanças da sociedade é uma forma, também, da avó permanecer nas teias das relações da família e procurar se inteirar dos novos costumes e valores.

Olhando também por outro ângulo, observamos que nem sempre o conselho é considerado adequado para a avó opinar com suas idéias:

Tem que estar assim, atenta em tudo; às vezes dar conselho, não sempre; tem que pensar muito antes de dar conselho. Porque o fato que a gente fala e o outro não aceita, cada um pensa de uma maneira. Então a gente às vezes se sente acanhada de falar. Tem que ficar calada, tem que saber como que vai falar, como vai chamar a atenção, como que vai se explicar, como que vai aconselhar, tudo isso. (Carolina, 74 anos)

Estar atenta significa perceber o momento que a sua experiência é válida para servir como exemplo, ou ainda, de que forma ela pode aplicar a realidade do passado ao presente com sabedoria. Nesse caso, a avó prefere ficar atenta em lugar de dar conselhos, pois o conselho pode, também, significar a interferência na vida dos familiares, que, por sua vez, estão aprendendo com a vida e querem ter suas próprias opiniões e viver suas próprias experiências. Dessa maneira, ela procura insistir:

Eu acho que não se consegue muito ligeiro, não. Demora um pouco. Consegue. Fala hoje, fala amanhã, chega um dia que consegue. Ah! Chega com cerimônia, vai falando, vai fazendo a pessoa ver, consegue, com os netos.

Às vezes são meio do contra, mas a gente explica e elas acabam achando que eu estou certa. De pequenos elas aceitavam mais, depois vão crescendo e já fica diferente um pouco, fica mais difícil para dominar (Amália, 77 anos).

A estratégia estabelecida de prosseguir com insistência, falando sempre o que quer, é uma das formas encontradas pelas avós de descendência italiana, quando têm algum objetivo a atingir:

Geralmente a gente aconselhava, não faz isso, não faz aquilo, toma cuidado com aquilo. Se vai sair eu sempre falo, ela até brinca: ró, que tanto fala. (Ivani, 66 anos)

O conselho torna-se, para a pessoa idosa, uma maneira de passar para as outras pessoas tudo o que acumulou de experiências. Ela quer que seja tudo aproveitado no tempo presente. Porém sem perceber que os tempos mudaram. A função do conselho, na relação entre diferentes gerações, indiretamente afirma o poder de quem tem a experiência. Cria-se aí o espaço da mediação entre poder e dependência dos que estão envolvidos.

Na memória dessas avós estão todas as experiências vividas, as quais fazem parte dela, permitindo-lhes interferir no processo de orientação dos familiares.

Para a memória é atribuída uma função decisiva no processo psicológico total: a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, desloca estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva

ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.¹⁷

Dentro desse pensamento observamos que as avós procuram se utilizar de suas memórias e trazer para o presente suas experiências e vão aconselhando os familiares, como bem demonstram:

Eu aconselho eles, falo que tenho mais experiência de vida. Na hora eles podem não concordar, mas depois eles acabam por achar que o que eu falei é certo; então, eles vêm e falam para mim.

*Ab! às vezes a gente aconselha, porque a única influência que a gente tem é conselho só. Agora, às vezes uns acatam, outras não. Agora mesmo eu tive um neto eu estava namorando, ficou noivo com 16 anos, queria se casar e eu aconselhei muito ele que não devia fazer uma coisa dessas, que estava errado. Ele ficou meio assim; na hora não respondeu nada, mas depois, mais tarde, ele viu que eu estava certa e, no fim, acabou desistindo mesmo. E, hoje, ele diz que graças a mim que não deu certo aquele casamento, e ele até hoje é solteiro. É assim, a gente pode falar, mas não é dizer que pode mandar, porque os filhos a gente manda, apesar que hoje os pais não mandam muito, mas sempre é diferente, tem mais autoridade com os filhos, mas neto não, a gente deixa essa parte por conta dos pais. Através dos conselhos procuro dar orientação!.
(Vicência, 65 anos)*

Sabendo utilizar-se das experiências passadas que estão na memória, através do conselho, as avós têm a “força subjetiva” e ao mesmo tempo “profunda e ativa” na trama de relações da família. O conselho como estratégia de poder, passa ser a forma encontrada em determinado momento na família, de passar sua experiência de vida, e ao mesmo tempo conduzir a família, mesmo que uns

¹⁷ Bosi, E. op. cit., p. 9, 1979.

acatem, outros não, elas interferem no processo psicológico de seus netos, quando eles tomam decisões.

Como diz Chauí, quando faz a apresentação do livro “Lembranças de Velhos”

A função social do velho é lembrar e aconselhar – ... unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos¹⁸.

Nesse espaço de estudo demonstra a luta dessas avós contra os mecanismos pelos quais a sociedade oprime a velhice, não deixam que as suas lembranças guardadas na memória sejam substituídas pela história oficial celebrativa, isto é, aquelas histórias que se comemora com os fatos do passado¹⁹.

As histórias das avós estão nas lembranças de suas experiências, estão vivas e é com elas que as avós ganham força para conversar, aconselhar, ensinar e aos poucos vão induzindo os familiares.

As conversas das avós, apontam um mundo social que possui riqueza e diversidade que os mais novos da família desconhecem. Sendo assim, lembrar é ser a guardiã das tradições e ensinar aos jovens, nos diferentes rituais de passagem.

As lembranças das avós e as experiências com as quais se permitem aconselhar, prever e providenciar, levou-as a conseguir um espaço com os mais jovens, absorvidos num cotidiano que lhes

¹⁸ Bosí, E. p. 18, 1979.

¹⁹ Bosí, E. p. 18, 1979.

exige atenção, voltados para as ações mais imediatas do presente, precisam dessas orientações.

Mesmo sem terem ido à escola, elas criaram mecanismos, nas relações de poder entre os familiares. E, confirmam serem portadoras de uma sabedoria que vem da vida. Com esperteza elas usam do conselho como estratégia política.

A ALIANÇA COM AS MULHERES DA FAMÍLIA

As estratégias femininas, estando diretamente relacionadas com a estrutura do poder familiar, em que o poder e a autoridade, tradicionalmente, estão nas mãos do homem, a mulher trabalha, então, para influenciá-lo e com isso ganhar seu espaço político. Entretanto, quando a autoridade é compartilhada tanto pelo homem como pela mulher na família, a mulher não precisa utilizar o jogo de influência sutil e a manipulação. Ela cria mecanismos de aliança, formando fortes laços de cooperação com a parentela feminina e com outras mulheres, enfrentando as questões familiares no cotidiano.²⁰

Dessa maneira, as estratégias femininas nos demonstram como a mulher estabelece uma política, utilizando os recursos a ela acessíveis, para manter seus interesses frequentemente opostos aos do homem.

As mulheres-avós por nós entrevistadas deixaram claro nos seus depoimentos que sabem usar da lealdade e submissão de seus filhos para somar forças no enfrentamento das questões na

²⁰ Lamphere, L. op. cit., p. 121, 1979.

família e geralmente conseguem o que querem. Os membros mais requisitados são as filhas e netas, pelo fato de serem mulheres e, portanto, possuírem os mesmos interesses.

As mulheres-avós, em seus depoimentos, assim como as netas, deixaram transparecer essa aliança que as avós sempre souberam formar, na família:

Com os filhos ela não fala quase, não manda, mais é com as filhas; autoridade sobre os filhos ela não tem mais, como com as filhas. Com as filhas é como amiga. Minha tia vem aí, conta tudo, igual a uma criança, minhas tias são assim, nossa, minha vó é assim. (Lourdes, neta)

A intimidade que ela tem com as filhas facilita mais a aproximação entre elas, contar tudo para a mãe, como uma criança que precisa participar aos pais de tudo que vai fazer, faz com que as avós saibam da vida da família de seus filhos. E com os filhos, homens essa aproximação é mais difícil, pela própria socialização que eles receberam.

Chodorow (1979) coloca bem essa questão quando fala da característica do desenvolvimento da jovem através da puberdade, contrastando radicalmente com a experiência dos jovens que precisam “aprender” a ser homens:

Em algum momento o menino precisa se desligar de sua mãe e desenvolver sua masculinidade como algo à parte. [...] quando sua irmã aprende ‘a ser mãe’, ele tende a estar impaciente e agressivo e a procurar laços horizontais com seus companheiros masculinos.²¹

Ainda sobre a relação mãe e filha, Barros comenta que a reprodução de uma relação de autoridade e hierarquia mãe e filha,

²¹ Chodorow, p. 41, 1979.

não fazem desaparecer a presença simbólica dos homens, pois a concretização desse modelo de relacionamento é criada a partir de uma ótica masculina.²²

Com a proximidade no mundo da casa com as mulheres, conhecendo seus filhos homens que estão ligados mais ao mundo lá de fora, as avós tendem a recorrer mais às filhas quando querem alguma coisa, ou às netas:

Recorro sempre à minha filha, que tem sempre possibilidade. Ela sempre está aqui em casa, então, qualquer coisinha eu falo: é assim, assim, e ela me explica. Também, aquela minha neta que te falei, a outra também... mais é a filha que sempre peço qualquer coisa.

As filhas indo rotineiramente à casa das mães, facilitam mais a comunicação entre as mulheres e possibilitam a união entre elas. Esse fator é fundamental para a avó, que também tem mais tempo nesse período de vida e pode, então, contar com os familiares do sexo feminino para conversar e combinar os seus interesses.

A solidariedade das mulheres: escutando, ajudando, demonstrando afetividade mútua; além de proporcionar às avós maior poder, também lhes dá uma qualidade de vida diferenciada, por sentirem que têm a quem recorrer quando precisam.

Recorro à minha filha, essa é minha guia; tudo, tudo é com ela, tudo, tudo. (Tereza, 67 anos)

As mulheres-avós preferem ter como aliadas as mulheres da família, que são mais acessíveis de se lidar do que os homens. Percebendo também que elas podem precisar a qualquer momento

²²Barros, M. L. de. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*, p. 61, 1987.

das filhas, noras, ou netas, passam a oferecer força para parentas mulheres, como fala a neta:

Principalmente as mulheres, ela protegia mais as mulheres, por exemplo, as noras, ela sempre protege as noras. Às vezes meus tios fazem alguma coisa errada, ela dá bronca, sabe, ela sempre protege as mulheres, ela é a favor das mulheres também. (Mary, neta)

Dessa maneira, se, por um lado através do conselho a avó faz uso da experiência acumulada durante a trajetória de vida, por outro lado, com a aliança das filhas, netas e noras, mulheres iguais a ela, a avó consegue fortalecer mais sua autoridade, manter e ampliar seu espaço na família.

ALIANÇA COM DEUS E A SEGURANÇA DOS PROJETOS DE VIDA DA MULHER-AVÓ

Muitas vezes, mesmo com suas experiências de vida, e tendo as mulheres de sua família como aliadas, “neste mundo”, as avós não conseguem resolver as vicissitudes que a realidade apresenta, como mulher, mãe ou avó. Em estado de “desamparo”, muitas mulheres procuram o auxílio junto ao “outro mundo”, através de Deus.

A teoria de Erickson sobre o ciclo vital, discutida por Poster (1979), mostra como indivíduo encontra significado no mundo, e como esse indivíduo reforça positivamente seu ego realizando ou introjetando os valores espirituais que o capacitam a enfrentar a vida em seu mundo. O impacto do ciclo vital se constitui num

conjunto de valores que atua em cada estágio da vida do indivíduo como um recurso espiritual.²³

Embora Poster tenha criticado a teoria de Erickson, este nos leva a perceber que a mulher idosa nesse ciclo da vida, ao procurar na religião sua força espiritual, se diferencia dos demais membros mais jovens da família. Isso possibilita, no caso dessas avós, se fortalecerem e continuarem idealizando seus projetos de vida.

A particularidade da religiosidade, geralmente, está presente no mundo de significados das mulheres idosas.²⁴ Com a idade, há mais tempo disponível para dedicação à religião.

Abordando esse assunto, porém, dentro de outra perspectiva, Beauvoir (1980) apresenta suas considerações a respeito da relação mulher e religião, afirmando:

Frustradas mesmo em seus sonhos, muitas mulheres procuram auxílio junto de Deus, contra todo amor-humano; é no momento da menopausa que a coquete, a apaixonada, a devassa se faz devota; as vagas idéias de destino, de segredo, de personalidade incompreendida que a mulher acaricia à beira de seu outono encontram na religião uma unidade racional.²⁵

A autora coloca ainda:

Despreza mais do que nunca uma lógica que evidentemente não poderia aplicar-se a seu caso singular; só parecem convenientes os argumentos que lhe são especialmente destinados:

²³ Poster, M. *A teoria crítica da família*, p. 89, 1979.

²⁴ Barros, M. M. L. *Testemunho de vida: um estudo antropológico da mulher na velhice*. In: *Perspectivas antropológicas da mulher*, p. 34, 1987.

²⁵ Beauvoir, p. 348, 1980.

as revelações, as inspirações, as mensagens, os sinais, e até os milagres põem-se a florescer ao redor dela.²⁶

No grupo de avós entrevistadas, podemos perceber a sua relação com a religião, quando falam:

Não sei se era Deus, minhas orações. Parecia que dava tudo certo.

Eu vou, converso, em primeiro lugar peço para Deus, que eu sou muito religiosa, Deus que dá tudo para a gente; eu já consegui uma graça; eu tenho muita fé e acredito muito na religião. Ela dá muita força, uma boa força. (Vicência, 65 anos)

É, pois na relação com Deus que a mulher-avó vai encontrar forças para conseguir realizar seus projetos de vida. Contudo, através dos relatos das histórias de vida das mulheres-avós verificamos que essa questão da religiosidade acompanha esse grupo de mulheres como uma tradição cultural bastante forte, de geração a geração:

Desde criança, porque já tinha o costume na família, minha avó ensinando sempre as orações para a gente. Então, a gente cresceu com aquilo. (Isabella, neta)

Sendo todas católicas, por tradição de seus pais ou mesmo de suas avós, elas passaram a educar seus filhos dentro desse relacionamento com Deus, segundo as normas da Igreja Católica:

Eu acho que o amor já vem de Deus pelo crescimento da família, pelos pais, porque é crescimento da família, pelos pais, porque é assim: a mulher tem os filhos, já ensina o nome-do-Pai, já vai ensinando a rezar; depois eles vão na escola, fazem a primeira comunhão. Eu sempre quis

²⁶ Beauvoir, p. 348, 1980.

que fizessem tudo certo, primeira comunhão, crismado, casado na igreja. Depois, então, uns continuam, outros não. Chega uma hora que a gente deixa de estar falando, porque depois que casam vão envelhecendo, não precisam mais que ensinem essas coisas. Tem que ensinar enquanto são novos, e esse amor na família vem pelo amor de Deus. (Isabel, 68 anos)

O que ficou evidenciado em nossas entrevistas foi que a maioria das avós, por terem morado em sítios ou fazendas, não tinham possibilidade de freqüentar a igreja.

Tendo que trabalhar, muitas vezes, até aos domingos, não tinham condição de ir à missa ou às atividades da igreja, que geralmente ficava na cidade. Este fato as impediram de terem esse relacionamento freqüente com a instituição igreja. Por isso essas avós não apresentam a identidade de mulher “carola”. Como explica Barros, “a carola é fundamentalmente uma categoria feminina”.²⁷

Essa observação se confirma quando as avós nos falam do seu relacionamento com a Igreja:

Houve interesse pela religião, porque a gente já foi nascida naquilo. Eu era muito religiosa, meus pais também. Mas, eu penso que podia ter ido mais à Igreja, mas eu tinha que ficar cuidando da casa.

Onde eu morava antes, o mais perto era Bela Vista, a 13 quilômetros, e como trabalhava a semana inteira e Domingo, não dava tempo. Eu ia mais quando ia batizar as crianças. (Adelina, 72 anos)

Precisando cuidar da casa e morando geralmente longe da Igreja, a sua relação religiosa passa a ser diretamente com Deus, sem a intermediação da Igreja:

²⁷ Barros, p. 34, 1981.

Recorria a Deus, rezava muito e pedia que ele me iluminasse.

Não, nunca pedi pra ninguém, só pra Deus. E só pra Deus que eu pedia pra me ajudar.

Eu resolvia o que aparecia, muito devota a Deus, rezava bastante, sempre pedindo a Deus que fosse tudo bem, com os filhos e os netos sempre foi muito respeito, com muita educação. (Mariana, 74 anos)

Aprendendo desde criança a rezar, têm as mulheres-avós, agora, na velhice, um comportamento diferenciado dos outros familiares no ambiente doméstico:

Ih, eu peço pra Deus e Nossa Senhora, e peço pros filhos, pros netos, peço pra tudo; e sempre peço pra Deus me ajudar.

Ah! Eu pedia para Deus. O meu pedido era assim, eu peço assim: Ao Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima. Eu peço para as meninas também, para as minhas filhas. (Odília, 84 anos)

Pedindo para Deus, as mulheres-avós conseguem força espiritual e realizam aqui, “neste mundo” seus objetivos de mulher, mãe e avó. Essa força é bem explicada pela avó:

Eu nunca me senti uma mulher fracassada, não. Criei meus filhos. Graças a Deus e Nossa Senhora da Aparecida que me ajudou. Criei meus filhos, dei educação, casei todos e tô aqui!. (Francelina, 85 anos)

Criar os filhos, educar, vê-los casados, é recompensa que ela teve, com ajuda de Deus, para as dificuldades que enfrentou. E, acha que isso é:

uma coisa muito boa. A religião faz parte da vida das pessoas e a fé faz a vida ficar mais leve, e o que a maioria das avós sentem. (Odília, 89 anos)

O poder e a autoridade de mulheres-avós no mundo da casa

A força espiritual faz a vida da mulher ficar “mais leve”. Esta expressão, que a avó bem soube colocar, a nosso ver, retrata a aliança que ela faz com Deus para viver bem aqui “neste mundo” de suas relações cotidianas, e com isso, viver bem com o próximo. No caso do grupo de mulheres entrevistadas, esse próximo constitui-se pelos seus parentes, sendo que é para eles que elas invocam mais a ajuda de Deus.

Orando, pedindo, a dimensão espiritual está presente na vida das avós, e com isso elas também levam a família refletir sobre essa ligação do mundo da terra com o mundo de Deus.

MANDAR – PEDINDO: AMBIGÜIDADE NA MANEIRA DE EXERCER O PODER

A segurança que as avós trazem consigo, é resultante de sua própria trajetória e condição de vida, ligada a posse de pequenas propriedades. Assim, as condições de ter o que comer e ter liberdade de fazer negócios com seus próprios meios de produção são fatores que trouxeram para as avós a confiança psicológica de saberem comandar com determinação, planejar para a família e pedir aquilo que precisam para conduzi-la.

Ao estudar segmentos médios, Mills realça:

A pequena propriedade significava segurança, na medida em que o mecanismo do mercado funcionava, e os círculos de depressão e expansão compensavam-se mutuamente, criando harmonias mais perfeitas. A grande dispersão da propriedade rural era especialmente importante, porque os

pequenos proprietários dispunham de uma segurança que outras posses não lhes podiam oferecer: a segurança, mesmo em níveis baixos, de poderem passar da economia de mercado para a de subsistência. Quando o mercado era favorável, ou as colheitas diminuíaam, o agricultor, frugal e sensato, podia ao menos alimentar-se com os produtos de sua lavoura.²⁸

Como a terra não é para o pequeno proprietário apenas um investimento, ele torna-se dono da esfera de seu próprio trabalho, e com isso conquista a independência. Dessa maneira, ser proprietário e ter uma segurança econômica significa ser “o senhor de sua própria alma”²⁹

Mills ainda nos mostra que a autonomia, o trabalho e o tipo de propriedade, pequenas propriedades, coincidiam, e nessa coincidência estava a base psicológica. A propriedade era o local e o instrumento de aplicação de trabalho; o *status* social baseava-se, em grande parte, na extensão e no estado da propriedade; a renda derivava dos lucros obtidos com o trabalho sobre a propriedade particular. Havia, portanto, uma estreita relação entre renda, *status*, trabalho e propriedade. E como o poder ligado à propriedade era tão generalizado quanto sua distribuição, nessa coincidência estava a base do caráter dos indivíduos e do equilíbrio social.³⁰

Estes comentários de Mills permitiram que fizéssemos comparações com o grupo entrevistado, uma vez que as avós, através de sua memória, retrataram um estilo de vida característico de famílias de pequenos proprietários. Nesse sentido, podemos compreender

²⁸ Mills. p. 30, 1979.

²⁹ Mills. p. 30, 1979.

³⁰ Mills. *A nova classe média*, p. 31, 1979.

que a situação econômica e social por elas vivenciadas lhes garantiu a realização de um projeto e uma segurança frente à vida, já que demonstraram serem personagens importantes e participativas da sociedade inclusiva. Sendo possível assim, o desprendimento para impor o que desejavam, como é exposto pela neta:

Acho que aquilo que ela oferecia de carinho, porque ela tinha segurança que ela ia pedir e ela ia conseguir. A minha vó é uma pessoa muito segura, ela repassa isso: segurança mesmo; eu acho que já é uma coisa nata, é uma coisa que tá com ela, sabe, ela é segura, muito mais segura que a minha mãe. Não sei de onde vem; nunca me deu uma ordem, nunca de deu um tapa, sempre foi pedindo e a gente ia fazendo. (Mary, neta)

Com a segurança psicológica da condição de pertencerem ao segmento médio da sociedade daquela época, e com a segurança de terem contribuído para que fosse mantida na família essa mesma condição. Assim, elas continuam mantendo a tradição de respeito aos familiares mais idosos, as avós pedem, com segurança, o que querem e sabem que serão atendidas.

Dentro dessa mesma perspectiva, podemos deduzir que pedir com firmeza, dar ordens, pode também ter fundamento, na sua participação tanto com seus pais, quanto com os seus maridos, quando trabalhavam juntos, discutindo e administrando os negócios da família. No mundo público o sentimentalismo, as coisas do coração, não podem interferir nos negócios. As ordens têm que ser dadas de forma direta, objetiva, para serem entendidas e executadas. E, assim as avós aprenderam a lidar com os familiares:

Quando ela quer alguma coisa, ela fala, ela é muito direta. (Isabela, neta)

Com os homens, elas aprenderam a maneira direta de lidar com os negócios, o mandar. Muitas vezes, pela semelhança com

os homens na forma de comandar as diferentes situações, elas agem como eles, conforme nos fala uma neta:

Isso que eu vejo, minha adolescência era: tem que fazer, fazer isso, comandando as coisas, mandando mesmo para serem feitas. E, raras eram as vezes que ela pedia com algum carinho, pedia simplesmente pedia, faz o favor de fazer isso. Dá prá fazer isso prá mim? Olha, foram poucas as vezes que ela foi uma pessoa assim de pedir. Ela sempre ordenava que as coisas deveriam ser feitas. É uma característica da vovó mesmo, de mando mesmo, o comandar das coisas. (Sandra, neta)

Responsabilizar-se por todo o serviço da casa e ainda participar do mundo público restrito, a roça, a avó precisava de ajuda, e o carinho para os netos não tinha prioridade. Nesse sentido, ela ocupava as pessoas que dela se aproximassem para vencer tudo que precisava fazer. Contudo, nem sempre ela encontrava a boa vontade das crianças, ou mesmo tinha paciência com elas:

Ela pedia, é isso que eu digo, ela não tinha melindre nenhum em mandar a gente fazer as coisas. Então, nós, morávamos vizinhos, então, ela não seguia hierarquia nenhuma prá falar, ela chegava e mandava, pedia e, se a gente acatava tudo bem, senão ela dava bronca. Tinha uns famosos chacoalhões que ela fazia na gente quando a gente fazia arte. Ela segurava no braço e chacoalhava, assim ela tratava, nunca tratou de forma diferente um neto do outro, sempre foi assim, muito justa, então era assim, bem natural. (Cristina, neta)

Devido à proximidade das casas e o respeito com os mais velhos, os netos acostumam-se a receber as ordens da avó, avaliam esse relacionamento como algo “natural”, pois é assim mesmo que a avó se posiciona na família, é próprio da identidade dela.

Entretanto, muitas vezes, o mandar confunde-se com o pedir, sendo explicado pela neta como:

O poder e a autoridade de mulheres-avós no mundo da casa

Ela mandava, mas não assim mandando exatamente, pedindo, eu acho que ela nunca mandava assim, fazer, e eu também sempre obedecia muito minha vó; quando ela falava eu obedecia. (Luciana, neta)

Mesmo que a avó não mandasse, a neta sabia que tinha que obedecer a avó e também o fazia com naturalidade.

A trajetória de vida dessas avós, num contexto determinado, no qual internalizaram o papel de mulher de maneira diferente, lhes dá segurança para mandar. Ora expressando-se com mais autoridade, até impondo, ora pedindo, mas sempre com educação e respeito, marca significativa deste grupo. O depoimento de uma neta confirma essa característica das avós de descendência italiana:

Ab! ela agia assim normalmente, ela não falava “por favor, faz isso”, ela falava: “fulana faz isto prá mim”, ou então: “vai a tal lugar prá mim”, então a maneira dela era de pedir e não de falar por favor, ela pedia prá que você fizesse mesmo. Ela impõe. Em casa ela impunha, talvez isso era o receio que a gente tinha, ela não dava moleza nessa parte, não. Quando ela queria, a gente fazia sim, ela não pedia duas vezes e a gente já tava fazendo. (Rita, neta)

Desse modo, o pedir confunde-se com o mandar, e, no relacionamento com os netos, as avós passam a pedir de forma diferente:

Ela até hoje não é de falar: “vai fazer isso aqui” para os filhos, sim, agora pros netos ela manda pedindo, ela fala mais delicada. Agora para os filhos, não. Ab! faz prá mim!” É tipo assim, mandando mesmo, é gozado. (Eduarda, neta)

As netas não entendem a manobra da avó, pois com os filhos ela criou, ela manda, eles tem que obedecer, já com os netos está diferença no mandar é pedido, e não uma imposição, o pedir é

para sensibilizar os netos. Isto acaba sendo uma forma divertida de ser percebida pela neta.

Ela não é uma pessoa autoritária, nem faz rodeios para pedir, pede naturalmente.

É, da mesma forma, mandando e ao mesmo tempo pedindo. (Talita, neta)

Dessa maneira “natural”, os familiares vão atendendo os pedidos das avós, respeitando a maneira como elas pedem ou dão ordens e não sabem negar um pedido delas. O que se percebe é que essa estratégia, mandar com afeto, também foi criada por elas como forma de se manter no espaço conquistado, no seio da família.

Com relação ao pedir e à condição da mulher em nossa sociedade, procuramos refletir as colocações que Rosaldo faz, quando apresenta:

A oposição não determina estereótipos culturais ou desigualdades nas valorizações dos sexos, mas antes subordina-as a sustentar uma identificação muito geral (e para as mulheres, freqüentemente humilhante) das mulheres com a vida doméstica e dos homens com a pública. Essas identificações, por si mesmas, não são nem necessárias nem desejáveis, podem ser ligadas ao papel feminino de criar os filhos: examinando suas múltiplas ramificações, pode-se começar a entender a natureza da subordinação feminina e os meios pelos quais podem ser superados.³¹

A oposição entre os sexos masculino e feminino tende a deixar a mulher sempre em condições de subordinação. Dentro desse pensamento é que percebemos que as mulheres-avós entrevistadas têm, no exercício do poder, o comportamento de pedir.

³¹ Rosaldo, p. 40, 1979.

O “pedir” está intimamente ligado a toda sua trajetória de vida como mulher e dá a ela a segurança de que vai ser atendida, pela posição que ocupa na família.

Essa ambigüidade das avós na maneira de exercer o poder, isto é, “mandar – pedindo”, reflete a própria posição da mulher na sociedade. Se por vezes ela aparece como submissa, pois à ela cabe pedir, por outras, esse pedir implica em um poder encoberto, que também se manifesta através do mandar de fato.

Nesse aspecto a figura do avô é diferente da avó no ambiente doméstico, uma vez que aquele tem as características do sexo masculino e comportamentos aprendidos com o mundo público.

MULHERES E HOMENS-AVÓS E O PODER NO MUNDO DA CASA

A diferenciação dos papéis masculino e feminino quando o homem e a mulher chegam à velhice, com o papel de avós na família, é resultado da própria diferenciação da divisão sexual do trabalho, que dá ao homem um mundo diferente do mundo da mulher.

Sobre esse assunto, Rosaldo (1979) tece considerações, mostrando que os homens não têm um único comprometimento tão duradouro, tão consumidor de tempo e, emocionalmente tão próximo de parecer necessário e natural quanto à relação de uma mulher com seus filhos pequenos. Os homens estão livres para for-

mar associações amplas, isto é “sociedades”, sistemas universais de ordenação, pensamento e comprometimento que ligam grupos.³²

Ao contrário da mulher, o homem idoso traz consigo experiências do mundo público mais amplo onde sua atenção foi retirada das questões familiares, seu tempo mais vivido fora da unidade doméstica.

O homem, aprendendo no mundo público a mandar e dirigir os negócios daquele mundo, ao ficar idoso, retornando à família, agora com maior tempo para se dedicar aos familiares, geralmente, aposentado, ou obrigado a desligar-se dos negócios por motivo de doença, não se adapta com tanta facilidade a esse ambiente. Esse ambiente doméstico, para ele que foi acostumado a trabalhar fora, não traz muita satisfação, sentindo, muitas vezes, resistência em aceitar sua nova vida, até que se ressocialize.

Comprovando que, na visão tradicional, o mundo de casa e os assuntos de mulheres só podem ser conversados por elas, um fato interessante a respeito disso ocorreu durante duas entrevistas com duas avós casadas. Aconteceu que, até uma altura da entrevista, dois maridos de duas avós permaneceram perto escutando e até participando, mas após perceberem que o assunto se referia à mulher idosa no papel de avó, retiraram-se deixando-as mais à vontade para falar das suas histórias. Em outra entrevista, o marido de uma entrevistada continuou a atividade que estava fazendo, mas demonstrou que se interessava pela conversa, pois prestava atenção de longe.

³² Rosaldo, M. op. cit. p. 40, 1979.

Na medida em que estamos falando de mulheres, o estudo vai também chamar a atenção para as relações das famílias com os avós do sexo masculino, a diferença se faz, quando as netas falam de seus sentimentos femininos.

O meu avô sempre foi uma pessoa muito fechada e a avó, ela tá mais no dia-a-dia, ali, conversando mais, com mais brincadeira né, e o avô não. O avô é assim sempre sério, a gente não tinha aquela abertura com ele, ele era muito fechado.

O meu avô estava sempre voltado pros negócios, então quando ele vinha conversar com a gente, ele sempre queria saber se a gente estava trabalhando, se a gente estava estudando, o relacionamento dele com a gente era baseado em negócios, em evolução e às vezes ele pegava o jornal e fazia a gente ler o jornal pra ele, só pra ver se a gente sabia a leitura, pra testar a gente. Então, ele queria que a gente estudasse mesmo e levasse a sério, e já a minha vó, não, ela já conversava com a gente sobre tudo. Então, eu tinha mais acesso a ela, porque com ela conseguia mais, as coisas eram bem mais fáceis pra mim e com ele não, ele levava mais a sério, era diferente. (Vera, neta)

No universo estudado percebe-se que o homem avô traz consigo experiências mais ligadas ao mundo extradoméstico, não tendo o mesmo espaço que a mulher na casa. Ao chegar à velhice, temendo o conflito aberto com os filhos e netos e não sabendo criar estratégias, como as mulheres sabem, para lidar com esse mundo privado, torna-se mais fechado, não conversa, não é tão flexível como as avós. Assim ao chegar a velhice, no mundo doméstico, ele fica mais dependente da mulher. A mulher, pela convivência mais próxima com a família, e pela responsabilidade específica de educar seus filhos, acaba na velhice tendo mais poder,

mesmo que não fique declarado que é ela que tem esse poder e autoridade, em relação ao avô, na família. A neta explica este fato:

Os dois são diferentes, eu acho que a gente tem que partir daí. Então, a avó, ela sempre foi assim muito progressista, muito avançada, por mais princípios rígido e tradicionais que tivessem regido sua formação. Mesmo que tivesse vivido sempre numa relação de subordinação ao avô, isso aconteceu tranqüilamente, sempre assim de falar amém, o vó sempre muito autoritário de decisão, de decidir os negócios, os caminhos da família. Tiveram muitos filhos, mas ainda, assim, a avó sempre foi muito aberta, muito pra frente, então, ela tem um discernimento muito grande das coisas, uma visão, assim, muito grande de economia, de política, da administração da casa, e isso interferiu muito tranqüilamente na vida dos dois. Então, é assim, se de um lado ela é assim, se mantém assim hoje, o vó com toda autoridade dele ele geralmente, dava cabeçadas em termos de negócios da família, então ela sempre foi a mulher de visão, a mulher de negócios. E, depois, o vó quando ficou mais velho, que ele teve derrame, teve a doença, então ele realmente se colocou numa atitude de dependente para com a vó, mas que na verdade ele sempre teve. Só que aparentemente isso nunca podia aparecer e, então, com isso, pelo próprio temperamento dele, é uma pessoa mais difícil, fechada demais, de não admitir posições contrárias as suas. Então, com isso, hoje a relação que a gente tem com o vó é uma relação assim de respeito, de acato, aquilo que ele pensa, aquilo que ele fala, pela idade, pela questão de doença; e a avó é realmente assim essa relação muito aberta de discussão, de troca de idéias e tal. (Luciana, neta)

Assim, as mulheres do nosso estudo quando ficaram mais velhas, passaram a possuir maior poder e autoridade do que os homens na família.

Nesse sentido, Philippe Ariès explica como na burguesia e na nobreza dos séculos XIX e XX, a mulher como mãe passa a ocupar o lugar central da família, antes atribuído ao pai. Comenta-se ainda que uma das razões dessa mudança é a substituição da

função econômica pela função educadora da mulher. Essa nova função dá à mulher, dentro da família, papel preponderante.³³

Sendo a detentora do saber historicamente construído pela prática de cuidar dos filhos e da casa com maior precisão do que os homens, quando ela fica idosa é nesse espaço que ela se mantém como ator político, controlando e dirigindo a manutenção e direção da casa.

Assim sendo, a família como núcleo de atividades coletivas e tendo a função educativa, vai precisar de um ator que politicamente estabeleça estratégias para que as regras e comportamentos sejam mantidos, ampliados e modificados, dando condições de seus membros continuarem vivendo unidos. É nesse espaço que ela, com sua experiência de vida, assume a liderança.

Desse modo o ambiente doméstico favorece à mulher a manutenção de um relacionamento positivo com os filhos, e, quando ela fica com mais idade, a convivência com os netos se torna uma troca de afetos, respeito, sendo assim, mais requisitada do que o avô:

*há muita diferença, porque a avó tem mais liberdade com os filhos, com os netos, com as netas, tem mais liberdade. O avô não é assim, não é liberdade, em tudo! A avó tem mais liberdade em tudo, do que o avô.
(Rosalina, 78 anos)*

Assim, a divisão sexual do trabalho vai influenciar no relacionamento familiar entre avós e netos, demonstrando que a mulher-avó tem mais liberdade para conversar com os filhos e

³³ Ariès, P. *Citado nos estudos de Myrian Barros, Testemunho de vida*, p. 50, 1981.

netos, uma vez que seu papel social de educadora lhe proporcionou condições de dar mais atenção aos filhos, e agora aos netos.

Portanto, a divisão sexual do trabalho no mundo da casa vai influenciar no desempenho do papel dos avós, tanto para os homens, como para as mulheres. A neta comenta a semelhança entre seus pais e seus avós:

Bom, eu entendo assim é como a diferença do pai e da mãe. Não quero dizer que a mãe tem mais amor que o pai, mas ela se preocupa mais, está mais presente e é mais paciente. (Sandra, neta)

A preocupação; o estar mais presente; o ser mais paciente são as características que distinguem a avó do avô, na família:

É sempre diferente a avó. Dá mais “manha” nos netos, é aquela que quer mais bem. A gente dá mais “manha” pros netos do que os avós, que já não vão muito atrás disso. (Tereza, 67 anos)

A avó, tendo convivido mais tempo com as crianças, com paciência e fazendo agrado, chegando até dar atenção demasiada para os netos. A manha refere-se a atender todos os gostos que os netos têm. Os avôs não tendo paciência com os netos, se diferenciam das avós. Nesse sentido, as avós ganham esse espaço junto aos netos, como elas mesmas declaram:

Acho que avó nunca faz como a avó. A avó dá mais assistência que o avô na ajuda. O avô pode ajudar em outras coisas, dar assistência no dinheiro; se tem dinheiro. Mas no caso de doença, os homens não fazem como as mulheres. É nesse sentido de ajudar, assim que eu acho diferente. Se fica um pai na casa, ele não ajuda como quando fica a mãe.

Os avôs sempre são mais ásperos que as avós. As avós sempre relevam um pouco, são mais chegadas a eles. Nunca bati em meus netos. (Julia, 72 anos)

O poder e a autoridade de mulheres-avós no mundo da casa

Uma outra questão a considerar é que a mulher idosa não sofre com a aposentadoria, uma ruptura de um mundo para o outro. Sempre vive em casa e para a casa, estando conseqüentemente, acostumada com o seu ambiente. O ambiente passa a fazer parte de sua vida.

Sendo condicionada ao ambiente familiar e tendo maior conhecimento das situações que envolvem esse meio, as mulheres sentem-se livres quando mais idosas:

Vó é importante na família. Eu acho que eu sou importante na minha família. A avó é livre, de ajudar nas coisas! Ela é livre de tudo, ajuda, sempre o avô e os netos. Ela cuida dos netos. (Isabel, 68 anos)

Agora, as avós com a idade, são livres, não têm, como nos tempos passados, a falta de tempo e nem o marido, no caso das viúvas, para interferir nas suas opiniões e vontades.

No universo entrevistado, outra observação que se evidencia é que o poder e a autoridade das avós não vieram pela posse de bens econômicos, e sim, muito mais pelo exemplo de vida, de trabalho. Assim, a legitimação do seu poder foi conseguida pela sua participação ativa no trabalho e na família. Foi no exercício de mandar, de controlar e de ter participado nos dois mundos que ela se afirmou como o centro das atenções da família como um todo e participa dando opiniões para quem ainda a procure.

Assim, ela vai influenciar na educação dos filhos e netos: controla a família, realiza seus desejos e se mantém como centro das atenções. Com grande poder de decisão, ela enfrenta os problemas e ajuda seus familiares a resolvê-los também.

Esse aprendizado do controle de toda a situação da família faz com que, no papel de avó, ela continue dando ordens e controlando os filhos, mesmos depois de casados. Esse controle é feito através da conversa, de orientações, de conselho, e, ao mesmo tempo, de recuo quando se faz necessário.

Dessa forma, as avós foram construindo o seu espaço e se diferenciando dos avôs. Sua figura passa até a se identificar mais com o espaço físico do mundo da casa, do que a figura dos avós do sexo masculino, pelas razões já explicadas.

A CASA DA AVÓ: UM ESPAÇO DE JOGO POLÍTICO NAS RELAÇÕES COTIDIANAS

Através dos estudos das páginas anteriores podemos dizer que entender o espaço da casa das mulheres-avós implicam em perceber as esferas de significação social presentes naquele espaço. Para isso, lançamos-nos na perspectiva de Da Matta (1985) que considera a casa como uma categoria sociológica. Por essa razão, mais que um espaço físico a casa representa um espaço que contém visões de mundo ou éticas particulares. É um espaço de ação social, uma entidade social e de domínio cultural.³⁴

O mundo da casa exprime sentimentos, reações, regras refletindo a sua relação com as personagens sociais. Também, Airès (1981) comenta o mundo da casa chamando a atenção

³⁴ Matta, R. da. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, p. 12, 1985.

para a intimidade doméstica, o sentimento familiar voltado a um mínimo de segredos o que se traduz em inimagináveis conversas, encontros e trocas sociais.³⁵

Desse modo, ao voltarmos os olhos ao mundo da casa de nossas entrevistadas, percebemos uma rede de significados que fazem sentido para aqueles atores, os quais construíram um modo de viver o cotidiano. Assim, as netas falam da casa das avós, revelando a sua importância:

Quando eu era criança, a casa da minha avó era o lugar que a gente podia fazer tudo, então a gente aprontava de tudo ali. Ela nunca chamava a atenção dos netos, sempre firme em não deixar a gente abusar demais, mas nunca brigava, nunca implicava. Nós morávamos sempre por ali, então a casa da minha avó era o que me passava aquela coisa de lugar bom, de paz, de tranqüilidade. Ir pra casa dela, lembro que às vezes eu até dormia lá. Eu gostava muito de mexer nas coisas dela, acho isso engraçado porque se hoje minha filha fosse fazer isso, eu não deixaria. Ela tinha uma gaveta, no balcão, onde ela ia pondo as coisas antigas, era ali que eu mexia. Ela tinha umas medalhinhas, uns pedacinhos de tecido, crochê, aqueles restinhos de coisas, tudo que se imaginasse naquela caixa tinha, e era lá que eu ia mexer, naquela gaveta. Eu não me lembro dela alguma vez ter dito pra não mexer. (Mary, neta)

O código da casa, diferente do da rua que é marcado pela impessoalidade, expressa-se pela lógica pessoal. Dessa maneira, o aconchego e a descontração enfatizados pelas netas refletem a casa da avó como um espaço repleto de criatividade: onde as avós geralmente, sabem colocar nesse espaço toda “magia” que permeia o relacionamento delas com os netos. A ponto desse espaço ser lembrado com encanto pela vida toda, dos que dele desfrutaram.

³⁵ Aires, P. *História social da criança e da família*, p. 238, 1981.

Na expressão “a casa da avó”, há a forte ligação entre o espaço e a personagem avó, como uma simbiose.

Isto é, ao falar da “casa da avó” é como se não conseguisse separar o que tem de bom no espaço e da presença da avó.

Essas avós organizam o espaço físico da casa, que elas bem conhecem, o que aos olhos dos netos, não é percebido, e, muitas vezes, nem pelos pais. Esse controle significa que se deixarem as crianças à vontade, elas desarrumarão a casa, e, conseqüentemente, darão mais trabalho. Assim, separar um local para guardar os objetos torna-se uma forma encontrada pela avó para dar ordem nas atividades lúdicas dos netos. Dessa maneira, ela não só agrada os netos, como também controla o ambiente e ainda encontra utilidade para as coisas velhas que não vai mais usar. Ela sabe que as crianças são inquietas, sendo natural que elas mexam nas coisas, nesta fase da vida.

Assim, a atenção que a avó dedica aos netos quando eles vêm à sua casa é para a criança uma satisfação e atende às suas necessidades, próprias dessa idade.

A casa da avó, no espaço de tempo que os pais estão trabalhando, se constitui no local para onde eles geralmente levam seus filhos para ficar. Esse é um período na vida dos pais em que estes estão sempre ocupados com o trabalho.

As avós, no mundo da casa, já com o tempo mais dedicado para os netos, criam um relacionamento amistoso com os mesmos, dando-lhes atenção:

*Ela sempre dava atenção... sabia como conquistar a criança, ia lá e dava doces, sempre dava presentes, eu nunca me lembro dela ter ficado brava com a gente ou então ter brigado por termos mexido em alguma coisa. Sempre a via naquela figura, sempre brincando com a gente.
(Rosalina, 75 anos)*

O poder e a autoridade de mulheres-avós no mundo da casa

Guardar apetrechos para os netos é mais uma das estratégias das avós para conquistá-los nesse ambiente em que ela tem poder, sua casa. Deixar os netos brincarem livremente, mexerem nas coisas que ela reservou em local separado, nesse caso uma gaveta, é a maneira de proporcionar-lhes o ambiente propício para as brincadeiras, as quais eles não esquecem com facilidade; e com isso as avós estão ganhando espaço político com as crianças, membros que estão chegando à família. Para as avós, essa atenção e carinho passam a ser um modo de se relacionar com os netos:

A avó tem que fazer tudo que eles pedem; se eles querem uma comida, um chá, um refresco, eu penso assim, tudo que eles pedem. O prazer de uma avó é fazer, tenho todo prazer quando eles me pedem as coisas.
(Amália, 77 anos)

Se, por um lado, o preparo dos alimentos é uma atividade que marca o mundo da casa, por outro, é através dessa habilidade que a avó consegue influenciar seus familiares fazendo-os ficar ao seu lado, bem como impondo o respeito por meio do conhecimento dos códigos da cozinha de origem italiana.

Na maioria das sociedades a culinária é trabalho feminino e isto se origina de considerações práticas influenciadas pela cultura que a mulher recebeu da cultura deve permanecer no lar com os filhos, desempenhando o trabalho doméstico e cuidado das crianças.

Com relação às avós, a atividade de cozinhar lhes traz um grande prazer, e é para elas um espaço de manobra na socialização das crianças, para a aproximação dos filhos e dos netos, mesmo que a responsabilidade direta com os serviços da casa não esteja com elas. Os pratos famosos da cozinha italiana não são esquecidos pela família e é com as avós que estão as receitas, a habili-

dade e a paciência em continuar preparando-os em casa, como uma tradição. As avós de descendência italiana sabem que dessa atividade elas podem não só ganhar o prazer de fazer e relembrar seus antepassados que lhes ensinaram (avós, mães), como também podem ganhar maior convivência com os netos, que gostam de saborear esses pratos:

Eles vêm e falam, 'oh! vovó! Eu vim aqui porque o Maurício me falou que a senhora para ele faz risolis, faz pastel, faz isso, faz aquilo, nós viemos pra comer'. Então eu faço. Ah! Quando eles vêm aqui! se eles querem alguma coisa eles pedem, procuram pela comida que eu faço. Faço tudo essas comidas. Ah! eles quando estão aqui, eles querem 'inboque', querem lasanha, eles querem ravioli e eu faço tudo pra eles. Pode dizer que quando eles estão aqui, a comida deles é a avó quem faz. (Isabel, 68 anos)

Dessa maneira, a atenção na parte de preparar os pratos que os netos gostam constitui uma forma das avós terem sempre por perto não só os netos como os demais familiares. Assim, os pratos da cozinha italiana vão permanecendo na família, através do hábito de alimentar, preparados pelas avós: Os pratos preparados pela avó, são intimamente lembrados, juntamente com o ambiente da casa da avó:

Na minha infância, a vó morava em Jaú, era uma coisa deliciosa, maravilhosa que era a casa da minha vó. Tinha bolo, tinha sorvete, tinha comida diferente, nós estávamos viajando em férias, então a vó era a coisa mais incrível do mundo. Já na juventude eu sempre tive minha avó assim como um exemplo, principalmente na cozinha; toda boa italiana cozinha bem gostoso. Então, às vezes quando a gente tinha vontade de comer alguma coisa diferente, a casa da vó era o lugar ideal de comer. Casa da vó era o lugar pra lazer, pra festa, tudo isto, agora, atualmente, a casa da minha vó é assim, até um refúgio de tudo aquilo que a gente faz, os domingos que nós passamos com eles é sempre uma festa, vou

O poder e a autoridade de mulheres-avós no mundo da casa

fazer macarronada, vou fazer inboque, vou fazer não sei o quê, aí vai todo mundo. Você passa o dia lá, lá você dorme, pega a cama dela, aí ela tem que dormir no quintalzinho dos velhos, que a gente toma conta mesmo. Eu tenho um irmão que até usa muito isso, ele fala, 'vovó eu tava com uma vontade de comer tal coisa, que tal a senhora convidar a gente para almoçar aqui domingo?' Então tem muito essa ligação, alimentação, uma afetividade muito grande, ela, apesar de não expressar essa afetividade, não expressar isso em abraço, beijo, ela é muito afetiva em falar, né... Transmitir as coisas. (Talita, neta)

Se, por um lado, os netos vêm na casa da avó um espaço para lazer, como bem demonstrou a neta, por outro lado, a avó contribui para que a sua casa seja o local onde os familiares sintam-se à vontade, pois, assim, sempre estarão por perto, e este é o objetivo que ela sempre quer alcançar. Assim, a comida e a liberdade na casa da avó fazem com que ela sempre seja lembrada, respeitada e rodeada por seus familiares.

O domingo na casa da avó é, portanto, o espaço e o tempo que não só as avós e netos constroem juntos, mas também todos os demais familiares participam. Assim, o domingo é esperado pelas avós, pois elas sabem que esse dia é dedicado e propício às visitas; para os almoços elaborados com maior zelo, e ainda mais ser o tempo que elas passam com os filhos e netos com maior emoção. Da Matta, chama à atenção para a categoria de tempo que está intimamente relacionada à categoria de espaço, dizendo:

O fato é que tempo e espaço constroem e, ao mesmo tempo, são construídos pela sociedade dos homens.³⁶

³⁶ Matta, p. 28, 1985.

Podemos constatar isto nas colocações que as avós fazem a respeito:

Antigamente minha família almoçava todo domingo junto. Mas depois começou, uns trabalharem e tinha sócio e ia almoçar fora, outro ia almoçar fora e agora eu comecei a ficar doente e eles não querem me dar trabalho. Dificilmente eles vêm aos domingos, a não ser em festa de aniversário. Mas eu me lembro quando era casado, esse aqui, de novo, vinha todo domingo, e todos eles, mas agora já mudou.

Então, você vê, todos se reúnem aqui no final de semana, eu vejo que eles gostam da gente, então eu sou feliz! (Mariana, 74 anos)

Sábados e domingos são tempos muito mais internos, da casa e da família, ao passo que os “dias comuns da semana” são vividos como tempos externos, marcados pelo trabalho.

Assim, percebemos que na casa da avó o domingo tem uma gramática de espaços e temporalidade, enquanto em todo articulado de atividades e que proporcionam o convívio mais chegado dos netos e familiares e que proporcionam o convívio mais chegado dos netos e familiares, com a avó. Estas coisas vão permitindo lembranças ou memórias diferentes em qualidade, sensibilidade, fazendo com que o espaço da casa da avó, relacionado com a sua pessoa, faça parte da experiência de vida, não só das avós como das netas, na família.

Uma outra constatação foi que as mulheres-avós idosas sempre tiveram seus filhos morando nas proximidades de suas casas. Pertencentes ao segmento médio da cidade de Londrina, nas décadas de 40 e 50, os avós tiveram possibilidades de adquirir terrenos com grande metragem, ou ainda, vários terrenos que

ocupavam um quarteirão da rua. Com isso deu condição de várias famílias de uma mesma descendência vivenciarem uma intensa relação. A casa da avó, tinha a característica de ser um prolongamento das casas das netas.

Assim, a proximidade das casas da maioria dos filhos com a casa dos pais, faz com que o relacionamento não só com os netos, mas com a família como um todo seja mais estreito e proporcione uma convivência íntima, e as netas, sabem retratar bem as relações de vizinhança entre os parentes:

Sabe, eu gostaria de fazer um comentário que eu estou me referindo a uma vó, a vó ... e que isso já é diferente do que se eu falasse da vó ... por exemplo. Então, a minha relação com a vó ... que é mãe do meu pai, foi uma relação assim de muito respeito, mas de distância, quer dizer, eu ia visitar todo o domingo a vó ... mas a vó... desde que eu nasci, nós éramos vizinhas, então, existe até hoje, existe até hoje em Londrina um quarteirão que até hoje, minha mãe e minha vó moram. Tinha nesta quadra, pelo menos cinco casas que era da nossa família. Então era a avó, era uma filha, era outra filha, então a gente cresceu assim, com a vó ... e a relação é completamente outra. É uma relação de vida mesmo, de laço, de estar junto, de conhecê-la e ela conhecer a gente. Muitas vezes, assim, até pela própria forma dela ser, uma relação mais com a vó do que com a própria mãe, em muitos aspectos. Então, quer dizer que é uma vó que na infância foi uma vó muito respeitada, uma avó que teve autoridade com a gente, então ela tinha autoridade sobre a mãe da gente, inclusive. Assim, independente da mãe ditar algumas normas, alguns comportamentos, a vó, tranqüilamente fazia isso, sem nenhum escripto. E a gente obedecia, a gente ouvia, acatava sem problemas, mas uma vó que exigia autoridade mas existia amor muito grande também, então foi uma coisa assim tranqüila. (Mary, neta)

Dessa maneira, podemos observar que vizinhando com seus filhos e filhas, as avós têm oportunidade de opinar com maior

frequência à medida que acompanham de perto a vida dos netos, sendo isso considerado pelas netas como normal, pois a avó fazia parte da sua vida.

Este depoimento mostra, ainda, a diferenciação entre o relacionamento da neta com a avó materna, de descendência italiana, e com a avó paterna, de descendência portuguesa. Nesse particular, queremos ressaltar aqui que, dentre as doze avós entrevistadas, dez eram avós maternas e apenas duas eram avós paternas. E o relacionamento das netas com essas duas avós paternas de descendência italiana, era muito mais estreito do que com suas avós maternas, de descendência brasileira. Coincidentemente, a maioria, 10 avós, eram avós maternas.

Ab! quando eles eram crianças eles conversavam coisas de crianças, agora conversam coisa de adulto, falam de negócios comigo. Falam, contam, falam de namorada essas coisas, falam tudo pra mim.

Eles falavam das coisas bonitas, das coisas boas que eles queriam e a avó dava “asas” pra eles. (Rosalina, 75 anos)

Falar de coisas bonitas significava que a avó incentivava os projetos de vida dos netos, alimentando as aspirações destes. E a avó dá “asas” para os netos, pois ela fica informada do que os netos pensam e querem da vida.

O namoro também aparece como uma das principais conversas com as netas, as quais são jovens e, nesse período, esse fato é importante em suas vidas.

Assim, a avó, dando atenção e ouvindo os netos quando eles vêm à sua casa, proporciona-lhes um ambiente agradável

com essas conversas. Portanto, as conversas com as avós são gratificantes, pois os netos recebem a sua atenção e acham que elas podem refletir e opinar sobre suas vidas, tanto nos negócios como na vida sentimental:

Porque como eu já disse, ela sempre foi vó amiga. Vó amiga mesmo, que dá apoio, vai à piscina, aquela que fala pra se divertir! Isso é importante, é estimulante. Porque quando perguntam assim: 'Nossa! Você fala tanto da sua avó...' Porque minha avó é tão engraçada, ela fala coisas muito engraçadas e, ao mesmo tempo, ela é amiga. E tem gente que fala: 'Ah! Minha vó não é assim, minha vó não fala como a sua'. E eu já falo: 'Ah! A minha avó é 50 anos pra frente'. Porque realmente eu acho que ela é". (Talita, neta)

A avó sabe que falar com os jovens sobre o lazer é falar de um assunto bastante importante para eles; que esse período da vida é o tempo de se divertir.

Tendo passado por esse período e tendo reservado um tempo para participar dos bailes e das festas nos arredores dos sítios ou na cidade, ela sabe que agora é importante incentivar os netos a passearem e a se divertirem para alegrar a vida. Fazendo assim, elas ganham a simpatia dos netos, pois elas estão falando dos mesmos assuntos que os netos gostam de ouvir. Mesmo que pareça “engraçado” aos ouvidos da neta, pois geralmente o que se percebe é que os idosos não devem falar sobre essas coisas, na medida em que parece que essas coisas pertencem exclusivamente ao mundo dos jovens. Mas, agindo assim ela tem o relacionamento com os netos, não só como avó, mas como mãe, e, ainda, não só como parente, mas como amiga também:

Hoje, eu tenho minha avó como amiga, como mãe e como amiga, porque eu desabafo meus problemas com ela, tenho um diálogo aberto com ela;

tudo que eu penso, se eu estou nervosa eu chego lá, falo, falo e ela escuta, sempre ela escuta e tem uma palavra amiga pra falar pra gente, sabe! Você fica aliviada de falar com ela. (Sandra, neta)

O tempo que as pessoas idosas têm hoje no mundo da casa proporciona às avós ouvirem as netas sobre seus problemas e conversarem sobre tudo, dando atenção a elas. Fazendo isso, a avó também se utiliza do espaço da sua própria casa como espaço político, onde o que ela fala é respeitado e valorizado. Como fala Da Matta:

[...] se a casa distingue esse espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim de tudo aquilo que se soma e define a nossa idéia de amor, carinho e calor humano, a rua é um espaço definido precisamente ao inverso”.³⁷

Dessa maneira, a avó sabe utilizar-se desse espaço para conversar com seus familiares, quando é preciso, para diferentes assuntos. Por terem participado nos dois mundos, doméstico e público restrito, as avós também entendem de negócios, e de certo modo, arriscam-se a dar opiniões, tendo assim, assunto para conversar, não só com as mulheres como com os homens também, sobre: namoro, vida sentimental, negócios, o que as levam a serem bem consideradas:

A minha avó tem uma capacidade principalmente para negócios, muito grande, de análise das coisas, o que é melhor, o que vale a pena. Então, por exemplo, o meu pai ouvia muito a minha mãe, ela é muito parecida com a minha avó, inclusive na relação da minha mãe com o meu pai e da vó com o meu avô. A minha mãe tem também uma visão muito grande das coisas, vê de longe, e por isso eles sempre conversam muito com a minha avó, principalmente em relação a isso. (Mary, neta)

³⁷ Matta, p. 28, 1985.

Conversar, dar atenção, opinar é para as avós, também, uma forma de se manterem atualizadas com o mundo lá fora, o mundo da rua, podendo com isso trocar informações para controlar a família, e estar por dentro das mudanças no tempo. E, procedendo assim, ela aparece diferente aos olhos das netas e ao padrão normal de outras pessoas idosas que, muitas vezes, não têm mais condições de opinar. A neta se lembra da sua relação com a avó:

Porque na adolescência era essa vó que a gente podia falar do namorado; a gente pode contar até hoje, ela é assim com os netos. Atualmente, é uma vó que a gente chega e fala. Hoje eu vejo que o pessoal tá paquerando, que tá com problemas porque terminou com o namorado e vem chorar, quer dizer é essa vó que acata, que ouve, que dá conselhos, porque a cabeça dela é ótima, ela tem a 'cabeça de 1988'. Então, foi mais ou menos assim na adolescência e na vida adulta. (Eduarda, neta)

Hoje, mesmo que algumas vezes as opiniões das avós já não sejam acatadas, as netas se referem às avós da seguinte maneira:

Eu acho que é assim, quando você tem uma relação, quer dizer, eu estou analisando a minha situação, mas é lógico que existem outras situações, mas para mim as coisas sempre foram muito progressivas, porque existia uma relação mútua de afeto, de amor, de carinho, de abertura, de crítica, de amiga, muito assim, a gente nunca ficou numa posição de dizer amém. Isso principalmente depois da adolescência; então, a gente tem posições divergentes com relação a algumas situações. Hoje, por exemplo, se ela discute racismo e a gente tem posições contrárias, mas que perfeitamente são confrontadas, discutidas, jogo aberto, então é isso, que dá vida nesse relacionamento. É engraçado que isso é com as netas, e isso é reproduzido com os genros, com os netos, com os maridos das netas. Então é incrível como esse amor, essa admiração também passa para os maridos das netas. (Vera, neta)

O que observamos é que os maridos das netas passam a ter com as avós das esposas o mesmo relacionamento que elas

têm com suas avós. Eles são considerados pela avó como netos dela também.

Outro aspecto da vida de trabalho das avós é que nem sempre elas foram de poupar as crianças. Muitas vezes, a casa da avó também era o local onde o trabalho da criança era requisitado:

Bom, na infância ela vivia dando bronca na gente, filha, não faz isto, não faz aquele outro. Eu ia na casa dela, ela estava sempre querendo que a gente fizesse serviço, fizesse aquilo, chamando a atenção. E também sempre que a gente ia lá tinha um doce, tinha uma coisa pra gente, diferente. Ela gostava, só que ela queria que a gente ajudasse, trabalhasse. Ela queria ensinar desde cedo que as mulheres tinham que fazer serviço de casa, tinham que aprender isso desde criança. Na adolescência também, eu me distanciei um pouco, trabalhando, estudando, eu ia lá mais no final de semana, então a gente não estava assim muito próxima uma da outra mas ela sempre fazia a gente ver que a gente tinha que ir pra um bom caminho, que a gente tinha que ser dona de casa, aprender isso, aprender aquele outro, mas sempre dando atenção pra gente. Nós não tínhamos televisão nessa época, tinha um programinha de jovem então a gente ficava ouvindo música, eu ia lá pra sala dela, a gente sentava lá no chão, ficava vendo televisão e depois que acabava o programa, ela fazia a gente limpar, arrumar, mas não era assim tão ruim pra gente, ela queria que a gente assistisse, mas que deixasse as coisas tudo em ordem pra ela, e, também, lavar louça, uma coisa que sempre a gente fazia. (Isabella, neta)

Acostumadas a trabalhar desde criança, as avós, no relacionamento com os netos, procuram passar esses valores para eles. Os afazeres da casa eram tantos que a ajuda das crianças beneficiava o rendimento do seu trabalho.

No que se refere ao espaço da casa da avó, observamos ainda, que o fato desse grupo de avós pertencer ao segmento médio da sociedade londrinense, com um a certa situação econômica mais

estável, as condições sociais favoreceram as relações de parentesco entre avós e netos, mais do que comumente é verificado em outros segmentos sociais. Isso é demonstrado pela construção das casas das avós, como já descrevemos, com amplos cômodos, situando-se nos bairros mais antigos de Londrina. Foram construídas quando Londrina começava a corrida imobiliária, na década de 50. Os terrenos foram demarcados com metragem que possibilitava a construção de casa com quartos amplos, restando espaços para grandes quintais. Assim, a casa da avó proporcionava também a oportunidade de acomodar, além dos filhos que ainda estavam solteiros, os netos que vinham estudar em Londrina.

Londrina, sendo uma cidade pólo geo-educacional no Norte do Paraná, sempre chamou a atenção dos pais em mandar os filhos para a casa dos avós, a fim de que eles pudessem estudar, uma vez que alguns filhos das avós entrevistadas ainda permaneciam nos sítios, ou moravam em cidades pequenas próximas, sem recursos nesse setor.

Uma das preocupações das avós era com os estudos, tanto para os filhos como para os netos, que nessa parte receberam muito apoio das avós:

Eu me dei muito bem com eles, olha, eu aqui na minha casa eu tenho oito netos que estudaram aqui; teve a pequenininha, teve a mesma menina quando moça, e mais seis. Quando eles mereciam de ficar brava eu ficava, ficava brava porque faziam arte. Tinha dia que brigavam com os vizinhos, outro dia os irmãos que brigavam. Hoje tudo bem.

Minha neta deixou a casa para estudar aqui. Ela fez o primeiro ano lá, nem acabou e os pais vieram pedir para poder ficar aqui mesmo na escola. Ela tinha 7 anos quando veio estudar e quando saiu daqui já

tinha mais de 17 anos. Estudou bastante. Eu peguei amor nela e ela em mim, ela para mim, era nossa! De vez em quando lbe deva uns tapinhas, mas ela não era rancorosa, era na mesma hora, ... outra vez, alegre como sempre. Se ela saísse, já dizia: 'Já estou saindo', e quando não chegava na hora marcada ficava preocupada. Depois foi a outra neta e o outro neto, com seis anos, veio do sítio e quando ia pra escola o tio levava ele cedo, e quando era uma hora o avó ia buscar. Todos vieram para estudar aqui, os pais moravam na chácara. Os pais falavam que se não obedecessem e precisasse podia até bater, podia ficar brava, mas bater eu nunca bato em neto, nunca. (Rosalina, 75 anos)

Quando determinada situação leva a avó a assumir o papel dos pais dos netos, verifica-se que ela tem a autoridade dos pais, inclusive para bater. Nesse caso, os pais delegam a autoridade para as avós, pois bem sabem que a avó vai representá-los junto às crianças e em alguns momentos poderão precisar dessa autoridade. Assim, as avós recebiam e tratavam os netos como seus filhos:

Bom, eu olhava eles, ficavam em casa pra estudar, fazia tudo que eles precisavam, cuidava deles como cuidei dos filbos. (Ivaní, 66 anos)

Ficando na casa da avó, a relação também torna-se diferente, chegando a se confundir com a relação de mãe e filhos:

Era bom, o duro foi para mim diferenciar vó de mãe, pelo fato de ter mãe longe, então era a mãe que estava ali e não vó. (Rosalina, 75 anos)

Muitas vezes, a neta sentia dificuldade de distinguir a avó da sua verdadeira mãe pelas relações tão estreitas entre as mesmas, levando a neta confundir seus sentimentos em relação ao papel de avó como de mãe. O que fica evidenciado na fala das netas, em vários momentos, a respeito da afetividade das avós é que esta afetividade aparece muito mais em forma de atenção, agrado

com coisas materiais, do que com contato físico como pegar no colo, abraçar e beijar.

Em diferentes sociedades, estudos sobre a maternidade mostram que os usos da puericultura, que atingiram o auge da popularidade entre as duas guerras mundiais, apontavam como desejável a rotina de “ensinar” ao bebê, logo que nascesse que ao ser retirado do colo, deveria ficar fora do colo e sugeriram que as mães podiam estragar os filhos se os beijassem, os acariciassem e os pegassem quando eles se sentissem infelizes.³⁸

No caso das avós entrevistadas, verificamos que se os costumes trazidos pela influência da puericultura, no período apontado acima, também afetam o seu relacionamento com os filhos e netos, outra questão mais objetiva é de que elas tinham de enfrentar o trabalho na roça e, ao mesmo tempo, cuidar das crianças. Isso fazia com que elas deixassem, muitas vezes, seus filhos em baixo dos pés de café, no cesto, onde, de longe, elas olhavam, e somente na hora de alimentá-los é que os pegavam no colo. As avós falam daqueles tempos:

Eu casei e só trabalhava, grávida e tudo. Eu fazia o que tinha que fazer. Depois que tive meus filhos, eu ia pra roça e colocava eles dentro de uma caixa, enquanto trabalhava. Quando eles iam crescendo, já ficavam por ali mesmo, nas ruas de café. (Carolina, 74 anos)

Ter de cuidar da roça como necessidade, pois era dali que vinha o provimento para suas necessidades básicas e até de alimentação, fazia com que as avós não tivessem tempo para carre-

³⁸ Kitzinger, S. *Mães: um estudo antropológico da maternidade*, p. 19, 1978.

gar seus filhos ao colo. Dessa maneira, elas foram acostumadas a não ter manifestações físicas de carinho com as crianças. E, tendo seus netos e eles representando seus “filhos”, elas repetem o comportamento que tiveram com seus filhos. Mesmo que hoje elas tenham tempo, essa atitude não se modificou:

O amor que ela dedica não é assim muito demonstrado, mas é uma coisa que a gente sente, porque é mais assim a título de preocupação. Ela pergunta muito a respeito de mim, de outros netos, mas ela não gosta de ficar afagando muito, mas, além do mais, ela sempre dá assim muita atenção.

Ela não era muito de agradar, pegar no colo, ela não era muito desse tipo de carinho, de atenção pra gente, mas nas palavras, nas coisas que ela fazia, ela agradava a gente dessa maneira. (Lourdes, neta)

O contato físico é substituído pela palavra, que para ela, é a forma encontrada de atender a criança que está por perto, e ao mesmo tempo não parar de trabalhar, uma vez que o contato físico com os filhos significava ter tempo disponível. Assim, a linguagem usada na vida cotidiana fornece, continuamente, as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significação para as pessoas.

A linguagem traz implicitamente representações, significados e valores existentes na família, e, assim sendo, ela se torna veículo de ideologia desse grupo social. Assim, as avós trazem na lembrança suas experiências, e através das conversas, transformam-nas em experiências daqueles que as escutam. Bosi afirma:

É a essência da cultura que atinge a criança através da fidelidade da memória.³⁹

³⁹ Bosi, p. 33, 1979.

Na memória da neta, está as lembranças do modo de ser da avó, no espaço da casa. Lembranças estas, cheias de sentimentos afetivos.

Na adolescência eu ia muito pra casa dela, que era um lugar bom e a gente ficava meio à sombra dela,. Onde ela estava, seja na padaria ou em casa, eu estava junto. Quando ela fazia crochê, sentava-me ao lado dela. Ela não era uma pessoa de muita conversa, era mais aquele entendimento sem muita palavra. Não conversava muito, nem trocava idéias. Isso não. Mas a presença dela me transmitia muito amor. (Rita, neta)

Ter somente a presença da avó era para a neta, a maneira de muitas vezes sentir o carinho, pois, mesmo no silêncio, ela sabia que a avó estava se preocupando com ela. Na vigilância, estava atenta à neta, naquele espaço da casa.

Assim, ao não pegar o filho para não estragá-lo com muito mimo, ou ainda pela falta de tempo, as avós não criaram o hábito de abraçar e beijar seus filhos; agora, com os netos, elas também não têm esse mesmo costume.

Dentro desse quadro, percebemos que a casa da avó passa a ser o local onde o jogo político sempre se realiza. As avós estão presentes em diferentes fases do desenvolvimento da família e se utilizam desses “tempos” e do espaço de sua casa para conquistarem os familiares e se manterem nas relações nesse mundo. Os “tempos” dos netos e dos familiares os fazem entrarem nesse jogo por necessidade de conhecerem e se afirmarem nas questões que lhes dão significados. Entram nesse jogo também por pertencerem a essa unidade familiar, que tem um espaço chamado casa, onde há um espaço de liberdade para criar e recriar as regras da convi-

vência no cotidiano e enfrentar o mundo da rua. Nesse sentido, reportamo-nos a Da Mata, que enfatiza:

[...] sabemos que em casa podemos fazer coisas que são condenadas na rua, como exigir atenção para nossa presença e opinião, querer um lugar determinado e permanente na hierarquia da família e requerer um espaço que temos direito inalienável e perpétuo.⁴⁰

Dessa maneira, hoje, as avós, morando com seus parentes, têm um espaço conquistado, pois criaram estratégias para se manter nele. Tendo o apoio das palavras e a herança cultural da descendência italiana, elas continuam participando, reivindicando e chamando a atenção de seus familiares para seus objetivos, conseguindo com isso serem respeitadas e admiradas por eles. Souberam transformar o espaço da casa em local fascinante que permanece nas lembranças de cada um dos netos.

Assim, os netos recebem atenção e organização do espaço da casa, para atender seus interesses. Deles as avós recebem a contribuição para suas necessidades emocionais, um fator fundamental para a longevidade, com qualidade de vida para o ser humano.

Os laços de intensa convivência emocional fazem com que as avós se sintam bem em família. As emoções e sentimentos de amor, respeito, alegria, desejos positivos de prever o sucesso dos familiares, trazem contribuições

⁴⁰ Da Matta, p. 16, 1985.

importantes para a saúde dessas avós, tanto em nível orgânico, fisiológico, como também em nível de saúde psicológica. Com essas características as avós demonstram uma identidade de poder, de presença marcante nas relações, e sobretudo em estarem ativas, atentas a tudo que diz respeito à família. Essa identidade é passada para os familiares.

Portanto, o mundo da casa pode ser percebido como um espaço onde os indivíduos emergem como atores sociais. Ocorre que a família tem o poder de decidir um lugar para os seus idosos, valorizando a sua experiência e a sua trajetória de vida, quando esses idosos sabem trabalhar suas relações no âmbito da família. Nesse sentido, a investigação revelou que é fundamental entender como padrões sociais são apropriados pela família no tempo e no espaço.

A TRANSMISSÃO DE EXPERIÊNCIAS ENTRE DUAS 4 GERAÇÕES – AVÓS E NETAS

O APRENDIZADO DA EXPERIÊNCIA DE VIDA DA AVÓ PELAS NETAS

Alguns estudos de cunho antropológico têm demonstrado as diferentes maneiras de como a velhice pode ser percebida tanto em diferentes sociedades quanto através de grupos sociais de uma mesma sociedade. Nesse sentido, os estudos de Seeger¹ são significativos e demonstram o coportamento e a importância dos velhos na sociedade Suyá. Também, os estudos de Margaret Mead² enfatizam o papel dos velhos nas sociedades Arapesh; e ainda Kitzinger³ aborda a contribuição das avós em diferentes sociedades.

¹ Seeger, A. *Os índios e nós: Estudos sobre sociedades tribais brasileiras*, 1980.

² Mead, M. *Sexo e Temperamento*, 1979.

³ Kitzinger, S. *Mães: Um estudo antropológico da maternidade*, 1978.

Toda sociedade reserva um espaço para as crianças, adolescentes e adultos. Desse modo, a vida individual, em qualquer que seja o tipo de sociedade, passa, necessária e sucessivamente, de uma idade a outra. Essa passagem é acompanhada por atos especiais, associados à aprendizagem. O fato de viver em sociedade exige do homem viver essas passagens sucessivas, as quais estão relacionadas às ações e às representações. E, elas são incorporadas pelos indivíduos, de acordo com determinados momentos e as fronteiras que atravessam. Segundo Genep:

Para os grupos, assim como para os indivíduos, viver é continuamente desagregar-se e reconstituir-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer. É agir e depois parar, esperar e repousar, para recomeçar em seguida a agir, porém de modo diferente. E sempre há novos limiares a atravessar, limiares do verão ou do inverno da estação ou do ano, do mês ou da noite, limiar do nascimento, da adolescência ou da idade madura, limiar da velhice, limiar da morte e limiar da outra vida – para os que acreditam nela.⁴

Viver é pois, submeter-se às sucessivas mudanças que a própria vida nos apresenta. E nesse processo da vida, com o passar do tempo a sociedade é quem define os comportamentos e valores diferentes para o homem idoso e para a mulher idosa. Através das tradições culturais em cada sociedade, é esperado do homem idoso que este responda a certos comportamentos e atitudes relacionados ao sexo masculino, acontecendo o mesmo com a mulher idosa. O que se observa é que em todas as sociedades há uma certa expectativa, sobre os comportamentos dos idosos.

⁴ Genep. p. 157-158, 1978.

Seeger, estudando as “Sociedade Tribais Brasileiras”, demonstra como o comportamento, que muitas vezes pode ser considerado desviante como a “palhaçada dos velhos”, era totalmente esperado, desejado e altamente apreciado pelos Suyá. Nesses estudos, Seeger mostra também que esse comportamento dos velhos Suyá tinha significado tanto para as diferentes gerações como para a própria população idosa, pois o humor mais criativo era recompensado com gargalhadas hilariantes e seus espetáculos terminavam com a comida que lhes era oferecida pela platéia.⁵

Desse modo, distrair a platéia significava para os velhos Suyá proporcionar momentos de distração e ao mesmo tempo receber comida para aliviar a fome. Assim “velhos-palhaços são necessários para a realização satisfatória dos rituais. Sua presença também é bem-vinda ao final da tarde e à noite, como objeto da galhofa e como intérprete de pantominas”.⁶

Seeger define com bastante propriedade as atitudes dos velhos Suyá, quando nos faz ver que sentimentos ou comportamentos individuais são, na verdade, a expressão de sentimentos e comportamentos culturalmente definidos, adequados a determinada categoria de pessoas.⁷

Ainda nos estudos de Seeger, verificamos que os velhos Suyá têm uma classe de idade própria, e homens e mulheres atingem um status novo e importante quando ingressam na “classe de idade dos velhos”.⁸

⁵ Seeger A. *Os índios e nós: Estudos sobre sociedades tribais brasileiras*. p. 61, 1980.

⁶ *Ibid*, p.61.

⁷ *Ibid*, p.62.

⁸ *Ibid*, p.62.

Ainda Kitzinger, ao estudar o grau de parentesco, faz um análise da contribuição da mulher-avó nas sociedades pré-industriais, demonstrando a valorização que essas sociedades conferem às mulheres idosas no papel de avós.⁹

O que fica evidenciado em todos esses estudos, em que pesem as diferenças entre as sociedades, é que o idoso, nas sociedades tribais, tem seu papel social junto aos seus descendentes, passando a sua experiência de vida. Essa passagem se dá com maior objetividade, pois dela depende a continuidade da própria condição de vida dos integrantes dessas sociedades. Aos mais velhos cabe transmitir às gerações mais novas as técnicas para a caça, o cuidado com as crianças, os rituais e outros costumes que fazem parte dessas sociedades.

É, pois, através da socialização das crianças e nas diferentes etapas da vida dos indivíduos que há o aprendizado com os velhos sobre os costumes e comportamentos da sua tribo.

Salem (1971), quando estuda conflitos familiares, vai buscar em Mead¹⁰ para explicar:

A cultura pós-figurativa, característica das chamadas sociedades 'primitivas' seria aquela na qual o modelo de comportamento das crianças e dos jovens é plasmado no dos mais velhos, cuja autoridade é extraída do passado ou tradição. Sua forma de vida é percebida como eternamente imutável, não havendo nesse sentido uma ruptura entre as experiências das duas gerações.¹¹

⁹ Kitzinger, S. *Mães: um estudo antropológico da maternidade*, op. cit., p.169, 1978.

¹⁰ Mead, M. *Sexo e temperamento*. 1979. (Debates antropológica).

¹¹ Salem, p. 33, 1980.

Em nossa sociedade, embora com características diferentes, as pessoas idosas também ocupam seu espaço, mesmo que elas sejam vistas com preconceitos, e a atenção recaia mais sobre o indivíduo jovem, existem grupos sociais, como, por exemplo, as famílias, que valorizam seus membros idosos.

Diante desse quadro, queremos ressaltar que o estudo da cultura oferece a possibilidade de entendermos a velhice nas sociedades, a partir das representações daqueles que são considerados idosos, e, de recuperarmos nessas sociedades a importância da pessoa idosa, uma vez que esta é uma personagem que passa para as diferentes gerações a sua experiência de vida. Este fato foi constatado em nosso estudo com as famílias de descendência italiana, em que a mulher-avó tem um papel preponderante na socialização dos netos, já que são valorizadas pelas próprias experiências de vida, passadas de geração para geração. A experiência de vida dessas avós é altamente valorizada, reconhecida e aspirada pelas netas.

Neste capítulo apresentaremos os mecanismos utilizados pelas mulheres-avós, para transmitir a sua experiência de vida, assegurando o seu espaço no universo familiar e demonstrando como a velhice não lhes impede de permanecerem nas teias das relações da família. Também, procuramos demonstrar como essa experiência de vida é internalizada e valorizada pelas netas, uma vez que estas recriam e dão continuidade às atitudes e valores das avós, pensando em serem um dia, avós iguais a elas.

Todo comportamento humano é artificial e não natural. E, o homem construiu, através de sistemas simbólicos, um ambiente artificial no qual vive e está continuamente transformando-o. É

através da cultura, que esse movimento de criação, transmissão e reformulação, se dá.¹²

Os seres humanos devem sua superioridade atual em parte a seu equipamento mental superior, e ainda mais pelas idéias, hábitos e técnicas que lhes foram transmitidos pelos seus ancestrais:

A criança nascida numa sociedade qualquer, descobre que a maioria dos problemas que lhe apresentam durante sua vida foram já enfrentados e resolvidos pelos que viveram antes dela, cabe-lhe apenas aprender as soluções. Este acumular e transmitir de idéias e de hábitos é freqüentemente apresentado como atributo puramente humano.¹³

Portanto, podemos considerar que toda a experiência de vida das avós e o que elas aprenderam com seus ancestrais, retratam os conjuntos de símbolos da família, e deram a elas a oportunidade de passá-los para seus netos. E os netos, certamente, precisarão desses ensinamentos para direcionarem suas vidas e saberão valorizá-los à medida em que, para viver em sociedades e em grupos específicos, deverão cumprir certas regras sociais. Porém, também recriarão esses sistemas simbólicos, alterando muitos dos seus significados, quando a vida assim o exigir.

A mulher, na sua socialização, geralmente, aprende “coisas de mulher”, assim ela internaliza o modo de ser de filha, mãe e avó. E ao tornar-se idosa, no papel de avó, contribuirá para que a neta aprenda também esses papéis.

A família constituindo-se como o grupo dentro do qual se dá a reprodução biológica e a socialização básica, estabelece

¹² Durham, 1984.

¹³ Linton, 1953.

através do parentesco, a ligação entre o passado e o presente e, o que é mais importante, entre o presente e o futuro. Esse processo se caracteriza, simultaneamente, pela elaboração de uma estratégia de sobrevivência imediata e de um projeto para o futuro.¹⁴

As experiências de vida das avós ao serem transmitidas às netas e ao se evidenciarem como significativas tornam-se valorizadas e a figura das avós, também, assume uma importância relacionada com esse valor. Dessa maneira as avós são percebidas como personagens importantes na vida das netas. E isso é observado nos depoimentos de todas as netas ao afirmarem, com bastante orgulho, a respeito da vida de suas avós:

Eu aprendi tanta coisa com a minha avó, porque a minha vó a gente conversa muito, sabe, sobre o passado, experiência; então eu acho que ela passa muita coisa pra mim, sempre ela ensina. Às vezes ela fala assim: 'ah, eu não tive estudo'. Mas isto não quer dizer nada, não ter estudo. É a experiência de vida e o tanto que ela viveu, isso que é, quer mais bagagem do que isto que ela tem? Eu aprendi muita coisa com minha avó. (Eduarda, neta)

Mesmo que as avós, na sua maioria, não tenham tido a oportunidade de participar da educação formal, aprenderam com seus pais, e com o cotidiano, comportamentos que têm muita importância para a vida das netas. Essa experiência de vida, as netas sabem reconhecer e muitas vezes se arrependem por não serem mais atenciosas com as avós:

Eu dou muita importância pra experiência delas. Agora eu vejo que se eu tivesse escutado, por isso que eu gosto de conversar, pôxa, elas já viveram, já passaram todas estas fases que eu tô passando. Eu acho

¹⁴ Durham, 1984.

que elas podem passar muita coisa pra eu não errar. Por exemplo, uma coisa que elas viveram, elas sabem como que é, de repente você encontra uma pessoa, vivida, experiente, você aprende muita coisa, é muito rico. Ela tem uma bagagem que é linda de você conversar. Eu adoro escutar história, assim, antiga, de passar experiência pra mim, pra família. (Talita, neta)

A pessoa idosa busca a confirmação do que se passou com seus contemporâneos, em testemunhos escritos ou orais, investiga, pesquisa, confronta esse tesouro de que é guardiã. De outro modo recupera o tempo que correu e aquelas coisas que, quando as perdemos, nos faz sentir diminuir e morrer.¹⁵

Prestar atenção nas experiências de vida da avó é sentir que em sua fala está representada a continuação de sua própria vida:

Ela falava o que ela vivenciou e, dizia: 'olha, você tem que ter mais paciência', ou 'faça isso, faça aquilo', mas nunca era uma coisa solta, sempre ela falava uma coisa que vivenciou. Eu ia conversar com ela, falar as coisas, o que estava acontecendo, então, ela falava. Ou às vezes, quando ela começava a falar, a contar as coisas e eu começava a relacionar com o que estava acontecendo. (Cristina, neta)

Ligar sempre as situações que ela vivenciou no passado, com a vida presente determina a dinamicidade, a continuidade dos costumes e valores da família, mesmo que a sociedade moderna tenha colocado novos valores. Para a neta:

É porque ela tá vivida, tem muitas experiências, experiências absurdas. Nós estamos com a tecnologia avançada, nós temos tudo na mão, tudo fácil. Na época dela era tudo difícil. Nada tinha, água não estava ali na torneira. É muito importante a experiência de vida dela. Porque às vezes a gente reclama e ela fala: 'ah, na minha época não tinha nem

¹⁵ Bosi,1979.

isso'. Então é bom estar sempre ali do lado, tá sempre motivado. Além de estar motivado, está sempre falando do passado que pra nós é só na leitura, se for ... e só na leitura se quiser saber, ali não! Ela está retratando o acontecimento da vida, então é importante, é importantíssimo.
(Vera, neta)

É dessa maneira que as netas vêm suas avós: estando sempre perto, motivando, orientando no seu processo de integração na família e na sociedade. Através da história da família, que está nas lembranças das avós, ou ainda, como exemplo vivo.

Dentro dessa perspectiva, as avós são para as netas, um ponto de referência de suma importância, na caminhada da vida delas.

A criança recebe do passado os dados da história escrita, mas também mergulha nos valores e dados históricos vividos pelos parentes mais idosos, os quais fazem parte do seu processo de aprendizagem pela vida e deles tiram proveitos.

Muitas vezes, as netas se desanimam com as dificuldades da vida cotidiana mas vêm nas avós a base da estrutura da família, e novamente se animam:

Uma pessoa que passa experiências, que têm toda uma história de vida que passa pra gente, aquela pessoa mais velha, mas que é amiga, que tá ali pra acolher, pra atender. Então eu vejo assim como um elemento de estrutura na família, faz parte da estrutura familiar. (Luciana, neta)

Ter vivido mais tempo e ter com elas experiências, que podem servir para os familiares, faz com que as avós sejam vistas como elemento ativo na estrutura da família. Contudo, no cotidiano, muitas vezes a figura da avó pode ser associada ao anacrônico, isto é, idéias que estão em desacordo com a época atual. O preconceito sobre a velhice na sociedade mais ampla faz com que a

neta, tendo incorporado este valor, pense às vezes que aquilo que as avós falam não têm valor:

Ela já passou por muita coisa e quando a gente ouve uma pessoa mais velha falando, a gente pensa que é ultrapassada e tal. Mas geralmente as pessoas mais velhas têm razão, às vezes na hora você acha que elas estão ultrapassadas, mas depois você vê que elas têm razão. (Talita, neta)

Saber relacionar o passado, que está nas lembranças das avós, com o presente muitas vezes não se torna fácil. Nesse sentido, Bosi esclarece:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda [...]. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual.¹⁶

O acúmulo de experiência, de ter vivido diferentes situações, faz com que as avós sejam o exemplo na vida das famílias e das netas:

Eu acho assim que ela é o exemplo da família, porque ela criou a minha mãe, minha mãe me criou, eu estou criando meus filhos, então ela está identificada como exemplo. A vida que ela teve pra gente é o espelho nosso de hoje. (Lourdes, neta)

Dizer que a avó é o espelho da família significa para as netas que ela soube desempenhar sua função de mulher, de procriar e

¹⁶ Bosi. p. 40, 1979.

criar seus filhos, dando exemplo para a mãe da neta e agora para a própria neta. E essa experiência vivenciada pelas avós transformase no “espelho” em que as netas se vêem como mulher retratando diferentes significados:

Porque da experiência que ela tem, se deu certo com ela, tem que dar certo pra mim também.

Porque se ela fez, e pra ela era bom fazer e ou então dava certo, pra gente também vai dar porque é uma experiência que ela tem. (Rita, neta)

Para as netas, utilizar as experiências que as avós passam é ter confiança e certeza daquilo que já deu certo para as avós, é caminhar com segurança, pois têm um exemplo para seguir, e ao mesmo tempo é querer dar continuidade ao “eu” da pessoa da avó.

A cultura é um *continuum* que vai desde o começo da existência humana até hoje, representando a herança social de nossa espécie.¹⁷

Dentro desse processo de aprendizado, as netas estão dando continuidade à cultura própria desse grupo de famílias de descendência italiana:

Eu utilizo, sempre eu tento relacionar com minha vida, com o eu continuum, as experiências que eu recebo. Eu acho que eu posso relacionar com o eu continuum, é muito rico isso, acho que isso passa muito pra gente, pra todo mundo. Você pode se sair muito melhor nestas coisas. Por exemplo, o relacionamento com as pessoas, cozinhar também, igreja, religião, minha vó que sempre levou a gente, minha vó sempre foi assim com Deus, sempre bastante religião, sabe a gente foi sempre muito apegada. A partir do momento que a gente tem fé é mais feliz;

¹⁷ Linton, 1953.

vai na igreja. Religião é a razão de tudo, ela sempre passou isso pra gente. (Rita, neta)

A maneira de se relacionar com as pessoas, o modo de cozinhar, a forma de seguir a religião da avó, o papel de mulher, foram as coisas que as netas aprenderam e souberam internalizar, dando sentido às suas próprias vidas particulares e tendo nas avós um ponto de referência:

É uma forma até de facilitar as coisas pra gente, quer dizer, a gente na relação com o marido, na relação com as crianças. Então a gente acaba sempre dando como exemplo, como referência a avó. Então é claro que você puxa dali pra dar como exemplo, como testemunho, como lembrança. (Cristina, neta)

Na vida familiar da neta, a figura da avó está sempre presente, como testemunha das coisas que permeiam o seu cotidiano. Esses acontecimentos já constituíram a história de vida das netas, que foi estruturada pelos valores que aprenderam, em parte, com a avó:

Nós temos uma história desde criança, a infância, a escola, os passeios com todos juntos, de repente tive que parar. E, depois o tempo foi passando, a idade vem, a gente começa a amadurecer. Hoje procuro manter e cultivar isso na minha filha e meus sobrinhos. Os filhos dos meus primos também têm essa união. (Mary, neta)

Retornar às raízes foi a maneira encontrada pela neta de continuar as tradições que a avó soube manter na família. Valorizar essa parte da sua socialização é querer retornar aos ensinamentos da avó no que se refere à união da família. Essa valorização mostra também que a idade mais avançada proporciona a oportunidade

de refletir sobre a sua própria vida e também ressaltar os valores significativos na tradição da família:

Preciso cozinhar, a minha vó fazia desse jeito, então eu faço do jeito da minha avó, inclusive dentro de casa, até. O meu pai gosta mais daquilo que a minha vó faz, do que aquilo que a minha mãe faz. Então eu tento seguir os modos dela, porque eu sei que agrada mais. (Lourdes, neta)

Colocar em prática o que deu certo para a avó, interiorizando nas suas vidas os hábitos dos seus ancestrais, passa a ser para a neta uma obrigação, agradando assim seus pais, que também já interiorizaram os costumes das avós.

A individualidade de cada cultura é ilustrada pela sua capacidade de perpetuar-se e sobreviver à extinção de qualquer das personalidades que dela participam ou de todas as que dela participaram em qualquer período de sua história. Esta capacidade vem de seu papel dominante no moldar das personalidades dos novos indivíduos, que por nascerem numa determinada sociedade, ficam sujeitos à influência de uma determinada cultura. Assim, a personalidade, que não existe na criança ao nascer, é criada no decorrer do seu desenvolvimento, pela interação de seus potenciais e do ambiente externo.

Como membro de uma sociedade qualquer, a criança tem seu ambiente formado quase que inteiramente pelas manifestações expressas da cultura desta sociedade e pelas personalidades que esta cultura já moldou¹⁸.

¹⁸ Kitzinger, S. *Mães: um estudo antropológico da maternidade*, op. cit., p.319, 1978.

Tendo recebido as influências da cultura de seus ancestrais de descendência italiana, as netas acabaram assimilando alguns hábitos dessa cultura, mesmo sem o perceber:

Vai enraizando, você vai convivendo com as pessoas e acaba assimilando, captando e codificando aquilo e quando você vê, você está repetindo aquilo nas suas atitudes, nos seus atos sem perceber. (Vera, neta)

As netas não se dão conta que os costumes que elas aprendem fazem parte das personalidades de seus parentes mais velhos, que a cultura é responsável por esse processo de moldar as personalidades dos novos indivíduos e que também está moldando a sua própria personalidade.

Mergulhando nas raízes culturais dos seus ancestrais, não só através da figura das avós, mas também daquilo que as avós, por sua vez, internalizaram dos seus antecedentes, num processo natural acontece o aprendizado. Às vezes, inconscientemente, repetem os ensinamentos e exemplos das avós. Na idade adulta é que elas percebem o quanto aprenderam da experiência de vida das avós e acabam fazendo o elo entre o passado, o presente e o futuro da história da família.

A MANUTENÇÃO DO MUNDO DA CASA: EXPERIÊNCIAS APRENDIDAS COM AS AVÓS

O entendimento do mundo doméstico implica apreender como a família conduz a produção para o consumo. Nesse sentido, Linton mostra que:

Em todas as sociedades a família é normalmente a menor das unidades organizadas para produção e consumo e tende a ser autônoma no que se refere às necessidades normais de seus membros. O trabalho envolvido na satisfação destas necessidades é distribuído entre seus membros, de tal maneira que as atividades de cada um são complemento das atividades dos outros, participando todos dos proveitos.¹⁹

Dentro das questões que envolvem a divisão sexual do trabalho, verifica-se que universalmente na família os serviços caseiros geralmente recaem sobre os membros do sexo feminino. Dessa maneira, desde cedo a menina aprende a cozinhar, lavar, passar roupas e outras atividades para a manutenção do mundo da casa.

Aos membros masculinos na unidade familiar frequentemente cabe o trabalho extradoméstico e, por isso, quando estes retornam à casa precisam dos bens de consumo para refazer suas forças produtivas. Às mulheres, historicamente, cabe a tarefa de prover essas necessidades, cuidando dos afazeres da casa. Hoje, mesmo participando ativamente do trabalho produtivo, fora de casa, as mulheres acabam acumulando o trabalho do mundo público e privado.

Durham, estudando a respeito das famílias operárias, resgata o valor explicativo da categoria família, realçando um modelo de investigação dentro do campo da cultura. Nesse sentido, ressaltamos duas unidades desse modelo: uma como unidade de reprodução da força de trabalho, e outra como unidade de consumo. Tal consumo, a família assegura de duas maneiras:

¹⁹ Linton, R. 1953-1978.

De um lado, colocando no mercado de trabalho alguns de seus membros, que vendem sua força de trabalho em troca de um salário com o qual compram mercadorias. [...] De outro, o consumo é assegurado através de uma atividade produtiva auxiliar que se dá fora dos moldes da produção capitalista e que consiste, essencialmente, em preparar, modificar, preservar e consertar mercadorias adquiridas no mercado de modo a adequá-las à satisfação de necessidades definidas socialmente.²⁰

Dessa maneira, cozinhar, lavar, passar, remendar, cuidar da casa, são atividades que permitem sua utilização como valores de uso, sendo indispensáveis para a reposição da força de trabalho consumida no processo de trabalho. Assim, a unidade familiar pode ser chamada, também, de unidade de produção de valores de uso.

Para que a família consiga manter a unidade de produção de valores de uso, isto é, manter e produzir as mercadorias de consumo coletivo, ela estabelece regras no mundo doméstico. Essas regras estão ligadas ao sistema de parentesco, assim como a divisão sexual dos seus membros. E, através da socialização primária as crianças do sexo feminino aprendem a cuidar dos serviços da casa, internalizando o papel de mulher. Berger, sobre esse assunto, explica:

A socialização primária implica mais do que o aprendizado puramente cognoscitivo. Ocorre em circunstâncias carregadas de alto grau de emoção. De fato, há boas razões para se acreditar que sem esta ligação emocional com os outros significativos o processo de aprendizado seria difícil, ou quase impossível.²¹

²⁰ Durham, p. 204, 1980.

²¹ Berger, p. 176, 1974.

As avós entrevistadas, tendo aprendido com suas mães os serviços caseiros, identificaram-se com aquelas e aprenderam o papel e as atitudes de mulher dona de casa, interiorizando-os, tornando-os seus. Depois de casadas, passaram para suas filhas os mesmos significados das práticas de lavar, passar, cozinhar e cuidar de crianças. Mais tarde, quando avós, elas continuaram a ensinar às suas netas com o mesmo interesse:

A vó sempre foi uma pessoa assim muito limpa com a casa. A gente morava na fazenda, e a casa dela era motivo pra todo mundo comentar. Era uma casa muito organizada, muito limpinha, as paredes de madeira, tudo lavada com sabão de soda. Assim, é tudo isso que eu aprendi na infância. Desde pequena punha o banquinho, passava roupa miúda, lavava roupa miúda, tudo isso, a gente vai guardando e hoje serve para ensinar para os filhos ou para a empregada. (Lourds, neta)

A valorização do aprendizado com as avós vai além do reconhecimento da utilidade para si própria. Estende-se o valor de saber, para ensinar as filhas e a empregada, também.

É importante observar que as avós não poupavam as crianças do trabalho; como eram muitas coisas para tomar conta, elas também se utilizavam das netas como socorro.

Nas questões que envolvem o mundo da casa, uma das preocupações que ficou evidenciada, tanto por parte das avós como das netas entrevistadas, foi manter e dar continuidade à tradição da comida italiana, na preparação dos pratos que tanto agradam os familiares:

Quando a gente conversa, por exemplo, sobre cozinha, ela ensinava muito. O macarrão da vó é muito famoso. O macarrão da vó, macarrão italiano. Domingo é sagrado, o macarrão da minha vó todo mundo adora, sempre ela faz porque ela cozinha muito bem. Todo mundo adora a comida dela.

Vejo alguma coisa, que nem inhoque, alguma coisa que ela vai fazer, então eu vou complementar aquilo que eu ainda não sei, o molho na massa, como é que se corta, como é que enrola, mas é coisa do dia-a-dia, eu acho que eu nem percebi que isso acontece. (Eduarda, neta)

Assim, é na convivência com as avós que as netas aprendem os hábitos e técnicas de cozinhar. Esse grupo investigado demonstrou que preserva de maneira marcante, como herança cultural, as tradições alimentares da cozinha italiana.

As avós vão ajudando as netas a estruturarem suas vidas nessa parte da cozinha, mesmo que, muitas vezes, a maneira de fazer não seja passada do mesmo modo, como ela sabe fazer:

Eu acredito que a gente foi captando e isso serviu assim de estruturação também pra gente, posteriormente. Então a gente ia lá e ela ensinava a gente a fazer. Até hoje, ela faz um bife acebolado que ninguém sabe fazer, então meus tios de vez em quando vão lá pra comer o bife, e ela fala, ‘olha, vem cá, eu faço assim, assim’, né. Então até hoje acho que isso marca muito. (Mary, neta)

A preocupação em ensinar faz com que as avós expliquem com minúcias a maneira de preparar os pratos. Contudo, nem sempre o aprendizado se dá de acordo com o que a avó pretende:

Ela fica fazendo as comidas dela, stroganoff, essas coisas assim, esse é ela que faz eu não gosto. Agora, um assado, um macarrão, isso ela nunca fez, isso não pus na cabeça dela. Ela começou a trabalhar e estudar, quando ela chegava já estava tudo pronto, então é mais difícil. Ainda hoje que já tem tudo pronto! Então, não tem dificuldade pra fazer as coisas. O marido da minha neta sempre fala assim, ‘vó, tenho vontade de ir jantar na casa da senhora, sempre tem uma torta’. Às vezes a minha mãe ia pra roça e eu fazia o almoço, a janta. Meio-dia a minha mãe vinha buscar. Precisava fazer arroz, temperava o arroz, passava o toucinho numa máquina, punha bastante sal e depois guardava num

caldeirão branco pra não estragar. Depois pegava a panela preta, assim uma pá para agitar, depois punha alho, a cebola. A minha avó passou pra mim. Passei pras minhas filhas, agora pras netas, não porque já não usa mais isso. É facinho, para temperar o arroz, o feijão, porque já tem o toucinho moído e é só cozinhar. (Rita, neta)

Trazendo com elas os detalhes da “arte” do mundo da casa que aprenderam com suas avós e mães, e tendo a paciência de fazer tudo de acordo como lhes foi ensinado, as mulheres-avós entrevistadas, muitas vezes ficam aborrecidas com a mudança de costumes que a sociedade impõe aos seus familiares. A proliferação das “casas de massas” – comida italiana nas sociedades modernas contribuiu para que muitos dos descendentes de famílias italianas deixassem de dar continuidade ao preparo da comida no ambiente da casa. O tempo da mulher moderna, dividida com outros interesses, que não só do mundo privado, a impossibilita de preparar a massa, deixar crescer, cortar e enrolar, guardar ou preparar o macarrão. Dessa maneira, as avós reconhecem que têm coisas que não há mais condições de serem ensinadas para as netas, pois estão vivendo em outra realidade e em outro momento. Verifica-se, assim, a alteração e redefinição de certos costumes que ocorrem na passagem de uma geração para outra.

Além da comida, que está intimamente ligada ao mundo da mulher e da casa, o bordado ou crochê também, geralmente, fazem parte da vida da mulher, e, principalmente, da mulher idosa, que tem mais tempo. Essas práticas também chamam a atenção das netas, que procuram aprender com suas avós:

Fazer comida, voltando à comida, não sei, mas eu acho que é mais comida mesmo e os bordados, que a minha vó gosta muito de tecer, alguns bordados. (Vera, neta)

Contudo, nem sempre os valores que a avó, como mulher, tenta passar para as netas, são por estas aceitas na sua vida cotidiana:

Eu acho que nós não somos parecidas, é totalmente diferente. A vó adora trabalhar, limpar a casa, ficar limpando, eu não sou chegada à limpeza de casa, eu gosto de passear, a vó não gosta, então somos opostas. (Luciana, neta)

A esse respeito, Beauvoir nos faz ver que os cuidados da casa nem sempre são agradáveis aos olhos da mulher, e que a repetição desses serviços logo esgota o prazer. Dessa maneira, a autora explica que no:

Quotidiano esse trabalho torna-se monótono e maquinal, é crivado de esperas; é preciso esperar que a água ferva, que o assado esteja no ponto, que a roupa seque; mesmo em se organizando as diferentes tarefas, sobram momentos longos de passividade e de vazio; elas realizam-se na maior parte do momento em meio ao tédio; não passam de um intermediário inessencial entre a vida do presente e a vida do amanhã.²²

Dentro desse quadro, verificamos que a neta, tendo outro ritmo de vida, não aceita que os serviços caseiros tomem conta de sua vida. Com a idade diferente da avó, a neta, no dia-a-dia, tem outros interesses que não são exclusivos dos serviços da casa, mas referem-se às atividades de entretenimento.

Assim, no relacionamento avós e netas, também existem experiências que foram aprendidas, apreciadas, mas que não passam mecanicamente para o cotidiano da vida das netas. Mesmo que algumas netas não sigam à risca o exemplo da avó para com

²² Beauvoir, p. 206, 1984.

a casa, o aprendizado se dá. E esse aprendizado vai contribuir de diferentes formas para manter a família como unidade de consumo, na medida que as netas passam para suas filhas ou empregadas, os significados de suas próprias experiências.

Muitas vezes, apesar das limitações físicas impostas pela idade, a avó insiste em passar para a neta o seu aprendizado das lidas do trabalho culturalmente atribuído à mulher:

Vamos supor que fosse um crochê que a vó estivesse ensinando: ela pegava a gente, e ia lá ver se estava certo, mesmo não enxergando, ela falava como ela fazia. (Sandra, neta)

O que percebemos em nosso estudo, é que embora a sociedade tenha mudado a forma de relacionar as diferentes gerações no envolvimento social, as mulheres-avós entrevistadas, continuam passando suas experiências, nas famílias. O que ficou evidenciado também, é que, muito mais do que os serviços caseiros, as avós conseguiram passar um conjunto de símbolos significativos que faz parte da herança cultural de suas famílias de descendência italiana.

O QUE LEVA AS AVÓS PASSAREM SUAS EXPERIÊNCIAS PARA AS NETAS

O universo de significados das mulheres-avós está presente na interação avós e netas, estendendo-se também nas relações da família como um todo. Assim, ensinar as práticas do cotidiano, realizadas por mulheres, ou ainda transmitir suas experiências de vida, representa as estratégias que

as avós utilizam na família, e, ao mesmo tempo, também estão resguardando seu espaço neste ambiente.

A prática de ensinar já foi realizada com os filhos, e principalmente com as filhas; agora, com as netas, o esforço não precisa ser muito dispendioso, pois grande parte do seu repertório de significados já foi transmitido pela mãe da neta. Daí que o conjunto de significados que ela traz se reproduz com maior intensidade na vida das netas. É preciso lembrar também que as netas aprendem os serviços caseiros muito mais com as mães do que com as avós, pela relação mais estreita com as primeiras. Além disso, nos significados das coisas que aprendem com as mães, já estão embutidos os valores das avós. Assim, a relação avós e netas é mais um esforço da avó na manutenção do que já foi passado para sua filha, tempos atrás.

Os valores passados e aprendidos na família refletem as situações históricas que direcionaram as representações das avós como filhas, esposas e agora como avós. É importante notar que determinados valores emergiram nas concepções tanto das avós, como das netas; os quais caracterizavam um estilo de vida a partir de elementos como: relações de trabalho, luta pela vida, a questão da moral, responsabilidade, honestidade, seriedade, amor, religião.

A correlação entre o espaço das posições sociais e o espaço dos estilos de vida resulta do fato de que condições semelhantes produzem *habitus*, que engendram práticas imprevistas, mas estão sempre contidas nos limites inerentes às condições objetivas, das quais são produtos e para as quais estão objetivamente adaptados.²³

²³ Bourdieu, P. *Sociologia*, p. 82-83, 1974.

A visão de mundo das avós expressa-se no conjunto de símbolos que traduz os princípios do estilo de vida, o qual historicamente elas aprenderam nas relações familiares e que fazia parte das condições objetivas de suas vidas e das relações com a sociedade na época vigente.

Cabe considerar que as avós entrevistadas internalizaram valores e um estilo de vida relacionados à condição de famílias de pequenos situantes, quer por parte de seus descendentes, quer com a família de procriação.

A relação de pequeno proprietário com os meios de produção e com o próprio objeto de trabalho, fez com que as avós aprendessem o significado de “economizar”. Assim, esse hábito e a concepção de economizar fazem parte da vida e da personalidade das avós.

Nas relações de trabalho as avós acostumaram-se a lidar com os meios de produção, tanto nos bens de uso, como nos de valor de troca. As relações de trabalho passaram a traduzir um significado importante para as famílias dessas avós, valor este que, somado aos demais faz com que seus descendentes continuem no mesmo segmento médio da sociedade londrinense e valorizem esse aprendizado.

Nesse sentido, podemos considerar também o estudo de Mills sobre classe média, quando explica com detalhes o significado dessa prática de economizar:

O pequeno negociante é freqüentemente impedido, por motivos econômico, a calcular, planejar e avaliar seus atos e impulsos, assim como os de sua mulher e filhos que o

ajudam nos negócios; e isso deve ser feito à luz imparcial de um objetivo visado através de drásticas práticas econômicas. Assim, o trabalho intenso e a restrição de consumo que ele impõe a si próprio e à sua família são justificados pela alta recompensa de economia e respeitabilidade.²⁴

Comprovando o aprendizado dos princípios de economizar, uma neta comenta:

A minha vó, ela tem um princípio de vida assim, da gente não esbanjar as coisas, a tomar cuidado com a parte financeira, a parte econômica; e acho que pelos anos que eu convivi com ela, a gente pensa quando vai fazer um gasto, uma compra. Você aprende a controlar em relação a isto. (Sandra, neta)

Aprendendo com as avós a economizar, a neta tem um determinado comportamento dentro da realidade em que vive, colocando em prática os valores que lhe são passados. Economizando e controlando o orçamento da família, quando casada a neta tem uma estratégia para administrar o mundo doméstico.

A questão do trabalho é outro valor importante que as avós aprenderam e procuram passar para os familiares. Mills, explica bem as diferentes visões sobre o trabalho:

O trabalho pode ser visto como um mero ganha-pão, ou como a parte mais significativa da vida interior; pode ser encarado como uma expiação ou como uma expressão exuberante de si mesmo; como um dever irrelutável ou como o desenvolvimento da natureza universal do homem.²⁵

²⁴ Mills. p. 52, 1979.

²⁵ Mills. p. 223, 1979.

O autor, ainda, fazendo uma análise da questão do trabalho artesanal e dos atuais modelos de trabalho na sociedade capitalista, procura mostrar as mudanças de atitudes do homem em relação ao trabalho, no decorrer da história da humanidade. Dentro dessas colocações, o trabalho para os artesãos e pequenos proprietários tem um significado diferenciado do que tem para os trabalhadores, que são empregados:

O artesão imagina o produto acabado e, embora não o fabrique inteiro, vê a sua parte de trabalho no todo, e assim compreende a significação de seu esforço em relação ao conjunto. A satisfação que ele retira do produto final impregna os meios para obtê-lo, e desse modo seu trabalho não só adquire uma significação como participa da satisfação de consumo que encontra no produto.²⁶

O trabalho para o artesão e para o pequeno proprietário passa a ter significado, como parte integrante de sua vida interior. As avós, pertencentes às famílias de pequenos proprietários rurais, tinham uma certa determinação em tomar decisões relacionadas ao trabalho. Contudo, o “tempo de trabalho” e o “tempo de vida” estavam interligados à sua própria subsistência. O produto de seu trabalho não era separado da sua vida, encontrando significado nessa relação.

Trazendo consigo o significado do trabalho numa realidade bastante difícil, tendo de economizar mas, ao mesmo tempo, tendo a liberdade de organizar, modificar as coisas que se relacionavam com os meios de produção e o produto final, interiorizaram os

²⁶ Ibid, p 239.

significados de trabalho em suas personalidades, e bem souberam passar, como herança cultural, para seus familiares:

O que marcou é o seguinte, é que essa vó, ela é muito disposta, ela tem 77 anos e é o valor do trabalho que ela passa pra gente. Por exemplo, toda vez que a gente faz aniversário ela vai cumprimentar, ela fala: 'olha, parabéns, felicidades e muita vontade de trabalhar' [...], porque ela é assim, ela trabalha muito, sabe, é um espírito de luta pra tudo. É luta, não é trabalho no sentido de ter uma atividade remunerada, mas é um trabalho assim pra lutar por tudo. Então é uma coisa, que isso marca muito, então toda vez que a gente se encontra agora, a gente fala como ela, muita vontade de trabalhar. Então isso é uma coisa que é dela e marca muito a gente. (Mary, neta)

Dentro dessa visão, todas as netas, ao se referirem aos significados que aprenderam com as avós, enfatizaram os valores sobre o trabalho, a pontualidade, a responsabilidade, a prudência. E isto faz com que marquem com bastante firmeza o perfil das avós:

A vovó passou para nós a questão de muita seriedade da vida, da honestidade, da sinceridade com as coisas; são experiências. Eu vejo essa questão de encarar a vida como ela encarou, com muita luta, essa foi uma grande experiência. Ela nunca deixou as coisas caírem, ela trabalhou até mesmo além daquilo que ela tinha condições. Na luta, pelo que eu percebi, ela deu um pouco mais que ela podia, interiormente, emocionalmente. (Luciana, neta)

Relacionando-se com o trabalho, dentro do espírito demonstrado pelas falas das netas, somando isso ao senso de responsabilidade, as avós conseguiram passar para as netas o espírito de luta pelas coisas:

Aprendi com ela o desenvolvimento da responsabilidade, de aprender a enfrentar as coisas, de nunca ter medo das coisas, enfrentar, esse espírito

de luta, de muito trabalho. A lutar por aquilo que eu quero, eu acho que isso é o que mais lembro dela. (Isabella, neta)

Recebendo das avós os ensinamentos para a condução de suas vidas, dentro dos princípios que deram às avós a confiança de enfrentar a vida e lutar pelo que elas queriam, hoje as netas seguem esse exemplo e dão continuidade a esse estilo de vida das avós.

É dentro desse quadro que as netas ao falarem das avós se referem sobretudo, com muita admiração, ao amor que as avós souberam passar não só para elas, como para a família como um todo:

A coisa mais bonita que ela tem é esse amor pelos filhos, não quer ver os filhos afastados; isso eu aprendo com ela. Todos os filhos ao mesmo tempo estão aprendendo com ela, sempre os pintinhos estão perto da galinha, da mãe.

Acho que esse sentimento da família. Família pra mim não se restringe a pai, mãe e filhos. Tem os tios, tem os primos. Eu acho que aprendi com ela, pois ela sempre fez muita questão de ver os filhos unidos. Então essa união de família eu aprendo com ela. (Cristina, neta)

Assim, esses ensinamentos tão fortes sobre amor, e, principalmente, amor na família, as netas, tanto as solteiras como as casadas, aprenderam e suas avós confirmam:

O amor é tudo, o amor de família é tudo, porque se a gente não tiver amor na família como é que vai fazer, tem que ter amor na família. Eu, pelo menos, tenho amor pelos meus filhos. Às vezes tem gente que fala assim: 'Você se preocupa muito com seus filhos, já são casados', mas casado ou solteiro é filhos, não é? A gente se preocupa. (Francelina, 85 anos)

O amor transmitido pelas avós torna-se um amor generalizado para todos os membros de suas famílias. Um amor carregado de atenção e preocupação em manter os membros unidos, através

desse sentimento que, como mulher, ela aprendeu desde criança. E ela fala disso com muita convicção:

Amor na família, tem que ter amor no filho, amor no marido, amor nos netos, tudo. Representa que eu tenho amor em todos eles; que tenho na minha família. (Isabel, 68 anos)

Esse amor à família, que acompanha as mulheres-avós no decorrer de suas vidas, não tem limites; e muitas vezes nem mesmo a avó sabe expressar esse sentimento, em palavras:

Nem sei o que falar, porque o amor na família é tudo. A gente nem sabe contar que é o amor na família. (Tereza, 67 anos)

O significado desse amor, muitas vezes é interpretado como um amor Divino, ligado à religião; e o amor à família, também faz parte dessa explicação:

Eu acho que o amor é uma coisa que vem de Deus, indica que o Espírito Santo deve estar sempre junto com a família, que deve ter aquele amor de um com o outro para se entender, porque ter desarmonia na casa é a coisa mais triste do mundo. (Ivaní, 66 anos)

O sentimento de amor entre os membros da família vai contribuir para a união e equilíbrio entre os mesmos. Por isso as avós procuram dar o exemplo., transmitindo o amor:

O amor eu acho que é dando que se recebe. Assim é o amor, quem recebe amor, vai dar ele para os outros. (Vicência, 65 anos)

O amor sendo uma construção social, foi na convivência familiar, que as avós passaram esse sentimento. Com isso ela assegura que os netos e familiares também passem o amor para os outros, humanizando as relações sociais, e garantindo que eles recebam amor também.

Quando as avós percebem que os netos interiorizam as práticas e valores aprendidos, elas demonstram o porquê elas ensinam:

A gente se sente bem em estar ensinando alguma coisa. A gente se sente bem assim, em ter uma capacidade. (Carolina, 74 anos)

O sentimento de ainda ter a capacidade de transmitir seus conhecimentos para os membros mais novos da família e se sentir bem com isso foi um aspecto bastante forte nas representações das avós durante as nossas conversas. Sentindo-se bem em ensinar, as avós demonstram que, além do sentimento de ter capacidade, também se achavam na obrigação de ensinar:

Eu sentia que tinha obrigação de ensinar eles, de fazer bem. (Odília, 89 anos)

A exigência de ensinar bem fazia da avó uma personagem exigente na relação ensino e aprendizado, mesmo assim sendo aceita, pois os netos precisavam aprender com ela.

Ralph Linton, com relação às obrigações dos membros da unidade familiar explica que a

[...] qualidade de membro da unidade acarreta para o indivíduo direitos e obrigações específicas em relação aos outros membros e também uma série de atitudes bastante claramente definidas. A expectativa é que a unidade seja o centro principal dos interesses e da lealdade daqueles que a elas pertencem e que têm obrigação de cooperar entre si, auxiliar-se reciprocamente e colocar os interesses de estranhos.²⁷

O sentimento de obrigação de ensinar da avó é devido à participação dela como membro integrante dessa unidade familiar.

²⁷ Linton, p. 174, 1953.

Da mesma forma que ela aprendeu com seus parentes, hoje ela se sente na mesma obrigação de ensinar bem o que aprendeu, cumprindo assim com o seu papel:

A gente sente que se eles querem aprender o que a gente quer ensinar, fico contente, porque sinto que eles querem aprender. Se eles querem aprender é porque é bom para eles, sempre prá eles. (Mariana, 74 anos)

O interesse dos netos traz alegria para a avó, por perceber que eles reconhecem que os ensinamentos dela são importantes para eles. Muito mais importante para aqueles que estão iniciando a vida do que para ela, que vivenciou todas as etapas da vida, as quais eles terão que passar. E, ensinar, muitas vezes, é voltar ao passado, é relemburar o que aprendeu, como aprendeu, e por isso é bom, e ela se sente bem ao ensinar:

Ab! Eu me sentia bem. Parece que eu estava falando e voltava, de volta àquele tempo. Então eu me transporto para aquele tempo e isso é gostoso. E eles gostam muito de ouvir. (Adelina, 72 anos)

A esse respeito Kastenbaum explica como a pessoa idosa, muitas vezes, busca no passado as forças para as suas relações no presente: “O passado é um recurso óbvio para o indivíduo que viveu uma longa vida, cheia de variadas experiências. Alguns, porém, têm mais êxito que outros ao valer-se da própria história para enriquecer a velhice”.²⁸

Assim, ensinar para os netos, é como uma obrigação de avó, mas também é uma forma de reviver o passado e se alegrar novamente com as lembranças. A avó se sente bem, é como se ela

²⁸ Kastenbaum, p. 42, 1979.

estivesse se “divertindo” no jogo do domínio das regras que só ela conhece porque tem a experiência. E nesse lembrar, ela consegue passar o que sente para os netos, que gostam de ouvi-la, pois sua narração reflete essa emoção. Dessa maneira, lembrar é encontrar novamente as coisas boas na memória e passar para seus familiares, seus netos, fazendo a relação tornar-se mais agradável. Assim as avós vão ensinando e passando os fundamentos simbólicos para os netos, de diferentes maneiras, e sentindo-se felizes.

ENCONTRO ENTRE GERAÇÕES: CONFLITO E ACEITAÇÃO DE VALORES

O cotidiano na vida dos avós é partilhado com outros e o resultado é o intercâmbio contínuo entre as partes que estão na relação face a face.

A maneira das avós interagirem e transmitirem seus conhecimentos às netas, tanto no que se refere aos serviços caseiros como em relação aos valores de um estilo de vida que acompanham a família, tem características inerentes à própria herança cultural deste grupo de mulheres de descendência italiana. A maneira da avó ensinar está associada, também, a fatores, tais como idade e grau de parentesco. Dessa maneira, essa transmissão é diferenciada de outras práticas aprendidas, a exemplo da educação escolar das relações que se estabelecem com outros grupos, como o de amigos, e, em alguns casos, até dos ensinamentos das próprias mães das netas.

A transmissão de experiências entre duas gerações – avós e netas

A avó, por ter mais idade e com determinada experiência de vida, não deixa de alertar as netas sobre a maneira “mais correta” de cuidar dos afazeres caseiros, querendo com isso orientá-las para o bom desempenho de donas-de-casa, no futuro. Assim, uma neta explica em seu depoimento:

Ah, ela ensinava, sempre dando maior importância naquilo que ela tava ensinando pra gente, mesmo que fosse lavar um prato: ‘Você pega o sabão, é assim, você não deixa o sabão debaixo d’água senão derrete’. Então era assim, ela ensinava os detalhes da coisa e dizia a consequência: o porque você deve fazer assim, se você colocar aí vai cair e vai quebrar ou se você subir nessa grade, você pode escorregar e cair. Então não é que ela falava não sobe ou você cai. Ela falava, ‘Você não sobe porque se você subir, você pode cair e se machucar’. Então é esse tipo assim. (Eduarda, neta)

Ao dar valor ao que estava ensinando, valorizando os bens de consumo que utilizava, ensinando a economizar, a avó, além de passar seus valores, ainda demonstrava na prática as consequências do não cumprimento dos ensinamentos. Nessa maneira de ensinar também se verifica o cuidado em ensinar os perigos que a neta pode encontrar em determinadas atividades infantis. Assim, além de ensinar, também a avó protegia os seus descendentes, alertando-os, de maneira não impositiva. E, para isso, ela utilizava diferentes estratégias:

Às vezes brincando e às vezes falando sério, ela ensinava. Às vezes quando ela falava brincando com a gente a gente levava mais a sério do que quando era sério. Então ela sempre falava brincando, não brincando, mas rindo assim, de jeito alegre. (Sandra, neta)

“Brincando” foi a maneira encontrada pela avó para ensinar o que queria para a neta. Ela sabe que o “brincar” significa muito para as crianças, e que brincando elas aprendem a viver. Assim, a

avó, como já foi criança, possui também a habilidade de ensinar, valendo-se dessa experiência. É, pois, dessa maneira, que a neta aprendia muito mais do que quando os ensinamentos eram transmitidos com mais rigidez.

Nos depoimentos das netas transparece que nem sempre a avó tinha paciência em ensinar, e demonstrava na prática, fazendo do jeito como ela queria:

E ela era muito rígida neste aspecto, ela ensinava a gente a fazer, ela pedia pra gente varrer e se não varria direito ela pegava a vassoura e falava assim, 'Vem aqui, olha vem ver como é que se varre.

Ah! já era direto. 'Não, não é desse jeito, desse aqui', ela não escolhia muito não, mas falava, era direto. (Cristina, neta)

Tendo confiança na experiência, as avós não tinham rodeios para ensinar, falavam diretamente o que queriam e demonstravam, na prática, a forma correta de fazer.

Assim, dar exemplo de como se faz, passa a ser outra estratégia utilizada pela avó para ensinar as netas. Sobre transmissão da cultura, Linton explica:

Sua legítima transferência de indivíduo para indivíduo, ou de geração para geração, só pode ser feita por meio de contatos pessoais.²⁹

No cotidiano da relação da avó e netas, a avó vai moldando e contribuindo para o desenvolvimento da personalidade da neta:

Fazendo, basicamente fazendo. É a ação dela, é a forma que ela conversa com o filho, que a gente presencia, a forma como ela trata um empregado, a forma como ela faz o serviço da casa dela. Então eu acho que é bem isso, o exemplo de vida; não existia essa coisa de discurso, de oratória pra gente, mais é pela vida dela mesmo. (Mary, neta)

²⁹ Linton. p; 320, 1953.

Assim, o exemplo de vida transmitido pela ação, fez com que a neta aprendesse com a avó no ambiente da casa, onde a avó tinha liberdade de colocar sua opinião no que achava certo ou errado:

Muitas coisas a gente via como ela fazia, dentro de casa, e a gente foi também aprendendo com ela. Outras coisas foram colocadas como: eu vejo isso como certo, eu vejo isso como errado e a gente foi absorvendo isso. Agindo, ela agia muito quando ela falava. (Luciana, neta)

A ação ligada à linguagem representava a unidade básica na relação avó e neta. Falando e agindo a avó transmite para a neta com êxito os seus significados aprendidos durante a vida. Aqui podemos considerar uma inter-relação entre o mundo das avós e das netas e a sociedade em que elas viviam.

Ralph Linton, ao falar sobre a linguagem deixa claro o valor desta construção da herança social humana. A linguagem permite a transmissão fácil e exata de idéias. Sem a linguagem, a cultura, como conhecemos, nunca teria nascido. É, pois, através da linguagem que:

Os homens podem transmitir uns aos outros uma idéia clara das situações não atuais e do comportamento adequado a essas situações, o que torna possível um enorme acréscimo ao conteúdo da herança social. A criança e o adolescente podem aproveitar da experiência total da geração anterior e preparar-se tanto para os acontecimentos incomuns quanto para os comuns.³⁰

Através da linguagem, as avós contavam histórias de suas vidas, das famílias, e, com isso, ensinavam as netas. Bosi, explica:

³⁰ Linton, R. *O homem; uma introdução à antropologia*, 1953.

“A arte da narração não está confirmada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam”.³¹

A própria história de vida da avó torna-se um exemplo eficaz para transmitir a herança cultural da família para a neta, e transforma-se na experiência da neta também:

Sempre contando histórias sobre as histórias, por exemplo. Só dela contar as experiências dela, você vai adquirindo, aprendendo as coisas, sempre fica alguma coisa, por exemplo, quando ela era moça que ela namorava.

Ela ensinava mais através das histórias que ela contava da mãe dela, da minha mãe e o que ela conta ainda hoje. (Sandra, neta)

Contando histórias, mostrando com exemplo, isto é, demonstrando na ação, tendo segurança na experiência de vida, brincando, ou mesmo só pelo contato no dia-a-dia com as netas as avós foram ensinando e se diferenciando das mães das netas:

Os pais sempre ensinavam as coisas mais correndo, porque tinham a venda. Então a mãe tinha que cuidar do serviço dela, então ela ensinava as coisas mais correndo prá gente, agora a avó, não. Quando a gente ia lá, o tempo dela era dedicado prá gente. Então acho que dava mais tempo dela ensinar, entrar em detalhes. (Isabella, neta)

Para algumas pessoas de idade o tempo disponível passa a ser vivido como “tempo de solidão” e inutilidade, para as avós entrevistadas esse tempo traz uma vantagem no relacionamento com as netas e é aproveitado para transmitir seus ensinamentos com maiores detalhes. Nesse grupo específico as avós se sobres-

³¹ Bosí, p. 43, 1979.

saem em relação aos pais, que sempre estão ocupados com seus trabalhos.

A avó, além de maior tempo disponível, ainda tinha com ela a experiência de vida, que fortaleceu ainda mais a sua relação com a neta:

O que fica é muita aquela questão assim da avó ser uma pessoa experiente. Então é claro que a gente sentia que quando o meu pai e minha mãe falavam eram respeitados, a gente acreditava, mas a gente via assim na avó aquele lance da experiência. Como ela era mais velha, como ela tinha vivido já, passado por muitas situações, então eu acho que era mais ou menos por aí a diferença que eu sinto entre meus pais e minha avó. É o lance da experiência mesmo, de idade, de tempo. (Sandra, neta)

A experiência é tomada como um recurso importante, que a avó tem para ensinar e ganhar espaço na relação avó e neta, pois com a experiência ela ensina com mais facilidade:

Ela sempre ensina você de uma outra maneira, de uma maneira mais prática; eu acho mais real assim, porque os pais realmente querem impor uma coisa que na verdade não fizeram e a avó, acho que pela experiência, ela passa alguma coisa assim mais sólida, experiência de vida mesmo. (Eduarda, neta)

A experiência da avó dá condições a ela de representar a realidade das coisas, isto é, mostrar o real, para as netas, daquilo que está sendo ensinado. Isso ocorre à medida em que a avó já vivenciou o que está transmitindo, o que geralmente não ocorre com os pais. Desse modo, as netas sabem distinguir as maneiras de transmitir as práticas: as vivenciadas e aquelas que soam apenas como discurso. A experiência da avó revela o que a neta quer saber:

Os pais ensinavam mais dentro das normas, de uma forma mais rígida e ela ensinava passando experiência, uma coisa mais de vivência mesmo, uma coisa mais espontânea. Eu aceitava mais o que minha vó falava, talvez pelo conflito com meus pais, e não aceitava tanto a experiência dos pais, como a da avó. (Talita, neta)

O conflito que existe entre pais e filhos, muitas vezes, vem da exigência dos pais em ensinar dentro das normas que a sociedade impõe coisas que, às vezes, eles ainda não vivenciaram. Dessa maneira, a liberdade dos filhos fica controlada. Nessa visão, arriscamo-nos a dizer que ao se tentar dirigir o comportamento do ser humano com regulamentos e restrições excessivamente rígidos, ele tende a reagir praticando infrações em vez de obedecer.

É interessante considerar que tanto as avós quanto os pais são mediadores dos valores da sociedade mais ampla a um grupo específico. Porém, cabe ressaltar que enquanto os pais estão no processo de construção da vida e da família, as avós, estão em outra fase de vida. Desse modo, a interação com as netas se dá de maneira diferenciada. As avós não exigem destas respostas imediatas, quando se trata de passar valores, experiências. Nesses momentos, se insinuam sutilmente, contando histórias da própria vida e outras táticas. Ao transmitir ensinamentos práticos, os fazem muitas vezes brincando ou de forma objetiva, ensinam fazendo.

A possibilidade de dedicar às netas mais atenção por disporem de um maior tempo, pode fazer com que as netas se sintam menos “controladas” e atendam às orientações das avós com mais flexibilidade.

O fato de as avós serem mais velhas que os pais, e demonstrarem suas experiências de vida através das ações e discursos, marcas de comportamentos tradicionais, principalmente em rela-

ção aos costumes da época, faz com que as netas jovens possam, muitas vezes, questioná-las, estabelecendo comparações entre os pais e as avós, por intermédio da diferença de idade em relação a novos valores da época em que viveram:

É, os pais assim porém, são mais modernos, não são aquela coisa mais antiga, mas com relação, por exemplo, à minha avó, eu acho que de tudo eu sempre tiro proveito de alguma coisa, sabe? A diferença eu acho, por exemplo, às vezes eles têm pensamentos mais avançados, mais modernos, enquanto minha avó já é mais antiga um pouco. (Lourds, neta)

Muitas vezes as avós exigem que os costumes antigos sejam mantidos. Nesse caso a neta faz a comparação da avó com a mãe:

Sempre marcou muito a diferença de atitude; a mamãe sempre foi uma pessoa muito mais carinhosa pra passar as coisas e a vovó sempre foi mais rígida. Eu acho que a gente via a mamãe muito mais maleável, você entende? Era mais flexível, vovó, não. (Vera, neta)

Cumpre evidenciar neste momento as contradições dos discursos de algumas netas. Se, por vezes há aceitação na maneira de receber os ensinamentos das avós, por outras, as avós estão em desvantagem em relação às mães, sofrendo discriminação em função da idade e da própria educação que receberam.

Contudo, nosso estudo revela o respeito dedicado aos mais velhos. Esse fato ficou comprovado através dos depoimentos tanto das avós como das netas, analisados por nós em momentos anteriores. Essa particularidade, nessas famílias de descendentes italiana, também determina a maneira da avó transmitir a herança cultural. Sobre essa observação uma neta comenta:

Não é que a gente não queira ter respeito com os pais, é que a gente sempre tem um pouquinho mais de respeito pela vó. Mais respeito ainda.

Não sei se é porque todos dizem, mas sempre minha mãe falou: 'Olha tem que respeitar os mais velhos', e isso é ensinado nas famílias, hoje em dia acho que não, mas na minha época da infância eles falavam isso. Quando a minha avó falava, às vezes podia até engolir meio torto, mas tava falado. (Cristina, neta)

O respeito aos mais velhos, muitas vezes, faz a neta aprender, mesmo que não aceite os ensinamentos da avó. Com isso, além de estar aprendendo o que a avó ensinava também estavam dando continuidade à tradição do respeito aos mais velhos.

Dentro desse quadro de características da relação avó e netas no processo de transmissão de valores e costumes das famílias de descendência italiana, as avós geralmente não pedem autorização para os pais das netas para ensinar, por vários motivos:

Ela sempre me ensinou as coisas certas, ela achava que era certo, ela achava que ela não precisaria pedir autorização e meus pais também sempre deram liberdade pra ela fazer o que quisesse com relação a nós.

Porque ela tinha liberdade de ensinar assim, independente de meus pais. (Eduarda, neta)

Assim, nessas famílias de descendência italiana, o respeito aos mais velhos é uma tradição e a autorização para a avó ensinar está legitimada pelos membros, na relação entre pais e avós. As avós não precisavam pedir aos filhos autorização para ensinar os netos, em alguns momentos recebendo reforço da própria filha:

A mãe falava: 'tá vendo, sua vó tá falando.' Então ela dava mais força. Era pras duas ao mesmo tempo, querendo ensinar, forçava, até era gozado. (Talita, neta)

Contudo, nem sempre a aceitação é total, muitas vezes essa liberdade traz tensões na relação avó e mãe:

Eu acho que minha vó até exercia o domínio sobre minha mãe. Apesar que as vezes eu via coisas conflituosas entre elas em alguma explicação, a mamãe decidia. (Vera, neta)

As avós, muitas vezes, sabendo que exercem um domínio na família, e tendo certeza do que ensinam, fazem-se valer do espaço conquistado:

Existe um ambiente propício, favorável aos ensinamentos da vó: não tem melindres mesmo, e a vó favorece muito pra família inteira. Existe assim uma habilidade muito grande da parte dela.

Eu acho que ela sentia segura de que ela tava fazendo a coisa certa. (Mary, neta)

De posse da experiência de vida, com certeza do que querem ensinar e com o consentimento da maioria dos pais, as avós desempenham o papel de avó e a representação do papel de mãe também:

Sempre foi dela, ensinar o que é dela né, se tava certo, tava certo, se tava errado também, ela falava o que queria ensinar e acabou, não tinha colher de chá. Eu acho que ela se sentia no lugar de mãe. Ela assumia o papel de mãe, assim totalmente. (Sandra, neta)

Neste momento da relação ensino e aprendizado, percebemos que a avó assume o papel de mãe e impõe o que quer ensinar, com autoridade.

Entretanto, mesmo que a maioria das avós enfatizem, em seus depoimentos, que não tinham nada a aprender com os netos porque elas já sabiam de tudo, na prática, as avós também aprendem com seus netos:

A gente aprende depois de velha, se eu morresse há um tempo atrás não aprenderia tanto que eu estou aprendendo agora porque o que a

gente vê, o que a gente escuta, tudo que se passa, eles contam pra gente.
(Irani, 66 anos)

Vivendo numa realidade diferente daquela em que foram criadas, as avós, hoje, aprendem coisas que elas mesmas não pensavam que pudessem aprender. Mesmo com a idade que têm, as avós percebem que a vida está lhes ensinando coisas novas.

A socialização sendo um processo dinâmico e recíproco, afeta não apenas o indivíduo socializado, mas também os socializantes. Através da relação face a face, avós e netos, as avós também se modificam. Sobre essa questão, Berger nos fala: “... esta interiorização da sociedade, da identidade e da realidade não se faz de uma vez para sempre. A socialização nunca é total nem está jamais acabada”.³²

Dessa maneira, uma outra avó confirma:

Aprendi. Tem coisas que a gente não sabia e fica sabendo, muita coisa que eles estudam, que a gente não sabe. Eles aprendem com a gente, mas a gente também aprende com eles. (Adelina, 72 anos)

Vivenciando uma experiência diferenciada das avós, as netas compartilham com elas os conhecimentos adquiridos na socialização secundária, procurando transmitir às avós o que aprendem no mundo lá fora:

Às vezes eu falo uma coisa que não está certa, ele me corrige. Eu acredito, porque se ele corrige eu penso e vejo o que está errado.

³² Berger, p. 184, 1973.

A gente aprende sim, mesmo na leitura, alguma coisa que eu tenho dificuldade eles ensinam, na leitura mesmo, escrever às vezes... porque a leitura de hoje é diferente, então muita coisa eu recorro a eles, para escrever. (Tereza, 67 anos)

A escrita foi sempre uma das dificuldades apresentadas pelas avós, pois a maioria não tivera oportunidade de aprender a ler e escrever. E, com o passar dos anos, mesmo as que sabiam ler e escrever, às vezes recorriam aos netos. Com isso, elas aceitam as interferências dos netos.

Com as transformações na sociedade, de tradicional à moderna, a realidade dos netos hoje é diferente das épocas quando as avós aprenderam determinados valores. E, por mais que eles gostem de seus avós, muitos não aceitam os valores antigos. Os comportamentos e conversas sobre sexo, hoje em dia, são os que mais chamam a atenção das avós, e é nesse particular que ficam mais evidentes os conflitos:

É a pouca vergonha. Não é certo? Nem uma avó nem avô, nem uma mãe, nem um pai, não quer a pouca vergonha. E hoje é o que não falta! Que nem agora, não se respeitam mais. Antigamente um moço prá pegar na mão de uma moça ele precisava muito tempo. Hoje, não. Se ele olha na cara dela hoje, amanhã já estão aí... Eu falo o que é... Eu não adoto isso, mas quem que obedece isso hoje? Ninguém. (Francelina, 85 anos)

As preocupações com os valores sobre sexo, nos tempos apontados pelas avós, não eram motivos de conversas e os comportamentos dos namorados, não chocavam as pessoas. Com as transformações da sociedade, também vieram novos comportamentos em relação ao sexo, que desagradam as avós; pois estas foram criadas dentro de um regime bastante rígido. Mesmo que elas

digam não aceitarem os novos valores sobre o sexo, elas sentem que hoje é bem diferente da sua época, e nas conversas com os netos, acabam aprendendo coisas que nem pensavam em aprender:

Ah, eu aprendo aquilo que eles falam, do que se passa sobre estas coisas... eu ouço e falo: puxa vida! depois de velha eu estou aprendendo estas coisas de sexo. (Amália, 77 anos)

O preconceito que permeia nossa sociedade em relação ao sexo discrimina e exclui as pessoas idosas, tanto de continuar discutindo tais questões de sexo, como de participar normalmente da vida sexual. Porém esta concepção não está presente em todas as sociedades. Nas sociedades de organização tribal estudadas por Seeger³³, por exemplo, é comum os idosos conversarem sobre sexo e até transmitir os significados deste, no ritual de passagem, quando da iniciação dos mais jovens para a vida adulta.

As avós percebendo que hoje, passar determinadas tradições culturais da família é difícil, descobrem que não adianta insistir. E, o outro conflito que se estabelece entre as diferentes gerações é a questão da religião:

Eu pouco transmiti sobre a religião para os meus netos, porque eles não aceitam, e, olha! Não dá. É muita coisa que você fala e eles não aceitam. (Isabel, 68 anos)

Assim determinados temas geram tensões na relação avós e netos, quando as avós querem que os netos aprendam os significados dos símbolos que para elas têm importância, mas para eles não.

³³ Seeger, A. *Os índios e nós: Estudos sobre sociedades tribais brasileiras*, 1980.

A religião, a fé em Deus foi que contribuiu para a força interior das avós, e que deu o sustentáculo para enfrentar todas as adversidades que encontravam. Seus netos, vivendo a outra realidade, na qual tudo já está “mais fácil”, não aceitam esses valores religiosos.

Os meios de comunicação e a tecnologia contribuíram para os novos sentidos das coisas. A realidade de hoje é outra; muitas vezes as avós querem que os netos façam como elas, mas não conseguem o que desejam:

A gente gostaria de ensinar como a gente fez. Como os antigos faziam tudo. Mas não adianta, não vão atrás disso. Eu me sentiria feliz se a gente falasse e eles pegassem, mas não pegam isso. A gente gostaria que eles não fossem que nem agora, mas eles são. (Vicência, 65 anos)

Na medida em que os netos crescem e participam de outros grupos, suas opiniões vão se estruturando e eles passam a discordar das avós. Esse fato deixa a avó aborrecida, porque percebe que seus netos estão mudando e opondo-se aos seus valores:

Eu me sentia bem. Eles ficavam ouvindo, porque eu achava que eles estavam gostando, e talvez lá por dentro não gostavam. Porque hoje é bem mais difícil, mas eu me sentia bem, quando falava alguma coisa para a criança que ela entenda, porque hoje a criança já é sabida, tudo entende. É isso aí. É muito a diferença, antigamente a criança era simples, agora hoje não, tudo é difícil. (Tereza, 65 anos)

Observamos que na interação entre diferentes gerações, os valores e as práticas são aprendidos e passados, no cotidiano. Mesmo que os conflitos estejam presentes nessa relação, os hábitos, costumes e valores vão se corporificando em rotinas e se tornando a essência da cultura dessas famílias.

As transformações, ocorridas com certa rapidez na sociedade maior, não chegam a romper com todos os valores tradicionais na família, que a passos mais lentos, consegue equilibrar as inter-relações familiares. Dando com isso, tempo para que os avós, e outros familiares de maior idade, recriem seus hábitos, costumes e sentimentos, ou ainda, conflituam sempre com os mais jovens.

PROJETO DE VIDA DAS NETAS: O DESEJO DE SEREM AVÓS, COMO SUAS AVÓS

Falar do desejo das netas em serem avós, como suas avós, é reforçar as discussões sobre o significado de modelo, ou padrões culturais, é também, entender sobre ações e significados nas relações familiares do grupo estudado.

Ao abordar os modelos ou complexos de símbolos Geertz (1978),³⁴ explica que o símbolo é usado pelas pessoas, de diferentes maneiras. Para alguns é usado para qualquer coisa que signifique uma outra coisa. As nuvens escuras, por exemplo, são avisos de uma chuva que vai cair. Em outras ocasiões, o símbolo é usado apenas em termos de sinais explicitamente convencionais de um ou outro tipo. O autor menciona, como exemplo, também, que uma bandeira vermelha é um símbolo de perigo, uma bandeira branca, já significa rendição. Para outros, ainda, o símbolo, limita-se a algo que expressa de forma ambígua e figurativa aquilo que não pode ser afirmado de modo direto e lateral, ou seja, os símbolos existentes na poesia. No entanto, ele é usado para qualquer objeto,

³⁴ Geertz, C. *A interpretação das culturas*, p. 105, 1978.

ato, acontecimento, qualidade ou relação servindo como vínculo a uma concepção, como, por exemplo, a cruz. Assim, “a concepção é o significado” do símbolo (GEERTZ, 1978).³⁵

Assim, os símbolos, são abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis. São incorporações concretas de idéias, atitudes, julgamentos, sentimentos ou crenças. Os atos culturais, a constatação, apreensão e utilização de formas simbólicas, são acontecimentos sociais como quaisquer outros, e são tão públicos como o casamento, e tão observáveis como a agricultura, o que os diferencia é a dimensão simbólica de cada um.

A importância dos símbolos é a representação das fontes extrínsecas de informações, isto é, estão fora dos limites do organismo do indivíduo e, como tal persistem após a morte deste. Os símbolos são “fontes de informações” por fornecerem um diagrama ou gabarito em termos do qual se pode dar forma definida a processos externos a eles mesmos. Assim, padrões culturais fornecem programas para a instituição dos processos social e psicológico que modelam o comportamento público. Nesse sentido, o comportamento humano ressent-se de informações intrínsecas, e as fontes extrínsecas, isto é, os padrões culturais passam a ser vitais.³⁶

Durham, ao tratar de modelo ou padrões culturais, o faz de modo diferente de Geertz, nos alertando que : perceber a cultura como instrumento construído para agir no mundo, é conceber a ação culturalmente padronizada como simples objetivação das nor-

³⁵ Ibid., p. 105.

³⁶ Ibid., p. 105.

mas ou da estrutura, isto é, seguir fielmente o modelo para alguma ação ou sentimento, que este esteja ou não presente. Nesse sentido, cai-se, necessariamente, no idealismo e no formalismo e perde-se a riqueza da perspectiva etnográfica, na qual se apreende que o significado é indissociável da ação transformadora do homem.³⁷

Se, de um lado as discussões de Geertz evidenciam a concepção de modelo e a sua importância para o comportamento humano, de outro as reflexões de Durham supõem o modo como a cultura é produzida, sugerindo-nos a integração entre a ação e a representação na compreensão das encenações de diferentes personagens sociais que vivenciam uma determinada realidade a qual lhes faz sentido. Daí as diferentes dimensões num modelo. Desse modo, a autora ressalta o processo de ação ligada à significação na prática humana.

É, pois, dentro dessa perspectiva de análise que procuramos compreender e interpretar as representações das netas, nossas entrevistadas, em relação aos seus projetos de serem avós no futuro, associando a transposição do modelo de avó para as netas, a partir da referência do papel daquelas que são avós. O que pretendemos, assim, é ressaltar o significado do vivido concreto.

As colocações de Durham, sobre modelos de família em nossa sociedade, nos chamam a atenção também, para a importância de se distinguir três tipos de problemas, quanto os modelos de família. Em primeiro lugar, o da expressão modelo de família e o de sua elasticidade. Em segundo, a emergência de modelos

³⁷ Durham, E. *Cultura e ideologia*, p. 74, 1984.

alternativos. E, por último, o desaparecimento da instituição família como tal.³⁸

Em relação ao modelo de avó, percebendo que a vida social é organizada através de regras culturalmente elaboradas, percebe-se que pode existir variações de modelos de avós, os quais são criados e recriados a partir de um modelo associado aos códigos da sociedade mais ampla. Porém, conforme a realidade vivida, a prática social, esse modelo pode adaptar-se ou transformar-se, ou ainda desaparecer, como grau de parentesco em relação ao papel de avó. Nesse último caso temos o exemplo das avós que assumem o papel de pais dos netos quando aqueles morrem ou em outras circunstâncias variadas.

Entender o processo da transposição do modelo de avó “tradicional” para as netas, assim como os significados que acompanham a permanência desse modelo de avó nessas famílias de descendência italiana é, para nós, fundamental, no estudo do espaço político da personagem avó na dinâmica familiar. A importância da experiência de vida das mulheres idosas entrevistadas, desempenhando o papel de avó fica evidente. Nesse sentido, o modelo de avó dessas avós é visto pelas netas como uma construção social, a partir de determinadas realidades, vividas pelas suas avós. Foi espelhando nas avós que as netas construíram os significados de serem avós.

Ao voltarmos os olhos ao vivido concreto, percebemos que as avós foram determinando suas próprias condutas no espaço da família, quando seus filhos se tornaram pais, ou ainda criaram regras para direcionar sua vida individual.

³⁸ Durham, E. *Família e reprodução humana*. In: Perspectivas antropológicas da mulher, 1981.

Convivendo com as avós, desde cedo, no dia-a-dia, as netas foram internalizando o modelo de avó que suas avós representavam. Um modelo tradicional, carregado de símbolos, que levaram as cinco netas casadas e as cinco netas solteiras imaginarem-se avós um dia como suas avós. Vivendo esse mesmo papel na família.

Embora as netas estejam vivenciando uma realidade diferente dos avós, pois todas estão trabalhando no mundo público, cumpre ressaltar as observações de Durham, quando fala que o modelo tradicional de divisão sexual do trabalho estipula que o trabalho remunerado é função do marido, chefe da família, que provê seu sustento. Cabe à mulher a responsabilidade pelo trabalho doméstico e socialização das crianças. Apesar disso, as mulheres sentem-se cada vez mais forçadas, ou motivadas, a buscar ocupações remuneradas dentro e fora de casa. Na medida, entretanto, que essa ocupação é definida como ajuda ao marido, e, portanto, subordinada e meramente complementar no que diz respeito à manutenção da casa, preserva-se integralmente a validade do modelo tradicional, que, assim, conserva totalmente sua força na definição da posição da mulher na sociedade.³⁹

Assim, a persistência desse padrão tradicional de avó, está ligada ao modelo tradicional de mulher, ainda existente em nossa sociedade. Como bem lembra Durham: “Os padrões culturais sobrevivem na medida que persistem as situações que lhes deram origem, ou alteram seu significado para expressar novos problemas”.⁴⁰

³⁹ Durham, E. *A dinâmica cultural na sociedade moderna*, p. 13, 1977.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 13.

Mesmo que as netas estejam vivenciando uma realidade na qual há novas experiências de tempo e espaço, diferenciando-se do modo de vida experimentado por suas avós, não se percebe o rompimento brusco, desse modelo tradicional de avó. O que se verifica, portanto, é o significado das ações e concepções que as avós transmitem para as netas, ou seja, a força política dessas personagens, à medida em que ocupam um espaço na família e na sociedade, sendo reconhecidas e valorizadas, tanto como avós como enquanto mulheres. Com isso, queremos sublinhar a criação de um espaço de “arbítrio” e de manobra, que se opõe e caminha paralelamente às relações sociais impostas por um sistema controlador de poder que determina espaços, quer para jovens quer para idosos.

Essas observações levam-nos a sugerir que as netas darão continuidade ao modelo de avó e garantirão, no presente, o espaço político das avós na família, bem como os seus próprios espaços, quando também forem avós.

Por essas razões é que as contestações ao modelo tradicional representam a aplicação maleável do desempenho do papel de avó, que a realidade de hoje já vai mostrando para as netas. Assim, as circunstância levaram-nas a reformular em parte, o modelo tradicional de avó, onde os significados de trabalho, amor, família, respeito aos mais idosos, firmeza de caráter, religião, fazem parte dos símbolos que determinam o modelo de avó que as netas imaginam tornar-se um dia. Símbolos estes que têm significados altamente valorizados pelas netas, como mulheres que são, vivendo em nossa sociedade.

Esse tipo de modelo de avó, é demonstrado pelos depoimentos das netas, que em alguns casos se assemelham aos depoimentos das próprias avós, a neta comenta:

Ab, porque, não sei, agora é lógico que eu pretendo me casar, ter filhos, depois, eu acho que é continuação, porque se eu tiver um filho e ele não tiver outro filho, quer dizer que prá quê? Morreu ali a semente? É como se ele fosse a continuação da minha vida. (Sandra, neta)

A prática social que implica no modelo tradicional de avó, o qual está intimamente ligado aos símbolos do casamento, da família e da mulher. Estes são valorizados pelas netas e se constituem como expectativas em seus projetos de vida.

Associado à expectativa de ser avó, vem também o projeto de se casar, constituir família e ter filhos. Dessa maneira, o padrão cultural tradicional de avó, está ligado, principalmente, ao modelo de mulher que a sociedade maior passa para as mulheres-netas.

A interação entre as entidades: casamento, família, mulher, fortalece o modelo de avó tradicional, e dá às avós a experiência de vida que as netas querem experimentar um dia, é o que fala uma neta:

Eu pretendo ser avó, porque eu gostaria de viver esta experiência. Mesmo ser mãe, ser avó. Eu acho que toda mulher quer isso, toda mulher sonha com isso. (Talita, neta)

Além de querer viver essa experiência, as netas casadas também aspiram poder desfrutar maior tempo com os seus netos, quando forem avós, pois elas sentem que não estão dando a devida atenção para seus filhos. É o que fala uma neta casada:

Ah, pretendo! E como! Eu acho que é uma continuidade da vida. Eu acho que ter filho, neto, bisneto, você está continuando, vem vindo outras pessoas após você. E mesmo esse estilo de avó – que é minha mãe, minha avó, que gostoso que é curtir, eu vejo como elas curtem netos. Então eu acho que deve ser muito gostoso ser avó!. (Mary, neta)

As netas, nossas entrevistadas, demonstraram em seus depoimentos como projetam seu futuro; baseando-se na figura da avó, que é o espelho para a sua idade madura. Com isso as netas projetam suas vidas em família, e vêem a continuidade de suas vidas através de seus netos.

É importante salientar que o tratamento das avós no que se refere ao amor e à afetividade, encarados como “puros”, e “mais intensos” sugerem interações contrárias daquelas vivenciadas num tempo e espaço do mundo da rua, onde os significados são outros e implicam as relações de cunho mais impessoais.

O modo das avós se relacionarem com as netas garante o seu lugar na família e ainda, fazendo com que se valorize o espaço da casa e a construção de um tipo de relação social de caráter pessoal.

Essa prática social vivenciada pelas avós, torna-se, então, o modelo que as netas têm como desejo de viver a experiência de avós, nos seus comentários, elas dizem:

Se Deus quiser vamos ver, pretendo ser avó. Eu acho que é uma experiência, porque eu pretendo ter filha e quero ser avó, e quero ser avó como minha vó foi... sabe, porque eu acho uma experiência nova. (Cristina, neta)

Eu acho que eu quero ser avó, prá passar essa experiência, que a minha vó passou, eu acho que é aquela história de colo sabe, que criança precisa e que minha vó deu. Os meus pais me deram, mas minha vó me deu

muito mais do que os meus pais. Ela dava colo, e eu acho que colo é a coisa mais aconchegante e eu gostaria de aconchegar a criança como avó, como avó também. (Eduarda, neta)

Os depoimentos demonstram, de um lado, que as solteiras preocupam-se com o casamento e a oportunidade de ter filhos, portanto, em constituir uma família; de outro, é possível perceber a preocupação das netas casadas no que se refere à preservação da família. Nesse sentido, podemos perceber os planos de terem filhos e netos no futuro. Com isso já se imaginam sendo mães novamente, quando receberem os filhos de suas filhas, isto é, seus netos:

Pois é, fico pensando no ano 2000, minha filha vai estar com 20 anos. Será que ela vai casar? Será que ela vai ter filhos? Será que vou chegar a ser avó? Ela me cobra mais um filho, um irmão. Então eu falo prá ela: quando você crescer, vamos cuidar juntas de seu filho!. (Rita, neta)

Na expectativa que a filha venha atender a ordem “natural” que a sociedade maior impõe à mulher, como casar e ter filhos, a neta casada também se inclui nesse projeto, desejando ser avó e poder participar o projeto da filha.

Para outras netas, o amor que os netos dedicam às avós, indicam os pontos principais que as fazem sentir vontade de ser avó, iguais as suas avós:

É claro que eu gostaria de ser tão amada e respeitada quanto a minha avó é, por nos e pelos bisnetos. Ah! Eu acho que exatamente por isso, eu gostaria de ouvir que os meus netos pudessem falar que eu sou uma pessoa da mesma forma que eu me dirijo a avó, com respeito, com amor. Assim, falando muito bem dela. (Talita, neta)

O espaço que a avó soube conquistar na família, é desejado pela neta, pelo respeito que sua avó recebe de seus descendentes. Dentro dessas colocações podemos perceber como as mulheres-avós garantiram um espaço, não só para elas próprias mas, também às futuras mulheres-avós na família, na medida em que as netas já estão projetando serem avós, do mesmo modo que as suas avós, pois aprendem com elas o modelo a ser seguido.

Dessas observações, podemos sugerir que enquanto em determinadas famílias as relações sociais presentes no modelo tradicional apresentarem-se convenientes, representando um conjunto de símbolos significantes, este permanecerá e será desejado pelas mulheres:

Eu vou ensinar para meus filho, porque eu acho que para eles também sabem, o que eu pensava da minha avó, da mesma forma que a minha mãe conta a respeito da vó dela, minha mãe também sente uma admiração muito grande pela sua vó. Então, da mesma forma que eu tenho admiração pela minha, então eu acho que isso vai passar prá frente. (Lourdes, neta)

Assim, à medida em que as avós emergem enquanto atores políticos, ocupando um espaço na família, as netas também se antevêm conquistando, no futuro, esse mesmo espaço.

Contudo, ser avó igual a sua avó implica em não aceitar tudo como a avó aceita na família. E isso a neta reconhece que é difícil, pois a modernidade vem transformando as relações familiares. Com isso, a neta, desde já, se inquieta, refletindo como poderia estar adaptando o modelo de avó, que tanto admira:

Vai ser difícil ser igual, mas pelo menos cinquenta por cento eu quero aprender. Porque o que ela passa para nós e ensina em termos de ter a família unida, hoje é difícil, a gente tem que engolir muita coisa que

não quer, que está errado. Como ela tem vivência, sabe que aquilo que está sendo feito pelos mais novos está errado, mas, às vezes, para não chatear e não ter os filhos longe, ela está ali do lado, para a família estar sempre reunida e unida. Então, ela abaixa a cabeça; eu quero abaixar um pouco, pelo menos, pelo menos um pouquinho do jeito que ela abaixa. (Mary, neta)

As experiências de vida que as avós detêm, embora influenciem os comportamentos das netas, não impedem a inclusão de novos valores que vêm atingindo a vida familiar moderna. Com isso, podemos detectar uma base de valores tradicionais coexistindo com a infiltração de novos comportamentos implícitos na dinâmica cultural, em que há a criação e recriação de relações sociais em determinados contextos. A neta já prevê que 50% ela vai querer manter.

As netas demonstram o modo como insinuam esses valores tradicionais, bem como exprimem a habilidade em conviver com situações que ela pode resolver. Expressam ainda as sutilezas em lidar, em determinados momentos, com as atitudes e idéias que não compartilham, minimizando as possíveis tensões que poderão colocar em risco o espaço e a posição que conquistaram na família.

Essas observações permitem-nos dizer que a neta possivelmente agirá desse modo buscando ver a família unida. Assim, a neta percebe que se conseguir fazer pelo menos metade do que a avó faz, ela também vai ter o seu espaço garantido, e também conseguirá atingir seus objetivos como mulher-avó.

Outro aspecto que vem determinar o modelo de avó que as netas almejam ser um dia, está ligado à atitude maleável, que as

avó entrevistadas procuram ter na relação com os netos, dando às avós uma característica diferente:

Gostaria de ser igual a minha avó, no aspecto desse canal livre que existia, eu acho que é isso. Para mim, ela foge daquela coisa de vó ranzinza, chata. Ela soube ser uma avó mais companheira, mais amiga. (Rita, neta)

Ser amiga significa não implicar com os assuntos dos mais novos, são essas as atitudes que as netas querem imitar de suas avós.

Nem sempre todas as atitudes e valores das avós agradam as netas, existem questões que as netas pensam em modificar, expressando alterações no modelo que as avós transmitiram. Uma neta casada, explica:

É difícil, porque você tem que viver a situação para você dizer. Mas, eu não tenho porque não ser igual a minha avó, mas eu tenho que mudar alguma coisa, eu tenho alguma coisa da avó que eu não gosto, é na questão de interferir na educação da criança, chamar atenção, o modo como é chamada, então eu acho que certas coisas, não está certa. (Vera, neta)

O que se observa é que a avó, ao se tornar bisavó perde a sua influência direta na educação dos bisnetos, uma vez que o contato direto com estes, agora, é mais associado com as suas avós, isto é, as mães das netas.

Nessa mesma questão da educação, o que se percebe é que se as mães das netas aceitavam a interferência das avós na educação de seus filhos, hoje essa interferência, na educação dos bisnetos, perde a força, pois as netas também já criaram o seu universo de símbolos que têm um significado diferenciado para elas, com relação à educação de seus próprios filhos.

As avós, ao transmitirem suas experiências de vida, difundem valores às netas, e geram, muitas vezes, conflitos com estas e com a família como um todo. Nas concepções dos bens materiais e suas aplicações, as tensões que expressam vivências e pontos de vista diferentes, também aparecem de modo acentuado:

Olha, só não vou querer ser como ela, nas questões de dinheiro. Também, não sei se meu avô influenciou um pouco; então ela está assim muito segura, não quer gastar. Então eu acho que nesta idade que ela está hoje é diferente; quando ela era mais nova ela era mais solta, então nessa fase eu não vou ser igual. Se eu tiver essa condição que ela tem hoje eu gostaria de dar muito mais pros netos. Para mim é indiferente, mas ela é vó, um presentinho e uma coisa e outra. Porque criança gosta, e ela tem netos pequenos, bisnetos e, hoje ela é mais segura. Ela acha que vai dar, deixar, eu acho que ela não deveria ter essa preocupação.
(Lourdes, neta)

Para esclarecermos essas observações é necessário pontuarmos a trajetória de vida das avós e a situação que vivenciam no momento. Se de um lado, o fato da avó “ser segura” e “não querer gastar” sugere a preocupação em deixar de reserva algumas economias para situações inesperadas. De outro, significa, também, o modo de se sentirem independentes dos filho e netos. Ainda, essas economias representam os anos de esforços e trabalho, isto é, o resultado do investimento das avós. Pois, as avós não mantiveram ligações diretas com um mundo público mais amplo, deixando de desempenhar atividades remuneradas. A pequena quantia de dinheiro, geralmente, guardado nas cadernetas de poupança é fruto do trabalho seu e do marido, somado às poucas quantias recebidas das casas de aluguel.

Embora as avós tivessem contribuído para formar o patrimônio do casal, as suas economias são percebidas como bens, cujo

esforço em adquiri-lo é atribuído à figura dos homens, isto é, seus maridos. Mesmo que os rendimentos tivessem ficado, desde tempos atrás, sob a administração da mulher, agora a avó, as decisões quanto ao consumo são tomadas pelo casal. Sendo assim, a relação da avó com os bens materiais está, portanto, vinculada a um estilo de vida de pequenos sitiantes, vivenciado no passado, e a uma divisão sexual do trabalho, em que à mulher cabia uma maior responsabilidade com os afazeres da casa (embora ela tenha auxiliado o marido na roça). Nesse sentido, a avó não tinha os seus rendimentos de maneira independente e sua concepção quanto ao uso deste, está ainda associada à maneira como vivenciou a questão do poder e da autoridade no mundo da casa.

As netas, por outro lado, conhecem esta questão por intermédio do espaço que conquistaram na esfera pública a partir do desempenho de suas atividades extradomésticas. Assim, recebem remunerações independentes do trabalho do marido e têm a possibilidade de manejar seus rendimentos de forma que sua autonomia quanto ao consumo não fica necessariamente submetida à apreciação do marido. Com isso, supõe-se que futuramente a neta, no papel de avó, poderá encarar de outro modo os bens materiais sugerindo-nos uma outra percepção quanto à maneira de conduzir os gastos.

Cabe notar também, que as concepções dos bens materiais para as avós estão ligadas a uma forma de se precaverem com as dificuldades que a velhice pode lhes apresentar.

As pessoas mais jovens, ao contrário, têm seus interesses voltados para objetivos mais imediatos na vida.

Um outro ponto importante a ressaltar é a questão da idade avançada das avós, e a “disposição” que elas têm, mesmo com

essa idade, o que se constitui em uma referência importante para as netas:

Olha, eu acho que basicamente é esse espírito assim de disposição que a vó tem, e eu também tenho, de estar sempre pronta pras coisas, de topar, por exemplo, vamos fazer uma viagem longa, ela vai; vamos sair, ela sai; vamos lá, ela vai; vamos fazer alguma coisa prá alguém. Eu acho assim, é esse espírito de disponibilidade que eu sou parecida. (Mary, neta)

O trabalho constante na vida das avós, é ponto de referência para as netas, mesmo que as avós já tenham uma certa idade.

E, assim, as questões implícitas no desempenho do papel de avó, na família, ou ainda as questões que envolvem a idade mais avançada das avós, as tradições culturais que esse grupo de mulheres-avós, descendentes de italianos, internalizaram; refletem, na personalidade, um estilo de vida que as fazem representar modelos para suas netas:

Vou querer sim, ser igual a ela, principalmente em respeitar os outros e ter assim a mesma firmeza. Tentar ter aquela firmeza que ela sempre transmitiu prá gente, aquela segurança de pessoa e respeitando os outros. Sempre demonstrou ser firme, mas nunca deixou de ouvir os outros. Aliás, recebi dela e consegui transmitir isso pros meus filhos também. (Luciana, neta)

O modelo de mulher-avó que as netas estão interiorizando é o padrão de mulher na velhice, característico nestas famílias, o qual se caracteriza por comportamentos, tais como: a autoridade, a auto-confiança e segurança de saber o que ela quer para si e para sua família:

Acho que essa maneira dela ser, sempre levando a vida dela, assim com firmeza, não que eu me ache muito firme, mas pelo menos essa

vontade, essa intenção de estar dando confiança, firmeza, na convivência da família. (Rita, neta)

Tendo o auto-controle de suas ações na família, com a idade avançada e a experiência de vida, as avós passam para as netas as atitudes que caracterizam sua personalidade: uma maneira firme e confiante de vivenciar o cotidiano, uma vez que ela têm a certeza de que seus objetivos foram alcançados. Os descendentes aprenderam a respeitar, tanto o espaço conquistado pelas avós como os ensinamentos por elas transmitidos. Através de suas histórias de vida ressaltam a importância da atitude responsável para os atos de todos os dias. Nesse ponto, uma neta expõe o que aprendeu com a avó e como transfere isso a seus filhos:

Eu procuro passar prá elas as coisas positivas, principalmente o fator responsabilidade porque, a gente aprende desde cedo a se controlar, a respeitar o próximo. Isso a minha vó ensinou e eu procuro passar para as crianças. Isto tem que existir entre nós e os irmãos, isto eu procuro passar prá eles ensinando. (Vera, neta)

A responsabilidade vem afirmar os propósitos que a avó transfere para seus descendentes, fazendo com que ela se sinta útil no espaço ocupado na família.

Outro aspecto a considerar, são os valores transmitidos pelas avós, aos quais as netas desejam dar continuidade, diz respeito à organização do mundo da casa. As famílias entrevistadas expressam concepções que dizem como consideram uma “casa em ordem”; isto pressupõe as regras aprendidas, as quais procuram seguir:

Eu tento ensinar aos meus filhos desde cedo, principalmente na parte da organização, para não esparramar as coisas, porque são as coisas positivas que a gente aprende para ter uma vida mais fácil. A gente

tem que coletar tudo para a vida deles ser um pouco mais fácil que a da gente. (Lourdes, neta)

A organização do mundo na casa é necessário para o bom desenvolvimento e a ordem do ambiente. Esses valores de ordem prática, as netas casadas já estão passando para os seus filhos. Assim, de geração a geração as mulheres transmitem o que aprenderam sobre esse mundo que administram.

Esses valores têm um significado que marca a vida das netas. Contudo, junto à organização da casa, existem outros valores que as netas não aceitam e procuram eliminar:

O que vou aprendendo com ela, a minha filha está aprendendo comigo. Eu acho que é um processo natural. Eu já vejo a minha filha organizando os livros dela de uma forma que a vovó é. Eu estou passando justamente aquilo que eu concordo, que é ideal para mim. Porém, tem coisas da vovó, que eu não concordo e que eu não absorvi, mas tem coisas que ficou e que eu gosto, por exemplo a questão da organização tão simples do trabalho, da minha casa, coisa que eu gosto, que eu sinto bem, não que eu esteja passando, mas a minha filha está vivendo isso, ela está recebendo. (Mary, neta)

Acho que isso aconteceu sempre, às vezes, até inconscientemente a gente passa muito da gente do que a gente aprendeu da vó, dos pais pros filhos. Então, eu acho que a gente acaba assim também fazendo uma seleção, daquilo que é uma experiência positiva e negativa. Então daquilo que eu concordo com a minha vó, com a forma dela ser, dela ver as coisas é claro que eu vou passar isso e eu acabo passando isso todo dia para as crianças. Por exemplo, existe um aspecto: a avó, ela tem assim preconceitos, eu acho que isso fica muito claro, ela explica isso então, de repente esse é um aspecto que eu não vou passar pras crianças, porque eu discordo disso. Então, eu pretendo que essa transferência de experiências das coisas que eu concordo, eu vou passar e daquilo que não, possivelmente que eu não passe. (Vera, neta)

A transmissão de experiências entre duas gerações – avós e netas

Vivenciando a experiência de educar seus filhos, as netas vão selecionando os pontos que consideram positivos e vão transmitindo para os seus filhos. Nesse sentido, percebemos a permanência de determinados bens simbólicos, importantes na concepção dos elementos que permeiam a vida familiar.

A seleção dos comportamentos e concepções pelas netas corresponde ao conjunto de experiências que vivenciam no tempo e espaço, os quais se transformam. Contudo, isso não impede as netas de valorizarem o modelo da avó tradicional. Aqui podemos evidenciar as considerações de Durham quando lembra: “a existência de inúmeras exceções não significa necessariamente a contestação da regra; pode representar apenas sua aplicação maleável para permitir a solução de problemas diversos”.⁴¹

Portanto, na vida cotidiana, os modelos estão sendo constantemente redefinidos, existindo uma flexibilidade para incorporar grande número de exceções, atendendo os problemas que vão surgindo no dia-a-dia.

A unidade entre ação e significação, nas relações das avós nessas famílias, é que determina a permanência desse modelo tradicional de avó.

Mesmo apresentando algumas variações, as netas reforçam o significado desse modelo de base. E, no imaginário de serem avós, como suas avós, elas estão refletindo o que esperam em sua velhice: serem mulheres idosas-avós.

Olhando por outro ângulo, o nosso estudo apresentou reforço desse modelo de avós, nessas famílias, por estar carregado

⁴¹ Durham, p. 30, 1983.

de comportamentos relacionados à eficácia da organização da unidade familiar.

As falas das netas retratam a valorização do papel de avó, na família, podendo afirmar que a interiorização do modelo tradicional, o reconhecimento por tudo aquilo que é tradicional, vem auxiliar a condição da mulher, a condição da mulher no ambiente da casa e da família.

As netas estão aprendendo como ser avós no futuro, e seu aprendizado está relacionado com os significados do que dá sentido para suas vidas. Com isso, as netas casadas estão passando para seus filhos um modo de encarar a velhice, garantindo também seu espaço nele.

Mesmo que as netas, ainda não sejam avós, o papel de avó por elas imaginado vem pautado nas características do modelo de avó vivenciado por suas avós.

Suas ações futuras como avós, estarão ligadas às ordenações implícitas, nessas ações, isto é, essas ações terão um significado para elas e não serão simplesmente regras a serem cumpridas. Sendo assim, a figura de suas avós é presença constante. Aqui podemos nos reportar às observações de Barros quando explica:

Estar perto dos netos no cotidiano de suas vidas, acompanhar seu crescimento, emitir opiniões, mesmo que relegadas a um segundo plano, mostrar sua preocupação, são elementos sempre presentes nos discursos dos avós quando falam dos netos. É através deles que os avós estão presentes no futuro, é preciso que sua presença fique marcada nos netos.⁴²

Assim, as avós entrevistadas vão lutando e buscando a preservação do seu espaço na unidade doméstica como forma

⁴² Barros, p. 93, 1986.

de afastar a insegurança que a idade vem trazendo, garantindo também seu espaço pessoal e o respeito por parte de todos os membros da família, pela idade e pela sua história de vida repleta de experiências.

Com as netas ficou o que significou das relações com suas avós. E assim podemos afirmar que sempre serão lembradas, pela perseverância com que lutaram em manter a família unida. Com as netas estão essas marcas da continuidade delas nas suas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, nos possibilitou entender a construção e a manutenção do papel de avós, através dos conjuntos de significados que esse papel carrega com ele, nas relações das mulheres-avós nas famílias de descendência italiana em Londrina.

Ao analisarmos os depoimentos das avós e netas, percebemos que a construção do poder de controle da avó na família, vem da trajetória de vida dessas mulheres, que mesmo vivenciando um período na sociedade tradicional, souberam driblar seus familiares, e levar adiante seus objetivos, de mulheres-mães e mulheres-avós.

O estudo confirmou que a família permite a criação de um espaço de arbítrio em relação à sociedade mais ampla, e o grupo de mulheres estudado demonstrou saber utilizar-se desse espaço. A

velhice, para elas, não representa um período fundamentalmente caracterizado pelas questões do corpo e nem pelas questões da marginalidade. A velhice está relacionada com o contexto familiar, pois a trama de relações estabelecida, a disposição para o trabalho, a história da família na memória, os projetos de vida de mulher realizados, primeiro como mãe e agora como avó; fazem-nas sentir que não são “velhas”, mas capazes de contribuir participando do contexto familiar.

A importância do papel de avó, hoje, está ligado à concretização de um ideal de mulher e de vida na velhice dentro da família; o que as levam a ter orgulho em afirmar serem avós. E que por isso, nem imaginam como seja a vida na instituição asilar.

Vivendo a velhice na família, auxiliando seus familiares a tomarem decisões sobre negócios econômicos, e a enfrentarem as dificuldades do cotidiano, encorajando-os com seu exemplo de vida, elas continuam participando do mundo familiar como sujeito político, independente de sua idade. Por essa razão a velhice é encarada por elas como “velhice do espírito”.

Com esse conceito de velhice, é que as mulheres-avós encontram força para continuar lutando pela união da família e pela manutenção dos valores tradicionais familiares. Dessa forma, mesmo com a idade já avançada, elas conseguem controlar a família inteira, seja através de recados por telefone, ou ainda, contatos diretos com seus familiares. Conversando, explicando ou procurando entender as coisas que não sabem, elas vão se mantendo nas relações da família, auxiliando seus adolescentes na condução de suas vidas.

As características que permeiam as representações dessas mulheres-avós estão ligadas aos padrões culturais, relacionados com a

visão tradicional específica sobre: trabalho, amor, família, mulher, religião, casamento, os quais auxiliaram-nas a influenciar não só as relações na família, mas também a educação de seus netos, mesmo que esses valores tenham sofrido mudanças na sociedade.

O estudo com as avós e netas nos oportunizou entender como a velhice é vivida no cotidiano da família, e ainda, entender como personagens que já possuem uma experiência de vida, em virtude da idade, internalizaram significados, ainda não apreendidos pelo jovens. Esses significados deram força para que elas hoje, estejam em família.

O controle que exerciam nas famílias, era demonstrado com muita evidência, isso ficou confirmado não só nas falas delas, e das netas, como também foi observado por nós, durante as entrevistas. Um fato ocorrido foi que, em determinados momentos as avós paravam de falar para dar ordem ou perguntar coisas que queriam saber dos familiares, falar com os netos que estavam voltando da escola, ou ainda falar com as empregadas que estavam por perto; sem se preocuparem em interromper a entrevista. Voltavam a falar novamente, como se nada tivesse acontecido. Verificamos, então, como essas mulheres-avós com idade acima de 65 anos ainda mantêm o controle e participação na família.

Daí, a necessidade dos profissionais valorizarem em seus estudos e ações, a cultura de cada grupo, criando novas estratégias de trabalho com diferentes gerações e gêneros.

O estudo da velhice direcionado para a visão dos significados, traz contribuições importantes para a atuação não só do Serviço Social, junto às pessoas idosas como indivíduos, mas, também junto à

população idosa que recebe atendimentos nas instituições públicas, de modo geral. Conhecendo mais o cotidiano dessas pessoas, os profissionais conhecerão também os significados que têm para elas os atendimentos nas áreas de: saúde, lazer, trabalho, educação, questões da aposentadoria, habitação, transporte, e outras.

O aprofundamento nos conhecimentos da categoria família, isto é, conhecer as relações cotidianas dos familiares com seus membros de mais idade é importante, já que nem todos os idosos estão em asilos, ou em locais similares. Além de que, essa perspectiva de estudo possibilita conhecer a relação da pessoa idosa com ela mesma, com a família e com a sociedade moderna, no que se refere às mudanças ocorridas e como essas pessoas agem, para continuar ocupando um espaço na família e na sociedade.

Fica claro neste estudo que a condição de pertencer à camada média na estrutura social, como pequenos produtores e industriais, possibilitou a essas avós, aprenderem não só como produzir bens materiais, mas também como internalizar significados implícitos nesse modo de vida.

Assim, os símbolos que direcionam a relação de seus familiares estão intimamente ligados aos sistemas de símbolos que norteiam a camada média na sociedade maior.

Observamos que dois conjuntos de símbolos fundamentais, direcionaram as relações das mulheres-avós na família: trabalho e amor. Do trabalho, elas herdaram os significados dos pais do sexo masculino, com os quais as coisas do mundo público, mesmo que algumas vezes parecesse que este mundo não lhes pertencia. Pois a época resistia em dar-lhes este lugar. Nesse mundo público,

estavam: o lucro dos negócios, o controle dos gastos e das produções; a organização e a ordem; a razão, e de tudo isso, quem sabia e poderia tratar eram os homens, mas as mulheres-avós aprenderam.

Do Amor, elas herdaram os significados da própria natureza, quando trouxeram com elas, a condição de procriar, somando com o aprendizado que tiveram dos significados assimilados das suas mães, e elas aprenderam muito bem.

A ligação entre o Trabalho e o Amor, foi a tônica no relacionamento dessas mulheres-avós, que de uma forma ou de outra estavam presentes nas famílias. As diferentes formas de lidar com esses dois pontos importantes, fizeram as avó se tornarem diferentes das outras mulheres-avós. Elas souberam dar sentido para suas vidas. Esse sentido estava no futuro que as aguardavam, isto é, estar sempre em família. E, ainda ensinaram suas netas.

Assim, o estudo na perspectiva da cultura, demonstrou que no espaço da família, as mulheres-avós souberam unir, o que a sociedade separa: o trabalho ao amor.

Com esse elo fundamental, elas conduziram seus familiares de descendência italiana. E, forjaram ainda, uma identidade diferente de outras mulheres-avós.

Com a sensação de “missão cumprida” no projeto de vida de mulher, mãe, e agora avó, elas vão desfrutando do ambiente familiar com muita atenção e respeito voltados para a sua pessoa. E, as netas aprendem com elas.

Demonstrando a vontade de trabalhar, de participar das decisões da família, as avós não se consideram “velhas”, pois, elas criam

estratégias de driblar os pensamentos que levam a entender a velhice somente ligada ao processo degenerativo do corpo.

Assim, sendo, os significados que permeiam a velhice, a mulher e a família desse grupo estudado, interligaram-se, e deram substância ao resultado do nosso estudo, permitindo-nos avançar nas discussões dos estudos da velhice, com maior ênfase na família.

Observamos também, que o cuidado para com os membros idosos por parte da família é importante não só para ela como para o idoso também, pois a unidade familiar precisa manter os membros idosos de ambos os sexos, uma vez que a relação entre esses idosos e os mais jovens, de maneira íntima e prolongada, permite o seu fortalecimento e sua organização, formando uma unidade mais cooperativa. Por esse motivo, as mulheres-avós nessas famílias têm um espaço significativo, elas representam o “esteio” para as famílias naquilo que seus membros precisam ainda aprender com as avós. Fica evidente a importância da família para o idoso, na qual ele deve receber atenção, respeito. Uma vez que a família muitas vezes não percebe como estão tratando seus idosos.

Diante desse quadro, procuramos não apenas constatar e descrever a heterogeneidade cultural, mostrando as características diferentes desse grupo de mulheres-avós, mas arriscamo-nos a explicar o modo pelo qual essas características são produzidas socialmente, isto é, são construídas na relação entre avós e netos e com os familiares como um todo. Dessa maneira, tentamos explicar a natureza do próprio processo dessa heterogeneização; e ainda procuramos demonstrar as características diferenciadas desse grupo de mulheres-avós, ligadas as suas ações e significações com

o contexto sócio-cultural por elas vivenciado, em um universo específico, a cidade de Londrina.

Queremos chamar a atenção, que Londrina, recebendo o cognome de “Cidade Progressista”, certamente recebeu também desse grupo étnico, entre outros, a forma de passar o carinho, afeto às pessoas que aqui visitam, comparada com a “Casa das Avós”, onde tem uma “magia” de receber bem.

As diferentes etnias existentes na sociedade brasileira, nos levam afirmar que certamente outros grupos familiares agem de formas diferentes dessas avós. Contudo este estudo investigativo trouxe informações significativas. O relacionamento entre avós e netas em diferentes etapas da vida; a relação autoridade e afeto; a influência da avó na educação das netas; a presença das avós, nas lembranças dos netos, como protetora, orientadora, controladora e até como segunda mãe. Essas questões poderão ser pistas para outros estudos, solidificando as informações necessárias para os gerontólogos e outros técnicos ao trabalharem com a população idosa no Brasil.

Considerando que as diferenças de classes sociais, de culturas e de gênero interferem no processo de envelhecimento, é importante notar que as mulheres-avós e as netas trazem nas suas falas, dados significativos para novos estudos e ações profissionais junto às famílias e idosos.

A questão de gênero relacionada ao envelhecimento, é ainda pouco estudada. É nas relações de família um dos espaços importantes para entender o porquê mulheres vivem mais do que os homens. As avós e as netas souberam usar da expressividade humana e

manifestaram-se sobre suas intenções subjetivas, demonstrando a objetividade das relações entre as avós e seus familiares. Nesse sentido, conversar com essas mulheres avós e netas foi mais que uma aventura, foi uma fascinante experiência, de um trabalho de interpretação das representações dos fatos de suas vidas.

Este estudo marcou, na categoria família, as características de relações familiares tradicionais, em que o respeito às pessoas idosas, tinha um espaço determinado, dando satisfação e prazer para todos.

Mesmo que o modelo de família “excessivamente rígido e normativo que assumiu no século XIX”, tenha sido criticado por alguns grupos na sociedade contemporânea, a família é cada vez mais o espaço reivindicado pelos homens. Ela oferece, numa sociedade difícil, proteção, apoio, solidariedade e calor humano. É nesses fatores que a família em si como instituição resiste às reinvenções de novos tipos de famílias que vêm surgindo; nos quais a liberdade sem compromissos com os parentes querem ganhar espaço.

É preciso entender ainda que os serviços prestados pelo Estado, através dos setores da sociedade: saúde, lazer, trabalho, habitação, aposentadoria, educação, estão longe da humanização que o cidadão idoso do nosso país precisa e deve receber. E, isso o profissional ao trabalhar com esse segmento, deve perceber para rever seu modo de agir.

Compreender a velhice pela visão cultural, além de abrir espaço para novos trabalhos em direção a melhoria de vida no cotidiano, não só dessa faixa etária, mas de todo cidadão, em nosso país, também faz com que, o próprio idoso se volte para si mesmo, e redescubra seus sentimentos e valores. Demonstrando em sua re-

apresentação social, ser um cidadão participativo e bem informado de seus direitos e deveres. Esse modelo de velhice, despertará nas demais faixas etárias, outras perspectivas de ver o futuro. E, certamente no jogo das relações sociais, entre os idosos e a sociedade capitalista, todas as gerações sairão ganhando.

O sentido da vida das avós, por nós entrevistadas, esteve sempre em pauta, no futuro que as aguardavam, isto é, estar sempre em família.

O estudo apresenta com clareza, que essas avós souberam estabelecer estratégias para conseguir o espaço diferenciado na família. E, que viver em família e com amor e paz, sempre foi o desejo delas. Os depoimentos das avós e das netas não esconderam, que mesmo com tanto esforço das avós, os conflitos com as gerações mais novas, também aparecem. Isso prova a grande força ideológica que a sociedade maior têm sobre a família.

Além de demonstrar esses pontos importantes das questões de parentesco – avó na família – o estudo possibilitou, através das questões da transferência de experiência de vida, verificar como as pessoas idosas convivem com os mais jovens, no mundo da casa. Mesmo que muitas vezes essas relações provoquem tensões, a troca social existe, como um jogo de significados, que têm valor tanto para uma geração, como para outra, criando-se uma respeitabilidade em relação àquela que melhor sabe manejar as regras desse jogo.

Finalizando, queremos ressaltar que o estudo com as mulheres-avós e netas nos fez perceber que cada membro da família, reage sobre todos os outros e é por eles afetado. E, que justamente no

movimento indefinido deste jogo, temos que apreender os significados das diferentes gerações, e é com eles que devemos trabalhar.

BIBLIOGRAFIA

ACKERMAN, Nathan W. et alii. *Família y conflito mental*. Buenos Aires, Hormé, 1976.

ALVIM, Zuleica M. F. *Brava gente! Os italianos em São Paulo; 1970-1920*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

ARAUJO, Silvia Maria Pereira. A Problemática da velhice. *Caderno de Cultura e Pesquisa*; Terra e Cultura, 1 (1), 1985.

ARENDT, Hannah. *A Condição humana*. Rio de Janeiro, Forense, 1981.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. Ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

BACH, J. Marcos. *O futuro da família; tendências e perspectivas*. Rio de Janeiro, Vozes, 1983.

BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado; o mito do amor materno*. 5. Ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

BARROS Myriam Lins de. *Autoridade e afeto; avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

_____. Testemunho de vida; um estudo antropológico da mulher na velhice. In: _____. *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice; a realidade incômoda*. São Paulo, DIFEL, 1976.

_____. *O segundo sexo; a experiência vivida*. 4. Ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

BEIGUELMAN, Pula. *A formação do povo no complexo cafeeiro; aspectos políticos*. São Paulo, Pioneira, 1978.

BERGER, Peter & Thomas Luckmann. *A construção social da realidade*. 2. Ed. Petrópolis, Vozes, 1974. (Coleção Antropológica, 5).

BIANCO, Bela Feldman. A Família na história e na antropologia; mitos, conjecturas e prelúdios da realidade? *Caderno Ceru*, (19), 1984.

BONDER, Glória. A ilusão de naturalidade e a maternidade. In: NEGREIROS, Tereza Creuza de G. M., org. *Aspectos psicológicos da condição feminina*. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, 1982. (Núcleo de Estudos sobre a Mulher SOC/003).

BORDIEU, Pierre. Condição de classe e posição de classe. In: AGUIAR, Neuma, org. *Hierarquias em classes*. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

BORTZ II, M. D. Walter. *Viva mais de 100 anos*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Era, 1995.

BOSI, Ecléa. *Lembranças de velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1979.

BRUHL, Dieter. Estrutura da família e estrutura social; algumas experiências teóricas e metodológicas com o desenvolvimento de tipos de família *Caderno CERU*, (18): 49, 1983.

BRUSCHINI, Cristina et alii. A Família, a estrutura social e as formas de participação na produção social. *Caderno CERU*, (18): 147, 1983.

CANCIAN, Nadir Aparecida. *Caféicultura paranaense – 1900/1970*, Curitiba, Grafipar, 1981. (Estudos Paranaenses).

CANEVACCI, Máximo, org. *Dialética da família*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

CANÕAS, Cirlene Swain. *A condição humana do velho*. São Paulo, Cortez, 1983.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant, org. *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo, Cortez Editora, 1997 2º Edição.

CASTRO, Odair Perugini, org. *Velhice que Idade é Esta?* Porto Alegre. Ed. Síntese Ltda. 1998.

CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti. *Industrialização e pequenos empresários em Londrina*. Curitiba-PR, Estudos Paranaenses, Grafipar, 1981.

_____. Família. A necessidade de recuperação do valor explicativo de uma categoria sociológica esquecida. *Boletim da Universidade Estadual de Londrina*, 4:15, 1982.

CHAUI, Marilena. *Cultura e Democracia*. São Paulo, Ed. Moderna, 1982 3º ed.

CHODOROW, Nancy. Estrutura familiar e personalidade feminina. In: ROSALDO, Michelle Zimbalist & LAMPHERE Louise, org. *A mulher, a cultura, a sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 2. Ed. Rio de Janeiro, GRAAL, 1983.

DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua; espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

_____. *Relativizando; uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro, Rocco, 1987.

DEBERT, Guita Grin. Histórias de vida e experiências de envelhecimento para mulheres de classe média em São Paulo, *cadernos CERU*, (19): 26, 1984.

DURHAM, Eunice. *Família e reprodução humana*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981. (Perspectivas Antropológicas da Mulher, 2).

_____. A família e a mulher. *Cadernos CERU*, (18): 7, 1983.

_____. A família operária; consciência e ideologia. *Revista Dados*, 23 (2), 1980.

_____. A reconstrução da realidade. *Revistas Ensaios*, (54), 1978.

_____. A dinâmica cultural na sociedade moderna. *Revista Ensaios*, 1977.

_____. A pesquisa antropológica com populações urbanas; problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth, org. *a aventura antropológica; teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

- _____. Cultura e ideologia. *Revista Dados*, Rio de Janeiro, 27 (1): 71, 1984.
- _____. Cultura e patrimônio cultural. In: ARANTES, Antônio A. estratégias de construção do patrimônio cultural produzindo o passado. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- EVERS, Tilman. Sobre o comportamento político das classes médias no Brasil. In: KRISCHKE, Paulo J. org. *Brasil: do milagre à abertura*. São Paulo, Cortez, 1982.
- FALEIROS, Vicente de Paula. *A política social do estado capitalista; as funções da previdência e da assistência sociais*. São paulo, Cortez, 1980.
- FRANCHETTO, Bruna et alii. Perspectivas antropológicas da mulher. *Antropologia e feminismo (1)*.
- GEERTZ, Cliff. A interpretação das culturas. *Revista Ensaio*, (54), 1978.
- GOODE, William J. *A família*. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais). São Paulo, 1970.
- HADDAD, Eneida Gonçalves Macedo. *A ideologia da velhice*. São Paulo, Cortez, 1986.
- HAYFLICK, Leonard. Como e Por que Envelhecemos. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1996.
- HELLER, Agnes. *A crise da família e o futuro das relações entre os sexos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971.
- IAMAMOTO, Marilda & CARVALHO, Raul de. *Relações sociais e serviço social no Brasil; esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. São Paulo, Cortez, CELATS, 1982.
- KASTNBAUM, Robert. *Velhice; anos de plenitude – a psicologia e você*. São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1981.
- KITZINGER, Sheila. *Mães; um estudo antropológico da maternidade*. Portugal, Presença, 1978.
- KORNBLIT, Anália. *Semiótica de las relaiones familiares*. Buenos Aires, EDITORA, 1984.
- KRISCHKE, Paulo J., org. *Brasil: do milagre à abertura*. São Paulo, Cortez, 1982.

- LAMPHERE, Louise & ROSALDO, Michelle Z., coord. *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo; a vida americana numa era de esperança em declínio*. Rio de Janeiro, Imago, 1983.
- LEITE, Miriam Moreira. *A condição feminina no Rio de Janeiro; século XIX*. São Paulo, Hucitec, 1984.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. São Paulo, Vozes, 1976. (Coleção Antropológica, 9).
- LEVI-STRAUSS. Et alii. *A família, origem e evolução*. Editorial Vila Martha, 1980.
- LINTON, Ralph. *O homem; uma introdução à antropologia*. 5. Ed., Martins, 1953.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço; cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- MEAD, Margareth. *Sexo e temperamento*. 2. Ed. São Paulo, Perspectiva, 1979. (Debates antropologia).
- MERQUIOR, José Guilherme. *Michael Foucault ou o nihilismo da cátedra*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- MILLS, Wright. *A nova classe média*. 3. Ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- MORAGAS, Ricardo Moragas. *Gerontologia Social – Envelhecimento e Qualidade de Vida*. São Paulo, Paulina, 1997.
- NERI, Anita Liberalesso, org. *Psicologia do Envelhecimento*. Campinas, S.P., Papirus, 1995.
- NOVAIS, Maria Helena. *Conquistas Possíveis e Rupturas Necessárias*. Rio de Janeiro, Editora Grypho, 1995.
- OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Vidas Compartilhadas*. São Paulo, Editora Hucitec, 1999.
- ORTIZ, Renato, org. *Pierre Bourdieu; sociologia*. São Paulo, Ática, 1983, 191p. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 39).
- POSTER, Mark. *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- POULANTZAS, Nicos. *As classes sociais no capitalismo de hoje*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

- PRADO, Danda. *O que é família*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. 4. Ed. Rio de Janeiro, Dois Pontos, 1986.
- ROSALDO, Michele e Louise LAMPERE. *A mulher, a cultura e a sociedade*. Ed. Paz e Terra, 1979.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *A Família em Desordem*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.
- SAES, Décio. *Classe média e sistema político no Brasil*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1985 (Série 1ºs Estudos Brasileiros, 6).
- SALEM, Tania. *O velho e o novo; um estudo de papéis e conflitos familiares*. Petrópolis, Vozes, 1980.
- _____. Conflito, poder e negociação na família; a questão gerencial. *Revista Dados*, 23 (2): 185, 1980.
- _____. Mulheres faveladas; com as vendas nos olhos. In: _____. *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro, 1981.
- Santos, Theotônio dos. *Conceito de classes sociais*. Rio de Janeiro, Vozes, 1982.
- SAY, Nicolas. A situação dos idosos na sociedade pós-industrial. *Revista Debates Sociais*, 14-20.
- SEEGER, Antony. *Os índios e nós; estudos sobre sociedades tribais brasileiras*. Rio de Janeiro, Campus, 1980.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico; diretrizes para o trabalho didático-científico na Universidade*. 13. Ed. São Paulo, Cortez, 1986.
- SAPIRO, Harry L. *Homem cultura e sociedade*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1966.
- SPOSATI, Aldaíza de Oliveira, et alii. *Assistência na trajetória das políticas sociais brasileiras; uma questão em análise*. São Paulo, Cortez, 1985.
- THIRIET, Michele Suzanne Képès. *Mulheres de 50 anos*. Porto Alegre. Editora L& PM, 1994.
- TORRE, M. B. L. Della. *O homem e a sociedade*. Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1985.

TOURAINÉ, Alain, et alii. *Classes médias e política no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. (Coleção Estudos Brasileiros, 17).

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis, Vozes, 1978. (Antropologia, 11).

VASQUEZ, Adolfo Sanches. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

<i>Título</i>	<i>Gênero, família e representação social da velhice</i>
<i>Autora</i>	Iolanda Lourenço Leite
<i>Capa</i>	Claudia Cirineo Ferreira Monteiro
<i>Fotos da Capa</i>	Hans Kopp; José Juliani; Carlos Stenders; Acervo do Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss
<i>Projeto Gráfico</i>	Claudia Cirineo Ferreira Monteiro
<i>Produção Gráfica</i>	Maria de Lourdes Monteiro
<i>Preparação de originais</i>	Lélia Machado da Rocha Pereira; Jessica Marchetti Gon; Marina Stuchi
<i>Revisão final</i>	Paula Gerez Robles Campos Vaz
<i>Formato</i>	16 x 23 cm
<i>Tipologia</i>	Garamond
<i>Papel</i>	Supremo 250 g/m ² (capa) Pólen rustic areia 85 g/m ² (miolo)
<i>Número de páginas</i>	240